

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

MÁRCIO FARIA DE AZEVEDO

**CONCILIAÇÕES ENTRE FORMAÇÃO ESPORTIVA E FORMAÇÃO ESCOLAR:
UM ESTUDO DAS SELEÇÕES BRASILEIRAS MASCULINAS DE BASQUETEBOL
DE BASE**

**VITÓRIA
2014**

MARCIO FARIA DE AZEVEDO

**CONCILIAÇÕES ENTRE FORMAÇÃO ESPORTIVA E FORMAÇÃO ESCOLAR:
UM ESTUDO DAS SELEÇÕES BRASILEIRAS MASCULINAS DE BASQUETEBOL
DE BASE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na área de concentração de Estudos socioculturais da Educação Física, esporte e lazer

Orientador: Prof. Dr. Wagner dos Santos
Coorientador: Prof. Dr. Antônio Jorge Soares

VITÓRIA
2014

Dedico à minha esposa, Grasiela.
Aos meus filhos, Gabriel e Ana Helena.
À minha mãe, Wilma.
Aos meus irmãos, Fernando, Miguel, Sérgio e Luiz Felipe.
Ao meu pai, Fernando Grijó de Azevedo (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Não tenho o menor problema em agradecer e atribuir honra a pessoas extremamente importantes para que eu chegasse a este momento. Assumo que muitos foram aqueles que contribuíram para a produção desta dissertação. Todavia, gostaria de agradecer em especial:

Ao professor Dr. Wagner dos Santos, professor que se constitui em meu “pai acadêmico”, uma vez que, assim como nesta fase de minha formação, também me orientou na obtenção de meu título de graduação. Sua confiança em me receber como orientando no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Ufes proporcionou me tornar uma pessoa melhor. Obrigado por todas as considerações feitas em relação à pesquisa e também pelos momentos destinados a estimular em mim um olhar de pesquisador.

Ao professor Dr. Antônio Jorge Gonçalves Soares por, mesmo diante de algumas adversidades, permitir que continuasse enveredando por meu objeto de estudo. Sua confiança e desprendimento durante a transição foram cruciais para que eu chegasse até aqui.

Ao professor Dr. Felipe Rodrigues da Costa pela disponibilidade para me socorrer em nossos encontros “gastronômico-pedagógicos” e por ter acreditado que eu fosse capaz de desenvolver esta pesquisa.

Ao professor Dr. Otávio Tavares pela leitura criteriosa e sugestões no processo de qualificação da pesquisa e também por me proporcionar aprender com suas experiências, muitas delas compartilhadas em sala de aula.

Aos amigos do Proreitoria por me ensinarem mais sobre ações colaborativas e generosidade, socorrendo-me quando situações oriundas de minha inexperiência inicial me consumiam.

À minha esposa, Grasielle, por, em muitos momentos, ter assumido as responsabilidades sobre às nossas crianças, para que eu pudesse investir o tempo de nossos fins de semana na pesquisa. Não foram poucos os períodos de preocupação em relação ao mestrado, mas em todo o tempo você se mostrou “zeladora de seu lar” e me encorajou a prosseguir. Esta conquista também é sua!.

À minha mãe e aos meus irmãos, Fernando, Miguel, Sérgio e Luiz Felipe. A preocupação em honrá-los, assim como ao “Seu Fernando”, sempre me serviu de incentivo para que eu não desistisse e soubesse que seria capaz de finalizar esta etapa, não me afastando da convicção de que tudo daria certo. Obrigado por estarem comigo em todos os sentidos nesta caminhada.

Existem amigos craques na “palavra certa na hora certa!”. Ao Pastor Maia, à Juliana Matos, à Angélica Barcellos, ao Alexandre Salgado, aos amigos do COES e aos meus companheiros de turma meu muito obrigado!

À Confederação Brasileira de Basketball, na pessoa do senhor Vanderlei Mazzuchini Júnior, diretor de seleções masculinas do órgão, por permitir minha presença junto aos atletas para a realização desta pesquisa.

Ao meu maior Mestre, Jesus Cristo, porque Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas!

RESUMO

A pesquisa se caracteriza pela abordagem plurimetodológica do tipo qualitativa/quantitativa, e tem como objetivo investigar de que maneira se constroem as estratégias de conciliação entre a formação esportiva e escolar em atletas de elite que servem às seleções brasileiras masculinas de basquetebol Sub 17 e Sub 19. O estudo se organizou em três capítulos. Do tipo “estado do conhecimento”, o primeiro capítulo tem por objetivo mapear as produções acadêmicas que tratam da conciliação entre formação escolar e formação esportiva. Utiliza como fonte a base de dados Scielo para busca nacional e o Portal Periódicos Capes para busca internacional. Foram encontrados 17 artigos distribuídos em 13 periódicos. Os dados foram classificados/analísados por meio de indicadores bibliométricos, como distribuição anual, distribuição por revista, relação autoral e origem demográfica. Para análise também foram levados em consideração uma tese de doutorado, três dissertações de mestrado e três trabalhos apresentados em congresso, além de um número especial de periódico, não localizado nas bases escolhidas. Mostra que a preocupação com o tema surge na Europa e nos Estados Unidos, na década de 70, e que, no Brasil, essa questão passa a ser abordada nos anos 2000. Demonstra tentativas de conciliação entre as formações realizadas em países da Europa, Estados Unidos e Brasil, além da importância da família e do pertencimento de classes sociais na possibilidade de priorização a uma das formações envolvidas. O segundo capítulo, de natureza quali-quantitativa, investiga as estratégias utilizadas pelos atletas convocados em 2013 para as seleções brasileiras de basquetebol masculinas de base Sub 17 e Sub 19 anos, quanto às possíveis conciliações entre formação esportiva e escolar. Busca, ainda, compreender a influência das convocações para as seleções nacionais nos índices de escolaridade desses atletas de elite, como abandono, atraso e repetência escolar. A pesquisa mostra que esse grupo de atletas de elite apresenta médias de repetência, abandono e atraso escolar maiores que as médias nacionais. O terceiro capítulo analisa o entendimento desse grupo de jovens atletas em relação à formação escolar ou, ainda, se um possível desinteresse do grupo pelo modelo atual de escola se daria apenas pelo fato de serem esportistas de elite. Para isso, recorre às possibilidades de investigação oriundas da segunda metade do questionário utilizado como instrumento para adotar uma metodologia de livre associação de palavras direcionadas a partir de quatro palavras indutoras (estruturas semânticas), a saber: “treinar”, “estudar”, “ir a escola” e “competir”. Essa associação livre é usualmente utilizada como suporte teórico/metodológico em pesquisas que investigam representação social

(ACOSTA, 2005). Ao dar visibilidade a essas questões nota-se que a posição desses atletas, em relação à escola, não difere das encontradas em outras pesquisas que tratam de jovens inseridos no ensino médio. A falta de significado do que se aprende na escola em relação ao que eles desejam desenvolver como atividade laboral, faz com que a escola seja entendida como monótona, mas, ao mesmo tempo, necessária, caso seus projetos de formação esportiva não aconteçam.

Palavras-chave: Escolarização. Escola. Esportes. Basquetebol. Jovens

ABSTRACT

The research is characterized by a qualitative / quantitative type, and has the objective to investigate how strategies have build conciliations between sports and academic foundation in elite athletes from the Brazilian's Men National Basketball U-17 and U- 19 . The study is organized into three chapters, " state of knowledge " , the first chapter aims to chart the academic productions that deal on the compatibility between academics and sports training . Used as a source of database for Scielo national research and Portal Periódico Capes for international research. A sum of 17 articles covering 13 journals were found . The data were sorted / analyzed by bibliometric indicators such as annual distribution, magazine distribution, authorial relationship and demographic origin. For analysis were also considered a doctoral thesis three dissertations and three papers presented at the congress as well as a special issue of the journal, not located in the chosen bases. Shows that the concern over the issue arose in Europe and the United States in the 70s, in Brazil, the issue shall be addressed in the 2000s. Demonstrates attempts at reconciliation between training activities in countries of Europe, United States and Brazil , and the importance of family, and belonging to social classes in the possibility of a prioritization of training involved . The second chapter, the qualitative and quantitative nature, investigates the strategies used by athletes assembled in 2013 to the Brazilian men's basketball youth teams U- 17 and U-19 years , as the possible reconciliations between sports and academic foudation. Searching further understanding of the influence for the selection process for the national teams in schooling levels of these elite athletes, such as dropout, delay in school years and etc. The research gives prominence to the percentages that shows, for example, averages of flunking student-athletes, dropout and school delay in this larger group of athletes compared to the national averages. The third chapter seeks to analyze what is the understanding of this group of young athletes in relation to schooling, or whether a possible lack of interest of this group by the current school models would only be because they are elite athletes. For this, we use the research possibilities arising from the second half of the questionnaire used as a tool to devise a methodology of free word association directed from four inducing words (semantic structures) , namely: " training " , " studying " , " go to school "and " compete " . This free membership is usually used as a theoretical / methodological support in research investigating social representation (ACOSTA, 2005) Showcasing these questions we note that the relative position of these athletes the school does not differ from those found in other studies dealing with young people placed in high

school . The lack of significance of what is learned in school in relation to wanting to develop as a work experience , causes the school is perceived as dull , but at the same time, necessary if your dreams/projects do not happen in sports training .

Keywords: Schooling. School. Sports. Basketball. Youth

LISTA DE SIGLAS

APABA – Associação de Pais e Amigos do Basquete

AVA – Ambiente Virtual Acadêmico

CBB – Confederação Brasileira de Basketball

CESEC – Centro Estadual de Educação Continuada

GEO – Ginásio Esportivo Olímpico

LABEC – Laboratório de Pesquisa em Educação do Corpo

LDB – Liga de Desenvolvimento de Basquete

LNB – Liga Nacional de Basquete

MG – Minas Gerais

NBA – National Basketball Association

NBB – Novo Basquete Brasil

NCAA – National Collegiate Athletics Association

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SP – São Paulo

S17 – Seleção Brasileira de Basquetebol Masculino Sub 17

S19 – Seleção Brasileira de Basquetebol Masculino Sub 19

TLP – Treinamento de Longo Prazo

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
MÉTODOS.....	17
JUSTIFICATIVA.....	19

CAPÍTULO I

1 A PRODUÇÃO ACADÊMICA REFERENTE ÀS RELAÇÕES ENTRE FORMAÇÃO ESCOLAR E FORMAÇÃO ESPORTIVA21

1.1 INTRODUÇÃO.....	21
---------------------	----

1.2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	23
---	----

1.3 RITMO DE PRODUÇÃO E FONTE.....	25
------------------------------------	----

1.4 DISTRIBUIÇÃO POR PAÍS, AUTOR E INSTITUIÇÃO.....	27
---	----

1.5 DIÁLOGO COM AS QUESTÕES APRESENTADAS.....	30
---	----

1.5.1 Índícios conflituosos relativos à formação esportiva e escolar de estudantes atletas.....	31
--	-----------

1.5.2 Tentativas de conciliação entre as formações.....	37
--	-----------

1.5.3 Família, escola e formação escolar e esportiva.....	44
--	-----------

1.6 APONTAMENTOS FINAIS.....	46
------------------------------	----

CAPÍTULO II

2. CONCILIAÇÕES ENTRE FORMAÇÃO ESPORTIVA E FORMAÇÃO ESCOLAR: UM ESTUDO DAS SELEÇÕES BRASILEIRAS MASCULINAS DE BASQUETEBOL SUB 17 E SUB 19.....48

2.1 METODOLOGIA.....	53
----------------------	----

2.2 CONTEXTUALIZANDO O ESTUDO.....	54
------------------------------------	----

2.3 MERCADO ESPORTIVO NO BASQUETEBOL.....	57
---	----

2.4 PERFIL DAS SELEÇÕES.....	60
2.4.1 Moradia, tipo de escola e turno de frequência escolar	62
2.4.2 Viagens e abono da ausência escolar.....	69
2.4.3 Índices de repetência, abandono e atraso escolar.....	74
2.4.4 Características familiares dos atletas.....	77
2.4.5 Salários e Bolsa Atleta.....	78
2.5 APONTAMENTOS QUANTO AOS ATLETAS DE ELITE.....	80
CAPÍTULO III	
3. O ATLETA DE ELITE E A ESCOLA.....	84
3.1 INTRODUÇÃO.....	83
3.2 RECONHECIMENTO DAS FORMAÇÕES.....	85
3.3 A ESCOLA NA ÓTICA DOS ATLETAS DE ELITE.....	93
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	104
APÊNDICES	
APÊNDICE A – Questionário semiestruturado.....	109
APÊNDICE B –Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	122
APÊNDICE C–Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.....	124

INTRODUÇÃO

A escolha do Brasil como sede de megaeventos esportivos até 2016 tem contribuído para o surgimento de programas fomentadores de práticas esportivas e, por consequência, para o aumento do número de oportunidades para que crianças e adolescentes tenham acesso às diversas modalidades esportivas.¹

Os “sonhos” ligados à profissionalização esportiva fazem com que jovens em idades cada vez mais precoces e ainda em idade escolar dediquem importante parte de seu tempo a treinamentos em diferentes modalidades esportivas, muitas vezes em regime de albergamento e afastados de suas famílias (PAOLI, 2007). Corroborando a questão da grande dedicação de tempo à formação esportiva, Correia (2014) nos traz dados a respeito da dedicação média de tempo de jovens aos treinamentos, levando em consideração a idade mínima de sua entrada na modalidade e a idade máxima para a profissionalização, apontando que, no remo, esse tempo chega a 4.500 horas de treinamento, enquanto no atletismo, são 3.970 horas de dedicação. Essa rotina esportiva se organiza no intuito de desenvolverem capital físico² exigido para se profissionalizarem no esporte,³ ocasionando uma concorrência entre as formações escolar e esportiva.

As demandas temporais de dedicação às formações em momento simultâneo ocasionam uma tensão expressa em estudos que apontam, por exemplo, a diferença de aproveitamento nas notas escolares de estudantes atletas e não atletas (SACK; THIEL, 1979). Na pesquisa, os estudantes que precisavam dividir as atenções entre as formações escolar e esportiva apresentavam defasagem de notas, quando comparados com estudantes regulares. Essa condição resultou em um questionamento em relação ao futuro profissional dos estudantes atletas que não obtivessem sucesso na carreira esportiva, mesmo após tanta dedicação ao esporte, já que chegariam ao mercado de

¹ O Ministério do Esporte iniciou em 2013, em parceria com o governo do Espírito Santo, o Centro Olímpico do Espírito Santo (Coes), primeiro de uma série de 22 centros olímpicos que serão replicados pelo país e que estão inseridos em uma rede nacional de treinamento. O projeto visa a oferecer condições para atletas de base e de alto rendimento desenvolverem suas habilidades esportivas orientados por comissões técnicas especializadas, além de estrutura de promoção de saúde e de suporte ao atleta. Hoje, o Coes já atende aproximadamente a 300 atletas distribuídos em sete modalidades e, em 2014, outras duas modalidades serão agregadas ao Centro de Treinamento (Disponível em:< www.coes.es.gov.br>. Acesso em: 5 ago 2013

² Entendido como o capital desenvolvido a partir de treinamentos específicos para o campo profissional esportivo (MCGILLIVRAY; MCINTOSH, 2006)

³ No futebol, por exemplo, jovens envolvidos no processo de formação esportiva da modalidade apontam, como motivação inicial, o desejo de “ser o melhor no esporte”(INTERDONATO et al., 2008 p. 64), o que, na visão destes, resultaria em uma futura carreira profissional de sucesso.

trabalho formal em condições deficitárias para competirem na aquisição de vagas de emprego que não valorizassem as qualidades de seu capital físico.

Parker (2000) mostra a percepção, por parte de jovens atletas, de que o esporte necessita de dedicação integral, influenciando em um afastamento do ambiente escolar. Hickey e Kelly (2008) sinalizam a possibilidade de lesões limitadoras ao longo da carreira esportiva, o que impossibilitaria desempenhá-la como opção profissional. O risco de lesões, associado a uma possível priorização anterior da formação esportiva, poderia ocasionar uma grande dificuldade na transição para o mercado de trabalho formal. Tais constatações contribuíram para a criação de programas de educação e preparação desses atletas para o mercado de trabalho não esportivo.

Percebemos que são observados diferentes “interesses” pelo estudante atleta nos campos de formação escolar e esportiva, mesmo quando essa formação acontece em um “ambiente” de desenvolvimento comum (neste caso, a escola). Talvez isso ocorra pois, como nos mostra Lee (1983), o próprio estudante atleta já ingresse no ambiente de formação escolar considerando seriamente as carreiras esportivas profissionais, influenciado pelo aumento da exposição na mídia das modalidades esportivas e incentivado pelo *status* socioeconômico oferecido aos atletas profissionais. Essa posição contribuiria para o quadro de concorrência entre escola e esporte. Alves e Pieranti (2007) mostram que muitas vezes é a qualidade do programa esportivo em determinada modalidade, em certa universidade americana, que faz o aluno optar por estudar nessa instituição.

Aliado a isso, Barros (2001) aponta para o fato de que os atletas já são capazes de perceber que a educação não desempenha papel de valorização no mercado de trabalho esportivo, atribuindo o sucesso na modalidade principalmente pelas qualidades atléticas do indivíduo, ou seja, seu capital físico.

Nesse cenário, buscaremos compreender melhor estas questões de possíveis estratégias de conciliação⁴ e/ou priorização dessas formações por parte de atletas de elite a partir do empréstimo dos conceitos de capital cultural e suas características

⁴ Tomamos de empréstimo o estudo de Costa (2012) para conceituar essa ideia, apresentando o termo “conciliação” como a proposição que tenta equilibrar os tempos escolares e de treinamentos; “flexibilização”, que é o afrouxamento das normas estabelecidas principalmente por parte das instituições escolares, para que as demandas da formação esportiva sejam atendidas; e “harmonização”, que se apoia na legislação brasileira, relacionando a formação esportiva com o aproveitamento e a promoção escolar.

peculiares (BOURDIEU, 1989), e de capital físico (McGILLIVRAY; McINTOSH, 2006). De maneira geral, entendemos estratégias de conciliação entre formação escolar e esportiva como as maneiras como são construídas as condições para a manutenção de frequência e, em alguns casos, de rendimento escolar do estudante atleta por eles mesmos, pelas famílias e instituições esportivas e escolares

Assim, as discussões relativas ao tema apresentam como eixos principais o fato de as formações acontecerem de maneira concomitante, de demandarem grande dedicação de tempo, e de poucos jovens alcançarem êxito nesta “aposta” (LEE, 1983), expondo-se posteriormente a um possível comprometimento de inserção no mercado de trabalho formal, já que entendemos se apresentar como positiva a relação⁵ entre formação escolar, formalização de emprego e valor do salário, dados apontados por Schwartzman e Cossío (2007) e Araújo e Barbosa (2008).

Este estudo se constitui como integrante de um projeto maior denominado “Escolarização e Esportes”, que se iniciou em 2007, pesquisando as características particulares do futebol (SOARES; BARTHOLO, 2009; MELO, 2010; BARTHOLO et al., 2011; ROCHA et al., 2011; BARRETO, 2012). Na pesquisa de Melo (2010), embora se questione a diversidade da amostra com relação a questões geográficas e sociais como fator que possa “comprometer” a análise, percebemos maior escolarização dos envolvidos em relação à média de escolarização do Rio de Janeiro, porém surgem alguns entraves para o pleno desenvolvimento do capital cultural institucionalizado. Talvez o mais importante seja a migração dos alunos para o ensino noturno, à medida que ascendem de categoria. Esse fator os expõem a uma carga horária curricular reduzida e a uma inadequação dos conteúdos, já que estes são pensados a princípio para um público de jovens trabalhadores que frequentam esse turno escolar. Diante dos resultados obtidos, o grupo avançou na direção de outras modalidades,⁶ aumentando as

⁵ Schwartzman e Cossío (2007) mostram que indivíduos com até 11 anos de escolaridade (que não finalizaram o ensino médio) apresentam rendimentos muito baixos e níveis de desemprego muito altos. Araújo e Barbosa (2008) indicam a relação positiva entre a formação escolar, a formalização do emprego e o valor do salário, mostrando que existe uma tendência de quanto maior for o tempo de estudo do indivíduo, maiores as suas chances de melhor inserção no mercado formal de trabalho.

⁶ A pesquisa a respeito do tema Escolarização e esporte surge no Brasil em 2007. Bartholo e Soares (2009) e Melo (2010) apresentam trabalhos ligados ao futebol. A seguir, Romão, Costa e Soares (2011) e Soares, Rocha e Costa (2011) estudam voleibol e turfe, respectivamente. A modalidade futebol volta a ser apresentada em Rocha et al. (2011) e Barreto (2012). Por sua vez, Costa (2012) apresenta seu estudo em relação ao futsal feminino.

chances de entendimento da questão de interesse também em outros ambientes esportivos.

Percebemos que nenhum desses estudos tinha como amostra atletas de elite envolvidos com a modalidade basquetebol e nem pesquisaram atletas que servem às Seleções Brasileiras.⁷ Estes apresentam características peculiares para que sejam atendidas as demandas de treinamento, viagem e disputa efetiva de campeonatos internacionais que podem influenciar o cotidiano escolar desses jovens.

Essas peculiaridades serão apresentadas melhor à frente, e levantam alguns questionamentos quanto a esse grupo de atletas de elite que buscaremos analisar durante este estudo, tais como: quais são suas estratégias para conciliar a formação escolar e esportiva? Ou, então: que visão esses atletas têm da escola nos moldes como ela se apresenta hoje? O que representam essas convocações para a Seleção Brasileira nas trajetórias escolares desses atletas?

Sabemos que, embora em nosso país se busque justificar a evolução da qualidade da escola na sociedade por meio da apresentação de números referentes ao aumento de alunos matriculados, o lugar ocupado pela escola na sociedade não tem atraído esses jovens estudantes atletas.⁸ Neri (2009a) mostra, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2006, que 40,3% dos jovens entre 15 e 17 anos⁹ que evadiram da escola o fizeram por não possuírem interesse intrínseco nela.¹⁰ Somado a isso, de certo modo, no caso de estudantes atletas de elite, estes já são capazes de perceber que o sucesso na carreira esportiva independe do capital cultural institucionalizado¹¹ conquistado na escola, posição, como dissemos, corroborada por Barros (2001).

Diante do contexto apresentado, buscamos investigar de que maneira se constroem as estratégias de conciliação entre a formação esportiva e a escolar em atletas

⁷ Melo (2010) relata ter encontrado um jogador de futebol de categoria de base com passagens pela Seleção Brasileira, mas que, no momento da pesquisa, estava a serviço de seu clube.

⁸ Quase a totalidade dos alunos matriculados em escolas públicas apresentam déficit em relação ao seu desempenho em determinada série (SCHWARTZMAN; COSSIO, 2007). Jovens entendem o período escolar como uma “obrigação” necessária para a obtenção de um diploma (DAYREL, 2007).

⁹ No caso de uma trajetória regular na escolarização, essa faixa etária seria compatível com o ensino médio.

¹⁰ Também foram apontadas pelo autor outras questões impeditivas de acesso à escola como doença ou incapacidade, falta de vagas para estudar, falta de transporte para a escola, além de necessidade de trabalhar e contribuir com a renda familiar.

¹¹ Capital cultural caracterizado por títulos e diplomas adquiridos na escola.

de elite que servem às seleções brasileiras masculinas de basquetebol Sub 17 e Sub 19. Esses estudantes atletas apresentam características peculiares para que sejam atendidas as demandas de treinamento, viagem e disputa efetiva de campeonatos internacionais que podem influenciar o cotidiano escolar desses jovens, nas médias de evasão escolar, repetência e relação idade/série. Analisa-se também como esses atletas, a partir do momento que fazem parte da elite de sua modalidade em sua faixa etária, atribuem importância à escola e à aprendizagem escolar, uma vez que existe uma imagem socialmente aceita relativa à incompatibilidade entre as formações escolar e esportiva. Essa condição precisa ser relativizada uma vez que foi desconstruída, por exemplo, em Melo (2010), que aponta atletas de base do futebol do Rio de Janeiro com um melhor nível de escolarização do que as médias gerais da população na mesma faixa etária, embora não tenha sido possível aferir a qualidade do ensino.

MÉTODOS

Esta pesquisa se organiza em três etapas. A primeira busca compreender, por meio das produções acadêmicas nacionais e internacionais, as maneiras de conciliação entre as formações escolar e esportiva. Foi desenvolvida mediante pesquisa do tipo “estado do conhecimento”¹² para entender o contexto ou movimento das estratégias que vêm sendo utilizadas em outros países e no Brasil na busca de proporcionar a atletas de elite uma situação adequada de harmonização escolar.

O segundo estudo analisou o perfil educacional do grupo de jogadores convocados para a Seleção Brasileira de Basquetebol Sub 17 e Sub 19 no ano de 2013. As categorias de análise que orientam a construção dos questionários também servirão de base para o roteiro de entrevista (semiestruturada), a saber: a) formação esportiva; b) escolarização; c) história familiar e d) rotina da vida atual.

O terceiro se dará a partir da análise do significado atribuído por esses atletas de elite aos termos “treinar”, “estudar”, “ir à escola” e “competir”, utilizando-se da livre associação de palavras, uma identificação das associações e sentimentos que permeiam as relações dos atletas na conciliação dos campos esportivo e escolar, buscando

¹² Desenvolvidas, por serem capazes de apontar a distribuição da produção acadêmica a respeito de um tema, por meio de conexões estabelecidas entre elementos contextuais e um conjunto de outras variáveis, como data de publicação, temas e periódicos (MOROSINI *et al.*, 2002, ANDRÉ, 2009; MATOS *et al.*, 2013). O periódico, nesse caso, assume uma conotação de fonte privilegiada, a partir das quais verificamos as “[...] predominâncias ou recorrências temáticas e informações sobre produtores [...]” (CATANI; SOUSA, 1999, p. 11).

compreender essas questões de conciliação e priorização das formações pelo olhar de como a escola se apresenta para esses jovens nos dias atuais. Para aumentar o poder de análise, os resultados obtidos poderão ser comparados com estudos similares.

Este estudo apresentará uma abordagem quali-quantitativa e se utilizará de dois momentos distintos no que diz respeito à metodologia de pesquisa. No primeiro, procedemos a uma revisão sistematizada do tipo estado de conhecimento a respeito das estratégias de conciliação, formação esportiva e formação escolar, principalmente na modalidade basquetebol, para dar suporte às questões a serem discutidas. A busca nacional aconteceu a partir do Scielo, utilizando as palavras basquete, basquetebol, escolarização e estudante atleta como descritores e também de outros trabalhos produzidos pelo grupo de estudo “Escolarização e Esportes”. A busca pela produção internacional sobre o assunto se deu a partir do *Portal Periódicos Capes*.

No estudo 2, realizamos um questionário semiestruturado composto por questões abertas e fechadas aos atletas convocados para as seleções brasileiras de basquetebol masculino Sub 17 e Sub 19 em 2013. Buscamos compreender as estratégias utilizadas por eles na tentativa de conciliar as demandas da formação escolar e esportiva. Esse instrumento abordou questões ligadas ao perfil educacional dos atletas, rotinas escolares e esportivas e uma análise de significado das palavras “treinar”, “estudar”, “ir à escola” e “competir” .

O questionário realizado para coletas de dados foi adaptado a partir do instrumento produzido por Melo (2010), Rocha (2011) e Costa (2012). Novas questões foram inseridas por se tratar de uma amostra específica e diferente das demais o que acarreta outras problematizações, como acesso a Programas Bolsa Atleta e histórico de parentes que serviram a seleções esportivas, ampliando as possibilidades de investigação, além de aumentar o grau de compreensão das perguntas por parte dos entrevistados.

A amostra do segundo estudo se constituiu por 31 jogadores das seleções brasileiras de basquetebol Sub 17 (S17) e Sub 19 (S19), que foram convocados no ano de 2013 e se apresentaram nas cidades de Campinas e São Sebastião do Paraíso, respectivamente, para os devidos períodos de preparação, visando a campeonatos internacionais. No caso da S17, o Campeonato Sul-Americano e, no caso do S19, o Campeonato Mundial da categoria. A participação dos atletas foi consentida

previamente pela Confederação Brasileira de Basketball, responsável pelos jovens nos períodos de treinamentos e campeonatos, por meio da assinatura do Termo de Consentimento (ou Assentimento) Livre e Esclarecido, aprovado pelo Comitê de Ética Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo sob o Parecer nº 222.628. Os dados foram analisados por uma estatística descritiva com cálculo de prevalência a partir da ferramenta de tabulação cruzada do SPSS v.17 (SPSS Inc., Chicago, USA).

Estudamos a hipótese de que, mesmo em níveis de Seleção Brasileira, as estratégias de conciliação para atendimento das demandas escolares não se diferenciam das encontradas em outras pesquisas em outras modalidades e que as convocações para as Seleções Brasileiras de base se constituem como mais um agravante nesta difícil situação de conciliação contribuindo para dificultar a trajetória escolar desses atletas de elite.

JUSTIFICATIVA

O interesse pelo tema surge em um primeiro momento em virtude de vivências pessoais e pelo fato de ter sido um atleta que serviu à Seleção Brasileira de Basquetebol nas categorias de base e adulta vivenciando esse tipo de tensão. Outro fato, já citado, é que pode ser aumentada a busca pela “profissionalização esportiva” por parte de um grande número de jovens em idade escolar incentivados pelo aumento da oferta de programas esportivos,¹³ inclusive em ambientes escolares, derivados do ciclo de megaeventos a ser realizado no Brasil até 2016.

Fato é que, como mostrado em outros estudos, principalmente com relação ao futebol, esse “sonho” não é concretizado pela maioria dos jovens (DAMO, 2005; PAOLI, 2007; MELO, 2010) que se propõem a buscá-lo, reforçando a concorrência entre as formações escolar e esportiva, já que acontecem em momento concomitante e demandam grande dedicação de tempo. No caso do basquetebol, este vem sendo apresentado na literatura nacional principalmente por temas que abordam a prescrição de treinamentos, aspectos psicológicos de atletas e treinadores, questões pedagógicas e índices de frequência de lesões na modalidade. Não foram encontrados, na base de

¹³ Cita-se o programa “Atleta na Escola”, que apresenta, como um dos objetivos, a ênfase na descoberta de talentos no ambiente escolar que, na expectativa da lei, contribuiriam para um bom desempenho do País nos Jogos Olímpicos RIO 2016 (Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18644:tres-ministerios-lancam-programa-para-estimular-o-esporte-nas-escolas&catid=211>). Acesso em: 10 nov 13.

dados Scielo, artigos relacionados com o basquetebol que tratem da temática e que pudessem caracterizar essa situação tanto na modalidade como em atletas que sirvam à Seleção Brasileira de base.

Assim, por entender que atletas em idade escolar, convocados para a Seleção Brasileira de Basquetebol masculina Sub 17 e Sub 19, em 2013, dedicam parte importante de seu tempo à aquisição de capital físico necessário à obtenção de posição de destaque no esporte, buscamos investigar quais os impactos dessa convocação na vida desses estudantes atletas. Esse impacto pode ser verificado em aspectos ligados à escolarização desses jovens, tendo como índices de avaliação, por exemplo, níveis de abandono e repetência escolar. Além disso, procuramos entender qual importância esses atletas de elite, que são referências do País na modalidade em suas categorias, com grande qualidade de capital físico adquirido, atribuem à sua formação escolar.

1 A PRODUÇÃO ACADÊMICA REFERENTE ÀS RELAÇÕES ENTRE FORMAÇÃO ESCOLAR E FORMAÇÃO ESPORTIVA

1.1 INTRODUÇÃO

O Brasil foi e será, a partir de 2007, sede de importantes eventos esportivos, tais como os Jogos Pan-Americanos (2007) e os Jogos Mundiais Militares (2011) no Rio de Janeiro, a Copa das Confederações Fifa (2013), a Copa do Mundo Fifa (2014) e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016). Esses megaeventos esportivos têm fomentado discussões no cenário acadêmico e midiático ligadas, entre outros temas, aos modelos de formação esportiva nacional, às aplicações e eficácia das leis de incentivo ao esporte, às estratégias para descoberta de novos talentos, às condições físicas das praças esportivas e à constituição dos legados originários desses megaeventos.

Ao atentarmos para as questões referentes à formação esportiva, as discussões se acentuam em temas ligados de maneira mais evidente a periodizações de treinamentos, especialização precoce em jovens atletas, questões psicológicas aplicadas ao esporte e às questões pertinentes ao *doping*. Entretanto, tem-nos apresentado uma lacuna referente a como se apresenta o processo de conciliação entre essa formação esportiva e a formação escolar¹⁴ em jovens atletas envolvidos nessa “dupla carreira”. Essa questão se torna relevante, uma vez que, embora muitos estudantes atletas tentem e dediquem grande parte de seu tempo às demandas da formação esportiva, poucos alcançam êxito em uma proposta de profissionalização no esporte (LEE, 1983).

Temos notado que, no momento em que o atleta se aproxima da idade de profissionalização, alguns indícios, como seu aproveitamento na equipe profissional, convocações para as seleções nacionais, inserções em programas Bolsa Atleta e nível salarial em que se encontra já definem costumeiramente aonde investirá suas atenções de maneira prioritária, com menor risco de fracasso, mas, nas fases iniciais de treinamento, essa condição ainda é bastante vaga e arriscada.

¹⁴ O difícil equilíbrio entre as demandas temporais e de atenção relativas à formação escolar e à formação esportiva começou a ser pesquisado com maior evidência no Brasil, a partir de 2007. Bartholo e Soares (2009) e Melo (2010) apresentam trabalhos ligados ao futebol. Romão, Costa e Soares (2011) e Soares, Rocha e Costa (2011) estudam voleibol e turfe, respectivamente. A modalidade futebol volta a ser apresentada em Rocha et al. (2011) e Barreto (2012). Costa (2012) apresenta seu estudo em relação ao futsal feminino. Correia (2014) estuda o remo, o atletismo e o futebol em atletas ligados ao Clube de Regatas Vasco da Gama.

Nesse contexto, identificar estratégias que possibilitem melhor equilíbrio temporal entre essas formações significa uma possibilidade de oferta de uma trajetória escolar-esportiva mais “segura” para os atletas que ainda se encontram em fase inicial e intermediária nessa dupla jornada e que não sabem se conseguirão êxito na profissionalização esportiva. Para eles, que constituem a grande maioria, o capital cultural institucionalizado¹⁵ seria determinante em uma futura reconversão desse capital cultural em capital econômico.

Embasando essa questão, Schwartzman e Cossío (2007) mostram que indivíduos com até 11 anos de escolaridade (que não finalizaram o ensino médio), apresentam rendimentos muito baixos e níveis de desemprego muito altos. Nessa mesma direção, Araújo e Barbosa (2008) indicam uma contribuição positiva da formação escolar em relação à formalização do emprego e ao valor do salário. Néri (2009b) revela em sua pesquisa que, comparando pessoas com as mesmas características sociodemográficas como idade, sexo, raça e geografia, o salário dos universitários é 544% superior ao dos analfabetos, e a chance de atuação no mercado de trabalho formal é 422% maior.

Diante desse cenário, este artigo procura compreender, por meio das produções acadêmicas nacionais e internacionais, quais são as maneiras, ou tentativas de conciliação¹⁶ que vêm sendo apresentadas entre as formações escolar e esportiva em diferentes modalidades no Brasil e no exterior. Além disso, buscamos mapear quem tem pesquisado, onde essas pesquisas têm sido publicadas e em quais periódicos são mais prevalentes, no intuito de apontar possíveis lacunas que porventura possam ser exploradas a respeito do tema.

A fim de que se aponte como os estudos relativos às estratégias de conciliação entre formação escolar e esportiva se apresentam na literatura de nossa área, assumiremos, no referencial teórico-metodológico, as orientações relativas a pesquisas que tratam o periódico como fonte. Mostraremos ainda o caminho percorrido para a seleção dos artigos e, posteriormente, analisaremos o mapeamento realizado por meio de indicadores bibliométricos.¹⁷

¹⁵ Capital cultural caracterizado por títulos e diplomas adquiridos na escola.

¹⁶ Toma-se de empréstimo o estudo de Costa (2012) para conceituar essa ideia apresentando o termo “conciliação”, como a proposição que tenta equilibrar os tempos escolares e de treinamentos,

¹⁷ Técnica quantitativa e estatística de medição dos índices de produção e disseminação do conhecimento científico (ARAÚJO, 2006, p. 12).

1.2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Pesquisas do tipo “estado do conhecimento” são desenvolvidas, por serem capazes de apontar a distribuição da produção acadêmica a respeito de um tema, por meio de conexões estabelecidas entre elementos contextuais e um conjunto de outras variáveis, como data de publicação, temas e periódicos (MOROSINI *et al.*, 2002, ANDRÉ, 2009; MATOS *et al.*, 2013). O periódico, nesse caso, adota uma conotação de fonte privilegiada, a partir das quais verificamos as “[...] predominâncias ou recorrências temáticas e informações sobre produtores [...]” (CATANI; SOUSA, 1999, p. 11).

Por outro lado, assumimos a limitação de pesquisas desse tipo devido a algumas questões, como critérios e fonte utilizados em virtude do variado formato dos resumos utilizados em teses e dissertações, títulos de trabalho difusos e acesso ao material da pesquisa que pode se tornar dispendioso e demorado (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

Seguindo adiante, Schneider (2010, p. 24) entende que os periódicos podem evidenciar lacunas que representem:

[...] um passado aparentemente soterrado por várias camadas de história, um tempo contado e recontado, sistematizado em narrativas que em grande parte utilizam como referência as determinações econômicas, sociais e ideológicas, o que faz vir à tona, muitas vezes, apenas o Estado e sua política, e não as práticas e os dispositivos produzidos por agentes que habitam essa mesma realidade.

Assim, buscamos entendimento a respeito da produção acadêmica nacional e internacional que discute as maneiras de conciliação entre formação escolar e esportiva, por concordar que o impresso não deve ser visto apenas como uma fonte de informações, de ideias, de imagens, mas, acima de tudo, como um mensageiro de relações (DAVIS, 1990, p. 159).

A constituição do *corpus* documental da pesquisa nacional e internacional foi delimitada por uma leitura prévia do título dos artigos e dos resumos e, em um segundo momento, dos textos na íntegra. Estabelecemos, como parâmetro de busca na pesquisa nacional, o termo basquetebol e, posteriormente, ampliamos para descritores que nos remetessem às relações entre formação esportiva e escolar, como “escolarização x atleta”, “esporte x escolarização”, “formação esportiva x escolarização”, “estudantes atletas x escolarização” e “basquetebol x escolarização”.

Utilizamos como fonte a plataforma de pesquisa Scielo.com.br e outros periódicos não indexados à plataforma, mas de considerável circulação na área da Educação Física brasileira. Assim, foram mapeados 45 artigos nacionais relacionados com esses descritores nas revistas indexadas ao Scielo, além da Revista Movimento, Pensar a Prática e Atividade Física e Saúde, porém apenas dois tratavam do tema.

Em relação à literatura internacional, a pesquisa se organizou a partir de busca por artigos científicos no Portal Periódicos Capes, levando em consideração tanto a área de conhecimento das Ciências da Saúde, como a de Ciências Humanas. O portal nos proporciona a seleção de, no máximo, 11 bases de dados que foram selecionadas depois de observadas as descrições oferecidas pelo próprio portal, tendo sido feita a análise a partir de indexação realizada.

Esse processo de seleção de artigos foi conduzido, em um primeiro momento, por dois pesquisadores, que selecionaram, nas duas grandes áreas de conhecimento escolhidas, as bases de dados a seguir: Journals@ovid Full Text (Ovid), Psycarticles (APA), Science (AAAS), Scielo.org, Science Direct (Elsevier), Scopus (Elsevier), Springerlink (Metapres), Academic Search Premiere Asp (Ebsco), Eric (Proquest), Cambridge Journal on-line, Wiley on-line Library. Para tanto, utilizamos os seguintes descritores e combinações, visando a atender às demandas de formação escolar, esportiva e seus respectivos atores: students athletes/education (21 artigos), Youth athletes/education (1 artigo), youth athletes/schooling (nenhum artigo), sports education/athletes (13 artigos), professional sports/family (1 artigo), professional sports/education (15 artigos), youth talent/sports (5 artigos), Sports talent/education (1 artigo), young players/education (5 artigos), young students/education (49 artigos) e young students/schooling (8 artigos).

Das possibilidades de refinamento oferecidas pelo portal, adotamos “título” como filtro, o que proporcionou 119 artigos. Destes, 95 foram descartados por não tratarem especificamente do tema, o que nos proporcionou um universo de 24 artigos selecionados. Obtivemos acesso total por meio do portal a 13 deles que se constituíram como amostra inicial de nossa pesquisa. Foi considerada a análise de outros artigos, encontrados a partir do acúmulo de leituras e que, porventura, não tenham sido

publicados nas bases utilizadas.¹⁸ Chegamos ao número de 22 artigos internacionais, considerando a inclusão de estudos¹⁹ que não foram relacionados a partir das bases de dados iniciais. Assim, apresentou-se inicialmente um panorama de 24 artigos, somando produções nacionais e internacionais.

Após a primeira leitura dos artigos selecionados, realizamos um segundo momento de triagem nos textos escolhidos, levando em consideração maior proximidade com a especificidade do tema a ser pesquisado, reduzindo o número de 24 para 17 artigos.²⁰

1.3 RITMO DE PRODUÇÃO E FONTE

Mapeamos 17 artigos científicos, distribuídos em 13 diferentes periódicos: onze deles internacionais e dois nacionais. Os artigos localizados foram publicados no período compreendido entre os anos de 1979 e 2011, conforme Tabela 1 abaixo:

TABELA 1– ARTIGOS SELECIONADOS (continua)

PERIÓDICOS	79	83	87	95	2000	01	02	03	06	08	09	11	TOTAL
Sociology of Education	1												1
The Personnel and Guidance Journal		1											1
Journal of Sports and Social Issues			1					2					3
Journal of Counseling and Development				1									1
Journal of Education and Work					1								1
European Physical Education Review					1		1				1		3

¹⁸ Vale a ressalva de que a dificuldade de acesso a algumas publicações reside na variação dos modelos de resumo de dissertação, títulos de trabalhos difusos e publicações inseridas em bancos de dados restritos e, muitas vezes, dispendiosos (ROMANOWSKI; ENZ, 2006).

¹⁹ Ageergaad e Sorensen (2009), Barros (2001), Kay (2000), McGillivary e McIntoshi (2006), Parker (2000), Sack e Thiel (1979), Bourke (2003), Sack (1983), Singer e May (2011).

²⁰ Foram excluídos sete textos referentes à primeira seleção, pois, apesar de terem sido localizados a partir dos descritores utilizados na pesquisa, abordam enfoques ligados à discussões de psicologia, gênero, ou de raças.

TABELA 1– ARTIGOS SELECIONADOS (conclusão)

PERIÓDICOS	79	83	87	95	2000	01	02	03	06	08	09	11	TOTAL
Journal of Sports Economics						1							1
Sport in Society									1				1
Sport, Education and Society										1			1
Soccer and Society											1		1
International Review for the Sociology of Sport												1	1
Revista Motriz												1	1
Revista Brasileira de Ciências do Esporte												1	1
TOTAL	1	1	1	1	2	1	1	2	1	1	2	3	17

Fonte: Do autor.

Sack e Thiel (1979) foi o estudo mais antigo encontrado por meio dos descritores utilizados, seguidos de Lee (1983), Sack (1987) e Goldberg e Chandler (1995). Esses estudos foram apresentados durante três décadas, 70, 80 e 90, ou seja, antes do ano 2000, e representam aproximadamente 23,5% da produção selecionada. As pesquisas, neste primeiro instante, foram publicadas em diferentes periódicos, com a particularidade de serem todas elas estadunidenses, reforçando o importante valor que o esporte e a educação assumem na sociedade e cultura americana. Além disso, verificamos, a partir da década de 70, um incremento das ligas profissionais esportivas americanas abastecidas em sua grande maioria por atletas vindos das universidades. O surgimento de grandes ídolos esportivos evidenciou a necessidade de se estudar estratégias que proporcionassem aos estudantes-atletas acesso às formações sem prejuízo em nenhuma delas, já que muitos deles passaram a considerar essa possibilidade, como nos mostra Lee (1983).

A partir do ano 2000, o número de artigos aumenta (13 ou 76,5% dos artigos selecionados publicados a partir desse ano), culminando no ano de 2011, quando são

observadas três publicações ligadas ao tema, duas delas, brasileiras abordando o futebol como modalidade estudada. Esse aumento talvez possa ser explicado pelas dimensões que o esporte, entendido como um fenômeno cultural, passa a assumir nas mais diferentes modalidades e localidades, nos valores financeiros envolvidos, nos megaeventos realizados e na velocidade de surgimento de ídolos mundiais nas mais variadas modalidades. Todos esses fatores contribuiriam para que houvesse um número cada vez maior de estudantes atletas dispostos a tentar um ingresso na profissionalização esportiva.

Ainda em tempo, com relação à produção nacional, os estudos citados acima foram publicados na Revista Motriz e na Revista Brasileira de Ciências do Esporte e são oriundos do Laboratório de Pesquisa em Educação do Corpo (Labec), liderados pelo professor Antônio Jorge Soares. Sabemos que os estudos a respeito do tema, em nível nacional, têm maior evidência a partir de 2007,²¹ em um primeiro momento, por meio de publicações em anais de congresso. As publicações em periódicos surgem após quatro anos, caracterizando, de certa forma, um reconhecimento a respeito da relevância do tema por parte desses periódicos e um fortalecimento acadêmico no estudo da temática

Ainda levando em consideração o período pós ano 2000, o Journal of Sports and Social Issues se constitui como único periódico que apresenta mais de uma publicação referente ao tema (COLLINS; BULLER, 2003; BOURKE, 2003), porém, se levarmos em consideração o estudo de Sack (1987), de maneira geral, passa a se configurar, assim como a European Physical Education Review, mesmo com publicações bastante espaçadas (2000, 2002 e 2009) no periódico em que mais se publicou a respeito do tema, com três artigos cada uma (35,3% do total de publicações). Talvez, o destaque do primeiro periódico se dê pelo fato de seu escopo possibilitar a publicação de estudos ligados a diversos enfoques pertinentes ao esporte, como sociologia, economia, psicologia e étnicos, por exemplo.

²¹ O Labec iniciou seus estudos sobre o tema a partir de 2007, com as pesquisas de Bartholo e Soares (2009) e Melo (2010), apresentando trabalhos ligados ao futebol. Romão, Costa e Soares (2011) e Soares, Rocha e Costa (2011) estudaram voleibol e turfe, respectivamente. A modalidade futebol voltou a ser apresentada em Rocha et al. (2011), Soares et al. (2011) e Barreto (2012). Costa (2012) estudou o futsal feminino e Correia (2014) pesquisou o remo, o atletismo e o futebol inseridos no Clube de Regatas Vasco da Gama.

1.4 DISTRIBUIÇÃO POR PAÍS, AUTOR E INSTITUIÇÃO

Por meio dos artigos selecionados e periódicos, percebemos a distribuição da produção a respeito do tema em diferentes países conforme Tabela 2:

TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO ANUAL DE PESQUISAS POR PAÍS

PAÍS	79	83	87	95	2000	01	02	03	06	08	09	11	TOTAL
Estados Unidos	1	1	1	1								1	5
Reino Unido					2			1					3
Dinamarca											2		2
Finlândia							1						1
Irlanda								1					1
Austrália										1			1
Portugal						1							1
Escócia									1				1
Brasil												2	2
TOTAL	1	1	1	1	2	1	1	2	1	1	2	3	17

Fonte: Do autor.

Apesar de não assumirmos esses países como únicos produtores de estudo a respeito do tema e reconhecermos as limitações anteriormente descritas, diante dos critérios estabelecidos para a pesquisa, os Estados Unidos lideram esse cenário (SACK; THIEL, 1979; LEE, 1983; SACK, 1987; GOLDBERG; CHANDLER, 1995; SINGER; MAY, 2011) com cinco artigos. Parker (2000), Kay (2000) e Collins e Buller (2003) colocam o Reino Unido no cenário de pesquisas desse tema. A Dinamarca aparece posteriormente com dois artigos, Christensen e Sorensen (2009) e Agergaard e Sorensen (2009). Da Finlândia, identificamos o trabalho de Metsa-Tokila (2002). Bourke (2003)

produz seus estudos na Irlanda. Hickey e Kelly (2008) na Austrália. Barros (2001) em Portugal e McGillivray e McIntosh (2006) na Escócia.

Possivelmente possamos entender a prevalência de estudos americanos a respeito do tema relacionada com a estrutura de formação esportiva estadunidense. Essa é desenvolvida na escola, o que significa dizer que, se o indivíduo deseja inserir-se em um projeto de formação esportiva, ele, necessariamente, precisa estar no contexto escolar. É justamente desse ambiente acadêmico que são extraídos a maioria dos jovens rumo à profissionalização esportiva no País. Nesse contexto, acentuam-se as preocupações referentes às possibilidades de conciliação entre as demandas esportivas e escolares, já que o número de eleitos no “Draft”²² das ligas profissionais é muito pequeno

Neste contexto, nos Estados Unidos, foi criado um sistema de acompanhamento dos alunos envolvidos nessa “dupla carreira”, executado por diferentes associações. A maior e mais importante delas é a *National Collegiate Athletics Association* (NCAA), responsável por gerenciar a relação de conciliação entre formação acadêmica e esportiva, tendo como objetivo proporcionar aos estudantes-atletas condições de se desenvolverem em ambas as formações, já que, como citado, em termos percentuais, poucos atletas conseguem êxito na proposta de profissionalização esportiva.²³ A NCAA fiscaliza o desempenho escolar dos estudantes atletas, tendo critérios determinados como condicionantes para a participação deles nas competições escolares ou universitárias.

Sack, pesquisador americano ligado ao Departamento de Sociologia da Universidade de New Haven (EUA), foi responsável por dois dos quatro artigos apresentadas antes do ano 2000, pesquisando características peculiares de estudantes atletas americanos, além de chamar a atenção para o fato de que, em países europeus, o esporte escolar não assume características de grande entretenimento, como acontece nos Estados Unidos (SACK, 1987).

²² Processo seletivo pelo qual são “recrutados” novos atletas que integrarão equipes esportivas profissionais

²³ “Founded more than one hundred years ago as a way to protect student-athletes, the NCAA continues to implement that principle with increased emphasis on both athletics and academic excellence” (NCAA, 2013).

Sorensen (2009a, 2009b), pesquisador ligado ao Departamento de Ciências do Esporte da Universidade de Aarhus, na Dinamarca, e Soares (2011, 2011b), professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ (Brasil), responsável pelo Laboratório de Pesquisa em Educação do Corpo, destacam-se após o ano 2000, ambos com dois estudos publicados. As pesquisas do dinamarquês são divulgadas na Soccer and Society, da Inglaterra, e na European Physical Education Review. As pesquisas de Soares são veiculadas nos periódicos brasileiros Motriz e Revista Brasileira de Ciências do Esporte, em 2011. Os estudos desses autores somados representam aproximadamente 38% dos trabalhos apresentados nesse período.

Ainda em tempo, chama-nos a atenção o número de pesquisadores envolvidos nos estudos a respeito do tema, representando nove diferentes países. Essa particularidade pode sugerir um entendimento de que esse fenômeno não se apresenta como local ou regional, mas, sim, como um fenômeno que tem se mostrado global. O impacto causado pela formação esportiva e/ou esporte na sociedade também contribuiu para uma discussão mundial a respeito do tema, inclusive, acreditamos, em países não mapeados neste estudo, tais como a Alemanha ou a China, por exemplo, países estes com boas performances esportivas em nível mundial.

Torna-se relevante atentar também para a maneira como o tema é abordado pelos pesquisadores em diferentes áreas de conhecimento. No Brasil, estão ligados à área de Educação e Educação Física (Soares, Rocha, Melo, Bartholo e Costa), e ligados ao Labec. Em nível internacional, observamos pesquisadores da área de Psicologia (Lee), Economia e Administração (Bourke, Barros, McGillivray e McIntosh), Esporte e Educação (Goldberg, Chandler, Christensen, Sorensen, Agergaard, Hickey, Collins, Buller e Singer) e Sociologia (Sack, Thiel, Parker, Kelly, May e Metsa-Tokila), indicando a transversalidade do tema relativo a diversos segmentos

1.5 DIÁLOGO COM AS QUESTÕES APRESENTADAS

O acúmulo de leituras a respeito do tema nos conduziu a pesquisas publicadas em periódicos, que representam estudos de diferentes modalidades esportivas em relação à temática em questão. Eles apresentam algumas diferentes características relativas às tensões vividas por estudantes atletas, tornando-os relevantes para enriquecer o debate relativo às tentativas de conciliação entre a formação esportiva e a escolar de jovens estudantes atletas.

Nesse contexto, levamos em consideração, a partir deste momento, artigos não localizados nas fontes de dados selecionadas, também uma tese de doutorado (COSTA, 2012), dissertações de mestrado (MELO, 2010; BARRETO, 2012; ROCHA, 2013; CORREIA, 2014) e estudos apresentados em congressos (BARTHOLO et al., 2011; SOARES; ROCHA; COSTA, 2011, ROMÃO; COSTA; SOARES, 2012),²⁴ além de um número especial do periódico *New Directions for Students Services*, de 2001.

Para uma melhor organização, subdividiremos, a partir de agora, este artigo em três momentos que apresentarão diferentes abordagens, a saber: tensões presentes na conciliação das formações esportiva e escolar; tentativas de conciliação e particularidades entre as formações; e a influência da família em relação à formação escolar e esportiva.

1.5.1 Indícios conflituosos e tensões relativas à formação esportiva e escolar de estudantes atletas

A simultaneidade das formações escolar e esportiva tem acarretado um ambiente de tensão entre elas, pelo fato de demandarem grande dedicação de tempo. Além disso, como nos mostra Lee (1983), muitos estudantes atletas estão considerando as carreiras esportivas em uma perspectiva profissional influenciados pelo aumento da exposição na mídia das modalidades esportivas e incentivados pelo *status* econômico oferecido aos que conseguem êxito nessa proposta.

A questão nesse sentido é que poucos estudantes atletas conseguirão profissionalizar-se no esporte e, assim, a grande maioria ficaria exposta a dificuldades de posterior inserção no mercado de trabalho ordinário. Lee (1983) aborda o fato tomando como base dados das associações administradoras do desporto universitário americano que apontam que apenas 2% dos estudantes atletas universitários americanos conseguem profissionalização posterior no esporte. Hoje, segundo pesquisas da própria NCAA, esses números são ainda menores, chegando a uma porcentagem de aproveitamento de atletas universitários em ligas esportivas profissionais americanas de 1,2% no basquetebol masculino e 0,9% no basquetebol feminino. A maior probabilidade de profissionalização esportiva para estudantes atletas americanos está na

²⁴ Bartholo et al. apresentaram seu estudo no XVII CONBRACE em Porto Alegre; Soares, Rocha e Costa apresentaram seu estudo no XV Congresso Brasileiro de Sociologia em Curitiba; e Romão, Costa e Soares, apresentaram no XI CONESEF em Vitória.

modalidade *baseball* com um aproveitamento de 9,4%. Todas as outras modalidades estudadas (futebol americano, hockey no gelo e futebol masculino) apresentam porcentagens de aproveitamento abaixo de 2%.²⁵

Assim, fica evidenciado o risco de que se, porventura, os estudantes atletas apresentarem formações acadêmicas deficientes, poderão enfrentar uma difícil transição para o mercado de trabalho formal, uma vez que suas credenciais esportivas não representarão qualificação em um mercado que exige outros tipos de formação. Essa questão foi levantada por Metsa-Tokila (2002), ao apontar que poucos atletas conseguem inserção posterior à sua carreira esportiva no papel de agentes, treinadores ou comentaristas, evidenciando a necessidade de uma formação acadêmica satisfatória para que estudantes atletas tenham melhores possibilidades laborais posteriores.

Outro fator importante na questão da valorização da formação escolar em jovens atletas foi apontado por Parker (2000), na Austrália, que chamou a atenção para a exposição desses estudantes atletas a graves lesões físicas durante suas trajetórias esportivas.²⁶

Além da preocupação referente às possibilidades de conciliação entre as formações, o “sonho da profissionalização esportiva” tem apresentado como resultado uma iniciação esportiva cada vez mais precoce, acarretando um aumento na concorrência de tempo entre essa formação e a escolar. Damo (2005), em estudo realizado com clubes gaúchos, estima que um atleta que começa sua aposta esportiva nas categorias de base do futebol aos 12 ou 13 anos de idade investirá aproximadamente 5.000 horas de exercícios corporais, treinos de técnicas esportivas e psicológicas ao longo de dez anos de formação.

Melo (2010), por sua vez, estima um total de 6.247 horas de treino para atletas de futebol no Rio de Janeiro ao longo de nove anos de formação esportiva (entre os 11 e os 20 anos), considerando o tempo de treino e o de deslocamento escola-treinos declarado pelos atletas. Para exemplificar essa grande demanda de destinação de tempo em ambas formações, mostra que um atleta que iniciasse na categoria mirim aos 12 anos de idade (idade equivalente ao 6º ano escolar) e terminasse o ensino médio aos 17 anos

²⁵Disponível em:<<http://www.ncaa.org/about/resources/research/probability-competing-beyond-high-school>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

²⁶ Parker (2000) desencadeou ações por parte da sociedade inglesa no sentido de atentar melhor para a formação escolar de estudantes atletas expostos a essas condições.

(último ano da categoria sub 17) teria sido submetido a uma carga horária de 4.800 horas na escola e 4.165 horas de treinamento no futebol.

Bartholo et al. (2011), em estudo referente ao tempo destinado à escola e ao futebol na Espanha e no Brasil, constataram que a destinação de tempo à prática esportiva no Brasil corresponde a 52% do tempo de atividades de jovens entre 14 e 20 anos, enquanto, no país europeu, esse tempo é de 27%, o que sugeriria, na visão dos autores, uma inversão de prioridades no país sul-americano.

Esta última particularidade nos remete a dúvidas referentes ao modelo de formação esportiva adotado em nosso país. Uma delas é o questionamento quanto à uma planificação plurianual referente ao que ensinar e treinar aos jovens atletas. Será que a ausência de uma planificação, periodização ou planejamento não seria um dos motivos que nos levariam a querer ensinar “tudo” a respeito da modalidade escolhida pelo jovem em todas as categorias aumentando assim a necessidade de duração dos treinamentos?

O aproveitamento de indivíduos de menor idade em categorias subsequentes e, por consequência, em seus jogos e treinamentos, também poderia contribuir para um desajuste referente ao tempo destinado às formações e para a priorização da formação esportiva, uma vez que esses indivíduos passariam a treinar “dobrado”, atendendo às demandas das duas categorias nas quais se encontrassem envolvidos. Entendemos ser necessário realizar uma investigação a respeito dessas questões para que possamos entender melhor esse “fenômeno”.

Outros autores abordam a tensão originária da concorrência entre a formação esportiva (entendida aqui como futura possível condição laboral) e a formação escolar, como Sack e Thiel (1979), Sack (1987), Watt e Moore III (1993), Parker (2000), McGillivray e McIntosh (2006), Hickey e Kelly (2008), Melo (2010), Rocha et al. (2011), Soares et al. (2011) Soares, Rocha e Costa (2011). Mesmo exposto a algumas situações que mereceriam melhor atenção em suas análises,²⁷ Melo (2010) aponta uma migração de atletas futebolistas cariocas para o ensino noturno, à medida que ascendem de categoria para atendimento às demandas esportivas. Rocha et al. (2011) estudando jovens jôqueis, indicam a existência de mecanismos de flexibilização das normas regulares da escola. Os compromissos esportivos desses jovens acontecem às segundas e sextas-feiras (40% dos dias letivos semanais), impedindo-os de frequentar a escola nessas datas. Como a porcentagem mínima de presença nas aulas para aprovação é de

²⁷ Diferentes condições sociais dos envolvidos e questões geográficas relativas aos clubes pesquisados se constituiriam em importantes diferenças que poderiam comprometer o resultado da pesquisa.

75% e esses atletas só conseguem, grosso modo, estar presentes em 60% delas (terças, quartas e quintas-feiras), ficam claros acordos entre as partes envolvidas visando à permanência e promoção escolar desses jovens.

Essa constatação salienta que a trajetória de formação de atletas de alto rendimento, em qualquer esporte escolhido, requer rigoroso regime de treinamento, apoio familiar e maneiras de conciliação entre a formação escolar e a esportiva, além da busca constante de entendimento a respeito desses jovens (WATT; MOORE III, 1993; CARODINE; ALMOND; GRATTO, 1993; RIAL, 2006; PAOLI, 2007; HICKEY; KELLY, 2008; MELO, 2010).

Apesar dos estudos que apontam a relevância de se pensar em estratégias de conciliação entre a formação esportiva e a formação escolar, Bourke (2003), pesquisando o futebol irlandês, aponta opiniões diferentes a respeito do tema naquele país que acabam se constituindo como dificuldades no tocante à conciliação. O futebol, para jovens na Irlanda, apresenta conceitos amadores. Muitas vezes é organizado pelos pais de jogadores, caracterizando-o como periférico em relação à Liga Inglesa de Futebol. Essa caracterização se dá uma vez que a principal atenção desses “pais dirigentes” estaria voltada para o surgimento de algum atleta que pudesse render retorno financeiro em uma possível negociação com a *Premier League*, visto que as diferenças de investimento financeiro nas ligas são muito grandes. Assim, os diretores esportivos irlandeses entendem que esses jovens jogadores devem se dedicar de maneira integral à atividade esportiva já que recebem salário para isso, não legitimando uma posição de obrigatoriedade de esses jovens atletas estarem inseridos em um ambiente escolar.

Parece-nos, nessa mesma direção, que os atletas passam a concordar com essa posição, visto que já são capazes de perceber a pouca influência que a formação escolar representaria no desempenho de suas funções atléticas. Barros (2001) buscou entender a relação entre nível salarial dos jogadores de futebol em Portugal e seus níveis de escolarização. A pesquisa concluiu que a escolarização não influencia positivamente o rendimento salarial do atleta, sendo suas qualidades atléticas o aspecto mais valorizado. Esta percepção da dicotomia de importância atribuída à formação escolar e à formação esportiva no ambiente de rendimento esportivo pode acarretar uma desvalorização do ambiente escolar por parte dos atletas que buscam sucesso na carreira esportiva.

Talvez uma alternativa a essa questão seja a apresentada em Singer e May (2011). Os autores identificam um certo caráter funcionalista na maneira como é encarada a escola por estudantes atletas negros americanos pesquisados. Eles se preocupam em conseguir notas escolares “elegíveis” para que consigam ingressar em universidades com bons programas de basquetebol e futebol americano. Se, por um lado, demonstram que a preocupação com a escola não visa, como prioridade, a uma formação acadêmica de qualidade, mas sim ao posterior acesso às ligas profissionais americanas por meio desses programas esportivos renomados, por outro, essa formação acadêmica acaba acontecendo, visto que o sistema de formação esportiva escolar os obriga a atender certas demandas para que esses objetivos esportivos sejam alcançados preparando os estudantes-atletas para ações laborais futuras em caso de insucesso esportivo.

A questão da discussão de estratégias que valorizem a formação acadêmica em jovens atletas também foi pesquisada por Lee (1983) e Goldberg e Chandler (1995). Os autores estudaram a relação entre as expectativas dos estudantes atletas de *high school* americano e o papel dos Conselhos Esportivos escolares no desenvolvimento de estudantes atletas. Apontaram, assim, a necessidade de uma maior proximidade entre os Conselhos, a família dos estudantes envolvidos e os treinadores esportivos, para que juntos possam aconselhar e contribuir no desenvolvimento das carreiras esportivas e acadêmicas desses indivíduos. Os autores se posicionam ainda sugerindo, inclusive, a mudança do termo estudantes atletas para estudantes que participam de esportes, mostrando a visão de prioridade deles com relação a formação escolar.

A escolha do Brasil como sede de megaeventos esportivos nos próximos anos pode contribuir para que também sejam organizadas em nosso país novas estratégias que atenuem os conflitos entre as formações. Existe uma tendência de valorização da escola como local de descoberta de novas “promessas” do esporte e consequente valorização de desporto escolar. Recentemente foi lançado no País, pelo Governo Federal, o programa “Atleta na Escola”,²⁸ que apresenta como um dos objetivos, a ênfase na descoberta de talentos no ambiente escolar que, na expectativa da lei, contribuiriam para um bom desempenho do País nos Jogos Olímpicos RIO 2016. Talvez

²⁸Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18644:tres-ministerios-lancam-programa-para-estimular-o-esporte-nas-escolas&catid=211>. Acesso em: 15 out. 2013.

o maior obstáculo a ser vencido neste caso fosse esta “mudança de cultura” que até hoje esteve embasada em uma formação esportiva “clubística”.

Já existe no Brasil uma competição importante em nível escolar que talvez surja como uma forma de contribuir no fomento das competições escolares que são os Jogos Escolares da Juventude, antigas Olimpíadas Escolares Nacionais. Essa competição já é acompanhada de perto pelo Comitê Olímpico Brasileiro e pelas confederações brasileiras. Talvez uma questão que precise ser pensada melhor nesse cenário seja o fato de reproduzir, na maioria das vezes, disputas que se reproduzem também nos ambiente de campeonatos federados. Isso acontece porque as escolas, como não possuem, na maioria das vezes, programas de formação esportiva em seus ambientes com essa finalidade, firmam parcerias com clubes ofertando bolsas de estudos para atletas de destaque para que eles os representem nesses jogos escolares. De certa maneira, entendemos positivas essas parcerias visto que podem possibilitar aos atletas estudantes acesso a escolas de melhor estrutura.

Em outra ótica, no entanto, o oferecimento de bolsas para esses atletas federados poderia contribuir para uma inibição no número de praticantes de esporte formados no ambiente escolar. Uma possível massificação desse perfil de atletas talvez contribuísse para a construção de uma política que tornasse a possibilidade de rendimento esportivo condicionado a um rendimento escolar, como adotado em outros países com formação esportiva escolar predominante. Na maneira como se apresenta atualmente em nosso país, a rotina de treinamentos dos atletas permanece, na maioria das vezes, inalterada, seguindo programação dos clubes, que são as instituições onde efetivamente eles desenvolvem suas capacidades esportivas.

Essa possibilidade de rendimento esportivo condicionado a um rendimento escolar pode ser percebida no projeto de implantação do Ginásio Esportivo Olímpico (GEO), em Santa Teresa, Rio de Janeiro. O projeto possibilita a alunos de 11 modalidades diferentes desenvolver suas vocações esportivas no ambiente escolar, não desconsiderando os aspectos acadêmicos. Segundo seus idealizadores, o projeto, além de proporcionar o desenvolvimento de aptidões atléticas para o esporte, apresentará,

como característica, o severo controle de notas dos estudantes atletas envolvidos, como condição determinante de permanência no GEO.²⁹

De maneira geral, os autores estudados, reconhecem a tensão existente para os envolvidos nessa dupla carreira e ressaltam a importância de se proporcionar a esses jovens condições de uma formação integral, na medida em que suas credenciais acadêmicas se tornam indispensáveis para a inserção em mercados de trabalho formais, em caso de insucesso na carreira esportiva. Essas credenciais acadêmicas talvez fossem menos exigidas no caso de ex-atletas estarem envolvidos em outras funções do ambiente esportivo como a de comentarista esportivo por exemplo. Alguns autores apontam estratégias adotadas pelas partes envolvidas, a saber, estudante atleta, família e instituição escolar para que sejam proporcionadas melhores condições de permanência e promoção escolar a esses indivíduos divididos entre as formações.

1.5.2 Tentativas de conciliação entre as formações

Abordamos neste tópico algumas tentativas encontradas neste levantamento visando a proporcionar aos estudantes em formação esportiva condições de conciliação entre formação esportiva e escolar. É dada ênfase a essa preocupação principalmente nos trabalhos de Metsa-Tokila (2002), Christensen e Sorensen (2009), Agergaard e Sorensen (2009), Melo (2010), Rocha et al. (2011), Soares et al. (2011), Barreto (2012), Costa (2012) e Correia (2014). Esses estudos representam praticamente 30% das obras levadas em consideração neste momento.

Interessante notar que, em países como a Dinamarca, a Suécia, a Finlândia e na antiga União Soviética, essa condição foi assumida como uma preocupação estatal,³⁰ tentando organizar a questão para que os jovens envolvidos na dupla carreira não fossem prejudicados em suas formações esportivas e acadêmicas. Nos Estados Unidos, essa tentativa de conciliação se deu por meio de órgãos fiscalizadores de desempenho escolar dos estudantes atletas envolvidos e que são diretamente ligados às escolas e universidades.³¹

²⁹ Disponível em < <http://extra.globo.com/esporte/rio-2016/prefeitura-tera-escola-integral-para-atletas-em-santa-teresa-1974962.html#axzz2DL8rToHN>>. Acesso em: 10 out. 2013

³⁰ Metsa-Tokila (2002), Christensen e Sorensen (2009), Agergaard e Sorensen (2009).

³¹ Disponível em: <<http://www.ncaa.org/wps/wcm/connect/public/ncaa/enforcement/index.html>>. Acesso em: 1 nov. 2013.

Metsä-Tokila (2002), em um trabalho de revisão, analisou como o esporte competitivo se tornou parte dos sistemas de educação da extinta União Soviética, da Suécia e da Finlândia. O estudo apontou que pouquíssimos atletas, terminando a carreira esportiva, conseguiam inserção no mercado esportivo como treinadores, agentes, gestores ou comentaristas esportivos. Fato é que, ao encerrar a carreira no esporte, a maioria necessitava trabalhar em outras profissões que, normalmente, exigiam capital cultural institucionalizado mostrando que a formação acadêmica se torna uma questão imprescindível para os atletas terem outras oportunidades de inserção posterior no mercado de trabalho ordinário. As possibilidades de aproveitamento do capital esportivo ou da experiência como atleta se restringiriam ao seu aproveitamento dentro de atividades ligadas ao mesmo mercado. Os autores apontam que, em outros campos profissionais, essa “experiência profissional” não se reconverte em uma qualificação suficiente, assim como a formação acadêmica não influencia o sucesso na carreira esportiva em relação ao desempenho esportivo.

Na Suécia, a formação esportiva estaria inserida no ensino secundário, sem distinção de turmas entre não atletas e atletas, e estes deveriam receber das escolas o suporte para que realizassem seus treinos supervisionados por um treinador qualificado, estimulando, assim, a convivência entre estudantes atletas e não atletas e proporcionando-lhes condições, no interior da escola, para que desenvolvessem também suas habilidades atléticas.

Na Finlândia, em 1970, iniciou-se um projeto para combinar o esporte de rendimento com um currículo escolar flexibilizado para os jovens atletas, fazendo com que fosse alongado o tempo da formação na escola secundária. A tentativa de estender o tempo de formação acadêmica partia do princípio de que as necessidades do esporte não permitiam o acompanhamento e dedicação aos estudos com a mesma intensidade que outros alunos não atletas. Se a carga de aulas e estudo fosse mais bem distribuída, isso em tese poderia fazer com que os atletas tivessem acesso a uma formação acadêmica com qualidade semelhante à dos não atletas. Se o princípio parecia coerente, a efetiva implantação desses projetos encontrou dificuldades ao longo do tempo, ligadas a políticas governamentais, ao custeio ou à cultura das próprias escolas.

Já na Dinamarca, em escolas que funcionariam também como centros de treinamento, foi tentada uma flexibilização do currículo escolar, buscando proporcionar aos atletas de elite menos tempo de aulas por dia e mais horas destinadas aos

treinamentos, além de abono de faltas escolares e reposição de provas perdidas, caso o aluno tivesse a situação de conflito com datas de jogos. A grande dificuldade enfrentada nessa estratégia foi que poucas escolas, em poucas cidades, estavam preparadas para oferecer ao aluno essas possibilidades. Assim, muitos alunos precisavam se deslocar diariamente ou então se mudar para as escolas (cidades) que ofereciam esta possibilidade de treinamento e escolarização unificadas (AGERGAAD, SORENSEN, 2009; CHRISTENSEN; SORENSEN, 2009).³²

Vale ressaltar que a defesa da importância da formação escolar não é uma preocupação apenas da sociedade dinamarquesa, porém, no caso desse país, a pressão exercida pelos pais, preocupados com o desenvolvimento acadêmico de seus filhos, desencadeou no surgimento de mecanismos governamentais voltados para a conciliação entre as formações. Chama a atenção que, apesar do esforço dos pais, buscando proporcionar aos filhos condições de desenvolvimento em ambas as formações, os estudantes-atletas envolvidos continuavam a perceber a escola como um “mal necessário” ou, naquele momento, uma segunda prioridade.

No Brasil, tem-se notado, talvez pelo momento pré-olímpico, um aumento da atenção, em níveis governamentais, à questão de estratégias que poderiam indiretamente contribuir nas questões de conciliação entre as formações. Uma delas é a busca da valorização da escola como local de descoberta de possíveis talentos esportivos.^{33,34} Todavia, as principais iniciativas ainda surgem principalmente das partes envolvidas nos processos de flexibilização de estudo, a saber, famílias, estudantes atletas e escolas, com a finalidade principal de proporcionar a permanência do aluno na escola.

Nesse sentido, Melo (2010) apresenta algumas maneiras de conciliação presentes no futebol. Entendemos que essas propostas precisariam ser relativizadas em virtude de diferentes amostras utilizadas no estudo, todavia, servem para nos indicar algumas estratégias, como a migração dos estudantes atletas para o ensino noturno, à medida que vão ascendendo de categoria. No caso desse estudo, os atletas pertenciam ao Sub 17 e a opção era feita uma vez que os horários de treinamento passavam a coincidir com os da escola, restando aos jovens a opção de trocar de turno escolar para

³² Na Dinamarca, o *Team Danmark* é a instituição responsável pelo desenvolvimento do esporte de elite.

³³ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18644:tres-ministerios-lancam-programa-para-estimular-o-esporte-nas-escolas&catid=211>. Acesso em: 10 set.2013.

³⁴ O Grêmio Esportivo Olímpico (GEO) implantado em Santa Teresa, Rio de Janeiro, citado anteriormente, seria um outro exemplo dessa recente preocupação.

que as demandas de sua formação esportiva fossem atendidas de maneira satisfatória. Essa estratégia os beneficiaria e também os clubes envolvidos. Além dessa questão, foi relatado o “atraso sistemático” caracterizado por permitir a um atleta que, por meio de uma declaração de seu clube, recebesse permissão da diretora da escola para chegar à escola com 30 minutos de atraso diariamente, sem que fosse prejudicado por isso.

Outra estratégia apontada foi o caso de um clube, no Estado do Rio de Janeiro, que adotava, na época da pesquisa, a estratégia do regime de “albergamento”, em que o atleta residia e estudava nas dependências do clube. Embora, nesse tipo de regime, o estudante atleta se beneficiasse por poder assistir às aulas em turnos diferentes no interior do próprio clube, de acordo com os seus compromissos esportivos, otimizando o tempo por descartar os períodos gastos com deslocamentos até a instituição escolar, apresentamos algumas ressalvas referentes à estratégia. Entendemos que, apesar de essas questões de otimização, do ponto de vista funcional, serem importantes, algumas características particulares confrontam a lógica organizacional escolar, como ausência de turma e turno fixos para esse aluno, e a descontinuidade na relação professor-aluno em virtude dos variados horários de presença nas aulas. Essas particularidades precisariam ser mais bem analisadas quanto aos impactos resultantes na relação ensino-aprendizagem e da valorização da escola nesse cenário.

Essa condição não se apresenta apenas no Rio de Janeiro. Barreto (2012) mostra que essa estratégia também é utilizada em uma equipe mineira de futebol, denominando-a como um oferecimento direto de acesso à escolarização. Assim, essa equipe oferece, por meio de um convênio com uma escola particular de Belo Horizonte, opção de acesso à escolarização para seus atletas no interior da “Toca da Raposa I”.³⁵ Embora chamemos a atenção para as mesmas ressalvas citadas, concordamos com Barreto (2012), ao analisar essa relação de parceria como benéfica para dois dos envolvidos nessa estratégia de conciliação, já que, para o clube mineiro, o acesso à escolarização dos atletas passa a não intervir nos horários de treinamentos dos atletas e, para a escola, como instituição particular de ensino, o fato de garantir um bom número de matrículas anuais extras vem ao encontro de suas expectativas. Só ainda não foi possível quantificar o impacto dessas adaptações no tocante ao acúmulo de capital cultural institucionalizado por parte dos estudantes atletas.

³⁵ Nome do Centro de Treinamento do Cruzeiro Esporte Clube em Minas Gerais.

Outra equipe mineira, mesmo utilizando o regime de albergamento para seus atletas em idade escolar, utiliza-se de escolas da rede de ensino municipal e estadual para que seus atletas tenham acesso à formação escolar. A equipe fica responsável pela matrícula do aluno, transporte de ida e volta à escola e segurança no trajeto Centro de Treinamento/Escola/Centro de Treinamento. Essa estratégia é vista pelo autor como um oferecimento indireto de acesso à escolarização (BARRETO, 2012).

Ainda no caso dessa segunda equipe mineira, vem sendo adotado, como possibilidade de acesso à escolarização, o Centro Estadual de Educação Continuada (Cesec), um programa de ensino instituído pelo Governo Estadual de Minas Gerais, que tem por finalidade atender à grande demanda de alunos com histórico de evasão ou exclusão escolar, inclusive aqueles que não conseguiram concluir o ensino supletivo. O Centro Estadual baseia-se na distribuição de apostilas com todo o conteúdo a ser exigido na avaliação, e os alunos são os responsáveis por determinar quando comparecerão e o tempo de permanência nessas visitas à escola. Nessas ocasiões, podem ser atendidos, individualmente ou em uma aula expositiva. Não existe cobrança de frequência regular por parte do projeto. Os educadores são denominados “orientadores de aprendizagem” e permanecem diariamente à disposição dos alunos durante os turnos matutino, vespertino e noturno. Assim, o aluno realiza a avaliação quando se sentir apto e, se for reprovado, poderá fazer nova prova após um mês da primeira reprovação ou dois meses após um segundo insucesso.

Salientamos que as estratégias de oferecimento de acesso à escolarização vistas nas duas equipes mineiras, apesar de distintas, avançam para além de serem uma justificativa social para o convencimento de pais de jovens talentos esportivos futebolísticos. Essas estratégias não permitem que seus atletas em formação fiquem sem acesso aos conteúdos formais escolares e, ao mesmo tempo, impedem que esse acesso à formação escolar afete os horários e a qualidade dos treinamentos no futebol. Então, cada um à sua maneira, procura alternativas e soluções que melhor atendam a esse processo de conciliação de formações do qual o clube, queira ou não, é integrante.

Analisando o futsal feminino catarinense, a conciliação entre o esporte e a escola surge como uma maneira de alcançar credenciais acadêmicas universitárias, por parte das atletas que já finalizaram o ensino médio, utilizando bolsas de estudo nas universidades apoiadoras dos projetos esportivos (COSTA, 2012). Essas bolsas são

oferecidas como contrapartida em forma de “salário indireto” para que as atletas disputem os campeonatos por determinadas instituições de ensino, agregando valor ao seu salário, já que “gastariam menos” por sua formação acadêmica.

Em um outro viés, a aproximação das universidades brasileiras com o esporte de rendimento (utilizando-o como ferramenta de *marketing*) também influenciou positivamente o nível de escolarização de atletas de elite. O handebol masculino apresentou e apresenta equipes profissionais na modalidade mantidas por universidades, fato que proporcionou a possibilidade de desenvolvimento do perfil educacional dos atletas envolvidos.³⁶ Essas duas estratégias mostradas por Melo (2010) e Costa (2012) nos chamam a atenção na direção de que a aproximação de universidades brasileiras do esporte de rendimento, avançando para além de questões *de marketing*, pode representar uma mudança importante no perfil educacional do estudante atleta brasileiro, mesmo que, em sua concepção inicial, não fossem esses os objetivos principais das instituições.

Não diminuindo a importância das estratégias estatais supracitadas, e de outras apontadas durante esta pesquisa, independente de sua origem ser estatal ou apenas de um acordo informal entre instituições formadoras (escolas e clubes), famílias e estudantes atletas, parece-nos que, cada vez mais, o impacto do desejo de profissionalização esportiva em estudantes atletas tem se refletido em um distanciamento por parte deles destas tentativas de conciliação entre a formação escolar e a formação esportiva. Esse desejo parece estar embasado nas possibilidades de rápido retorno financeiro, de *status* adquirido ou, simplesmente, no fato de ele estar inserido nesse contexto de se fazer o que gosta. A resposta de atletas estudantes dinamarqueses considerando a escola como um “mal necessário” para o alcance de seus objetivos esportivos denota bem essa posição. Essa resposta precisa ser ainda analisada melhor, uma vez que, diferente das difíceis situações de estrutura escolar encontradas e divulgadas, inclusive por meios de comunicação, em nosso país, partimos do princípio de que a estrutura, qualidade e acesso ao ensino em escolas regulares não são problemas neste país nórdico

Rocha (2013) busca compreender, pelos estudos de Velho (1997), essa postura de hierarquização na escolha entre as formações ao se apropriar do conceito de projeto

³⁶ A Seleção Brasileira de Handebol, que defendeu o Brasil na Olimpíada de Atenas, apresentou um perfil educacional dos atletas assim distribuído: 93% dos atletas tiveram acesso à universidade, 66% concluíram o ensino superior. (três desses atletas se tornaram especialistas) (Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/olimpiadas/brasileiros/escolaridade.jhtm> >. Acesso em: 12 mar. 2013.

individual, que se embasa na condição de o indivíduo efetuar suas escolhas dentro do seu campo de possibilidades, entendendo que projetar é antecipar uma situação desejada e possível, construindo objetivos e estratégias que os levariam ao alcance dessa situação pretendida e que pensa o indivíduo estar ao seu alcance. O autor chama a atenção ainda para o fato de que esse jovem estudante atleta não nasce com seu projeto individual estabelecido; as possibilidades de execução desse projeto vão se inserindo em seus campos de possibilidades.

Parece que esta condição de se envolver com maior determinação ou empenho em sua formação esportiva advém da sua condição de ir ao encontro do seu “projeto individual” ou, em outras palavras, pode acontecer que, mesmo se pensando em estratégias para que sejam proporcionadas ambas as formações para estudantes atletas, estes não as valorizem, não se incluam nelas, ou ainda não as legitimem, continuando a se identificar melhor com a formação esportiva, pois essa, sim, faz parte de seu projeto individual. A respeito dessa questão, Correia (2014, p. 89) escreve:

[...] Desse modo, não importa apenas a exigência de determinadas configurações e condições (a existência das redes, a renda elevada, o capital cultural objetivado para a construção desse campo de possibilidades) também se faz necessária a visão desse ator sobre o reconhecimento e a aceitação dessas possibilidades em direção aos seus objetivos (CORREIA, 2014, p.89).

Ao que se indica, então, por mais que existam preocupações, sejam elas familiares, sejam estatais, quanto à conciliação das demandas, essas podem estar desalinhadas em relação ao projeto individual desses jovens. Eles não reconhecem na escola significados que contribuiriam para aquilo que querem desempenhar futuramente, tornando-a para eles sem sentido. Essa postura nos traz um questionamento: até onde esses estudantes atletas puderam participar da construção dessas estratégias?

Sobre essa questão, Watt e Moore III (2001) buscam melhor compreensão em um artigo publicado em um número especial do periódico *New Directions for Students Services*, no qual recomendam, além de “dar voz” aos estudantes atletas quanto às suas necessidades e expectativas, criar uma aproximação entre eles e as instituições de ensino. Sugerem “educar” faculdades e treinadores sobre o único e complexo equilíbrio entre a vida esportiva e acadêmica de estudantes atletas, criar cursos e seminários que auxiliem estudantes atletas a equilibrar ambas as formações, ser flexível e criativo quando oferecerem sessões dos Conselhos Estudantis e manter a atenção voltada aos

estudantes atletas formandos, além de organizar possibilidades de encontro entre faculdades e treinadores para que conversem a respeito dos estudantes atletas. Todas essas são ações para que os estudantes atletas se engajem em estratégias de valorização real da formação acadêmica.

1.5.3 Família, escola e formação escolar e esportiva

Neste terceiro momento, abordaremos a relação da família e da escola no que diz respeito à priorização da formação esportiva. Esse assunto é focalizado por Lee (1983), Goldberg e Chandler (1995), Kay (2000), Collins e Buller (2003), Soares et al. (2011), Rocha et al. (2011), Soares, Rocha e Costa (2011), Singer e May (2011), Romão, Costa e Soares (2012), Costa (2012), Barreto (2012) e Rocha (2013), representando quase 45% dos trabalhos considerados neste momento o que, de certa maneira, evidencia o papel da família nesse contexto.

Kay (2000) considera o ambiente familiar como responsável um importante fator na formação do jovem esportista, principalmente se os pais forem adeptos de modalidades esportivas, seja no âmbito de rendimento, seja do lazer. Aspectos ligados a uma condição econômica estável, em nível de formação acadêmica dos pais, e à presença do pai e da mãe em casa também se apresentam como diferenciais na formação esportiva dos jovens.

Não verificamos no estudo preocupação em traçar relações referentes ao papel do tempo destinado à formação esportiva, em comparação com o desempenho escolar, porém o autor permanece atento à seletividade social do esporte, em que jovens pertencentes a famílias de classes sociais menos favorecidas podem ter seu acesso aos ambientes esportivos limitados. Esse fator contribuiria para que o desenvolvimento de suas habilidades esportivas ficasse prejudicado. Essa questão também é apontada por Collins e Buller (2003) em relação às desigualdades de acesso ao esporte por jovens de diferentes classes sociais da Inglaterra.

No Brasil, algumas pesquisas indicam as implicações das questões familiares. No turfe, embora o que dificulte a conciliação entre escolarização e esporte, no caso específico desses atletas, seja a baixa frequência e, conseqüentemente, a baixa quantidade de horas de permanência na escola em função das competições semanais (às

segundas e às sextas), também se evidencia o impacto do pertencimento de classe desses jovens em relação ao pouco investimento escolar (SOARES; ROCHA; COSTA, 2011).

No voleibol carioca (ROMÃO; COSTA; SOARES, 2012) e no futsal feminino (COSTA, 2012), a principal característica da importância atribuída à conciliação esporte-escola acontece principalmente em virtude do *background* familiar, que é entendido como a relação de características sociais e intelectuais da família da qual o jovem faz parte.

O futsal feminino em Santa Catarina (COSTA, 2012) apresenta uma característica de média de formação acadêmica dos pais das atletas envolvidos maior do que as médias de escolarização nacional.³⁷ Essa característica exerce influência na importância atribuída aos estudos por seus filhos, resultando, nesses adolescentes envolvidos com modalidades de quadra, em um melhor entendimento da necessidade de continuar seus estudos mesmo praticando esportes. A família é fundamental na escolha da maneira como se dará importância a esta conciliação esporte e escola. Assim, “[...] o capital cultural [pode ser considerado como] o elemento da bagagem familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 21).

Reconhecendo as limitações de comparação entre as modalidades estudadas em razão das diferenças entre as constituições das amostras, mas buscando apontar particularidades das pesquisas estudadas, no voleibol carioca, a porcentagem de atraso escolar é de 6,5%. No futebol, sempre considerando a heterogeneidade dos grupos pesquisados, esse número chega a 18,6%, embora tenha sido constatado por Melo (2010) que, apesar de terem longos períodos de treinamento, os atletas de futebol das categorias de base do Rio de Janeiro apresentam uma escolaridade maior que o padrão existente no Estado.

A maior preocupação com a formação escolar também é verificada na maneira como são organizados os horários dos treinamentos esportivos. Estes, respeitando-se ainda as limitações derivadas das diferentes amostras, no voleibol, se caracterizaram por se organizarem a partir do turno de matrícula dos atletas na escola.

³⁷ Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=PD323>>. Acesso em: 11 fev. 2013.

Em nosso modo de entender, fica evidente o papel da família como determinante na escolha das importâncias atribuídas às formações esportiva e escolar. Ela é capaz de determinar, por meio do nível de escolarização dos pais, por exemplo, a questão da priorização atribuída às demandas escolares e esportivas. Além disso, também pode impactar na medida em que a aposta esportiva de um estudante atleta passe a se tornar a aposta esportiva de toda a família que, nesse caso, não mediria esforços para que essa difícil missão de profissionalização no esporte se concretizasse para que todos possam, posteriormente, desfrutar de suas benesses financeiras.

1.6 APONTAMENTOS FINAIS

Por meio das pesquisas às quais tivemos acesso durante este estudo, pudemos verificar a relevância do tema em relação ao futuro dos estudantes atletas. Notamos que essa temática já era abordada nos Estados Unidos aproximadamente 30 anos antes de começar a ser estudada no Brasil, onde, por meio de pesquisas do Labec, o tema surge em 2007, com sua primeira publicação localizada em periódicos em 2011.³⁸

É notada também uma predominância inicial de autores e periódicos estadunidenses que talvez possa ser explicada principalmente pela valorização atribuída às dimensões educacionais e esportivas na cultura daquele país. Outros fatores que podem explicar tal condição são o modelo de formação esportiva escolar adotado e o incremento das ligas profissionais esportivas americanas. Esse incremento contribuiu para despertar em estudantes atletas americanos o desejo de se profissionalizarem no esporte, gerando uma certa tensão entre esses ambientes. Como contramedida surgiram associações regulamentadoras que regem as relações entre escola e esporte com importantes condicionantes.

Também foram localizados estudos abordando o tema oriundos de países europeus tais como a Suécia, a Finlândia, a Dinamarca, a Irlanda e a antiga União Soviética, com a similaridade de apresentar suas formações esportivas no ambiente escolar e de mostrar o futebol como a modalidade com maior número de produções. Talvez o predomínio da modalidade em estudos se justifique pelo apelo financeiro que apresenta para os praticantes que alcançam êxito nessa proposta ao redor do mundo. Todavia, as tentativas de conciliação entre as formações, diferentes das encontradas nos

³⁸ Existem publicações produzidas pelo Labec em 2009, mas não foram localizadas nas bases de dados utilizadas, além de não tratarem do tema “conciliação”.

Estados Unidos, surgem de iniciativas estatais, reflexo de pressões exercidas pelas sociedades locais. Interessante notar que, apesar das preocupações estatais e da sociedade, os estudantes atletas estudados a princípio continuavam demonstrando maior interesse na formação esportiva, entendendo ser a escola um “mal necessário”. Talvez, ainda, essa condição explique diferentes áreas de conhecimento estudando o tema para melhor compreendê-lo, como Educação, Educação Física, Sociologia, Psicologia, Administração e Economia.

Por meio dos estudos selecionados neste artigo e também pelo acúmulo de leituras, os Estados Unidos, a Dinamarca e o Brasil surgem como referências nesse assunto, com pesquisadores ligados à área da Educação Física. As publicações mais atuais localizadas em periódicos por meio dos descritores utilizados foram brasileiras. A produção brasileira também apresenta uma variedade maior de modalidades estudadas, como futebol, voleibol, turfe e futsal.

Assim, diante dos estudos encontrados, parece-nos ser um grande desafio fazer com que, em nosso país, a relação de parceria entre os clubes e as escolas, no que diz respeito ao oferecimento de possibilidades para aquisição de credenciais acadêmica, avance como nos mostra Paoli (2007), em relação a não se apresentar apenas como uma justificativa social, mas que se torne uma preocupação voltada realmente para a formação do jovem de maneira integral, dadas as possibilidades de insucesso na profissionalização esportiva.

Por fim, percebemos uma lacuna referente a pesquisas que adotam o basquetebol como modalidade e público pesquisado e, para além da modalidade, capaz de abordar estudantes atletas que sirvam a seleções nacionais de base e que, devido às demandas provenientes dessa condição, necessitam também de estratégias para que seja possível a condição de conciliação entre as formações escolar e esportiva. Essa particularidade nos faz refletir a respeito do impacto que essas convocações, com todas as suas características, representaria na carreira escolar desses jovens atletas.

2 CONCILIAÇÕES ENTRE FORMAÇÃO ESPORTIVA E FORMAÇÃO ESCOLAR: UM ESTUDO DAS SELEÇÕES BRASILEIRAS MASCULINAS DE BASQUETEBOL SUB 17 E SUB 19

No meio acadêmico, as discussões relativas às dificuldades de conciliação entre as formações esportiva e escolar para jovens estudantes atletas têm se embasado principalmente no fato de acontecerem em instante simultâneo, de ambas demandarem grande dedicação de tempo e estar ratificada a condição de poucos jovens alcançarem êxito nessa “aposta” esportiva, expondo-os posteriormente a um possível comprometimento de inserção no mercado laboral ordinário.

Sack e Thiel (1979), ao estudarem a mobilidade social de jogadores de futebol americano da Universidade de Notre Dame, destacam a diferença de aproveitamento entre as notas escolares de alunos atletas e não atletas, e a diferença de resultados de mobilidade social, quando comparados os titulares e os reservas das equipes.³⁹ A pesquisa apresentou como desdobramento um questionamento em relação ao futuro profissional dos atletas que não obtivessem sucesso na carreira esportiva e que não tivessem concluído sua graduação acadêmica, buscando entender como seria a posterior inserção desses jovens estudantes atletas nesse mercado laboral.

Parker (2000), em pesquisa com um grupo de jovens futebolistas britânicos, apontou a percepção deles de que o esporte necessita de dedicação integral, alertando para uma possível secundarização e conseqüente afastamento do ambiente escolar. Assim, no caso desses atletas, a preocupação com a formação escolar se deslocaria para um segundo momento, quando se esgotam todas as tentativas de profissionalização esportiva.

Hickey e Kelly (2008), por sua vez, buscaram justificar a importância da formação escolar para atletas chamando a atenção para a possibilidade de ocorrência de lesões limitadoras ao longo da carreira esportiva de jovens atletas australianos, que impossibilitariam o atendimento de suas demandas como atletas, o que gerou, por parte

³⁹ Essas diferenças se apresentam na colocação profissional posterior ao esporte em cargos de liderança e comando. Enquanto 34% dos titulares estavam à época da pesquisa situados profissionalmente como “*top executives*”, essa porcentagem era de 13% para os atletas reservas na faculdade.

da Liga Australiana de Futebol, uma preocupação relativa à criação de um programa de educação e preparação para o mercado de trabalho ordinário.⁴⁰

No Brasil, as formações escolar e esportiva acontecem, na maioria das vezes, em locais distintos, a saber, escola e clubes esportivos, contribuindo, nesse contexto de simultaneidade de ocorrência, para um quadro de concorrência entre elas. Assim, o esporte e a escola se configuram como mercado e espaço, respectivamente, formadores de profissionais, que requisitam capitais específicos.

De maneira geral, na busca de uma melhor compreensão em relação às qualidades necessárias para a obtenção de sucesso ao que esses estudantes atletas se propõem, apropriar-nos-emos dos conceitos de capital cultural em seu estado incorporado, entendido como capital ligado ao corpo e à condição de incorporação de conhecimentos e de capital cultural em seu estado institucionalizado, ou seja, aquele representado pela aquisição de certificados de competência oferecidos por instituições acadêmicas formadoras na forma de títulos e diplomas (BOURDIEU, 1998). No caso desse ambiente esportivo, adota-se ainda um terceiro conceito, compreendido como capital físico, caracterizado como capital desenvolvido a partir de treinamentos específicos para o campo profissional esportivo (McGILLIVRAY; McINTOSH, 2006), que se constitui preponderante para uma melhor análise desse grupo específico de atletas de elite.

Percebe-se que, apesar da baixa porcentagem de jovens que conseguem profissionalização esportiva, vem se acentuando em jovens atletas em idade escolar a busca por uma carreira laboral profissional no esporte. Os atletas o entendem como uma importante ferramenta de afirmação social na qual buscam condições de evolução financeira e *status* (LEE, 1983), mesmo diante de tantos sacrifícios exigidos por essa opção, principalmente ligados à carga de trabalho corporal e à mudança de hábitos sociais cotidianos (DAMO, 2005; RIAL, 2006; PAOLI, 2007; MELO, 2010; BARRETO, 2012; COSTA, 2012).

⁴⁰ Essa preocupação também é verificada em Sack (1987), Watt e Moore III (1993), McGillivray e McIntosh (2006), Melo (2010), Rocha et al. (2011), Soares et al. (2011) e Soares, Rocha e Costa (2011).

Metsä-Tokila (2002) aponta que, apesar de todos esses esforços desenvolvidos pelos atletas para o alcance de profissionalização esportiva, as possibilidades de aproveitamento do capital esportivo ou da experiência como atleta em outros campos profissionais não significam uma qualificação suficiente no mercado laboral formal.

Apesar desses indicadores e de leis que deveriam regulamentar uma condição de equilíbrio entre as formações escolar e esportiva, ainda não percebemos no cenário nacional a eficiência desses regulamentos, fazendo com que o conceito de “harmonização” (COSTA, 2012) das formações seja legitimado. O conceito se apoia na legislação brasileira, relacionando a formação esportiva com o aproveitamento e a promoção escolar e é demonstrado na Lei nº 9.615/98, em seu art. 29, que aponta às instituições esportivas formadoras a responsabilidade de garantir a matrícula do jovem na escola, ajustar o tempo de treinamento aos horários do currículo escolar e exigir sua frequência e aproveitamento satisfatório. O art. 85 da referida lei indica que as instituições de ensino em diferentes níveis

[...] definirão normas específicas para verificação do rendimento e o controle de frequência dos estudantes que integrem representação desportiva nacional, de forma a harmonizar a atividade desportiva com os interesses relacionados ao aproveitamento e à promoção escolar (BRASIL, 1998, p. 28).

No Brasil, a fiscalização legal dessa suposta conciliação ainda é modesta, tornando as iniciativas ligadas a essa particularidade oriundas das partes envolvidas (escolas, famílias e alunos) nos processos de flexibilização de estudo, com a finalidade principal de proporcionar a permanência do aluno na escola.

Talvez essa modesta fiscalização presente nesse ambiente se justifique pelo fato de, no imaginário social, ambos, esporte e escola, assumirem importante aspecto de valorização e formação de indivíduos. Em outras palavras, não causa repercussões sociais maiores para grande parcela da população o fato de um jovem optar, mesmo em idade escolar, pela priorização de uma tentativa de carreira esportiva. Essa posição poderia chocar uma camada da população que, em momentos anteriores, teve acesso, muitas vezes por condições econômicas familiares, a oportunidades positivamente diferenciadas, conseguindo superar gargalos educacionais e concluir sua trajetória acadêmica com êxito e valorizando um *habitus* escolar.

Somado a isso é atribuído ao esporte, em nossa sociedade, o “poder” de ser responsável por uma redenção social em contraponto a uma situação de pobreza e abandono de classes sociais, que hoje não enxergam essas mesmas possibilidades de ascensão na trajetória escolar. Assim, diferente de outras sociedades, como a dinamarquesa, por exemplo, que exigiu do governo uma política para atendimento dessa demanda (CHRISTENSEN; SORENSEN, 2009), no Brasil, famílias menos favorecidas economicamente passam a ser parceiras desse projeto de seus filhos e parentes, convivendo assim em harmonia com essa situação e continuando a apoiar uma possível priorização precoce da formação esportiva, não exercendo nenhuma pressão sobre os órgãos reguladores para que fiscalizem essa situação.

Nesse sentido, Correia (2014, p. 17) analisa essa questão apontando:

Nessa ótica, o esporte é muitas vezes entendido no Brasil como um espaço de igualdade que possibilita às camadas populares o projeto de ascensão social, de participação protagonista no desenvolvimento desse campo social. Logo, muitos jovens encaram o esporte como um caminho para superar os problemas cotidianos e transformar sua situação social e política.

Dito de outra forma, é compreensível que, para algumas camadas sociais mais baixas expostas a fatores, como o difícil acesso e o alto custo da escolarização, à medida que os alunos vão ascendendo de nível tornem as recompensas dessa possível aposta escolar duvidosas e muito demoradas. Assim, a pressão exercida por eles para que sejam viabilizadas condições de harmonização entre as formações é colocada em segundo plano e seu olhar, quanto a essa situação, fica atrelado às possibilidades de um retorno financeiro rápido, mesmo que incerto.

No cenário nacional, pesquisas começam a revelar as características de diferentes modalidades e grupos até agora estudados. Assumimos as ressalvas que precisam ser respeitadas quanto às comparações entre as modalidades estudadas em razão das diferenças entre as constituições das amostras, mas percebemos que, em relação ao atraso escolar por exemplo, no voleibol carioca, o número de atletas que o apresentam é de 6,5%,⁴¹ enquanto no futebol, sempre considerando a heterogeneidade dos grupos pesquisados, esse número chega a 18,6%. Interessante notar, nesse caso, que

⁴¹ Foi verificado, nos estudos a respeito do voleibol masculino e feminino cariocas e no futsal feminino catarinense, que a rotina de treinamento é apontada a partir dos horários escolares e que, no caso de concorrência entre ambos, são priorizados os comparecimentos à escola em detrimento do comparecimento ao treino (COSTA, 2012) o que, em termos práticos, causa poucos problemas quanto à conciliação das demandas.

tenha sido constatado por Melo (2010) que, apesar de terem longos períodos de treinamento, os atletas de futebol das categorias de base do Rio de Janeiro apresentem uma escolaridade maior que a média no Estado para indivíduos da mesma faixa etária.

Rocha et al. (2011) mostram algumas maneiras de conciliação presentes no futebol nacional. Entre elas, a migração dos estudantes atletas para o ensino noturno, à medida que vão ascendendo de categoria, e o “atraso sistemático”. Este é caracterizado por permitir a um atleta, mediante uma declaração de seu clube, chegar com 30 minutos de atraso diariamente, recebendo aval da diretora da escola. Ao contrário do que encontramos nas modalidades voleibol e futsal estudadas pelo grupo, percebemos no futebol uma adaptação da rotina escolar à rotina esportiva, caracterizando que a escolha do turno escolar é ditada pelos compromissos esportivos.

Barreto (2012) ainda aponta outra tentativa de conciliação por parte de uma equipe mineira de futebol buscando atender às necessidades dos clubes de futebol para que não sejam comprometidas as demandas de treinamento. A adoção do Centro Estadual de Educação Continuada, um programa de ensino instituído pelo Governo Estadual de Minas Gerais, que tem por finalidade atender à grande demanda de alunos com histórico de evasão ou exclusão escolar, incluindo nessa condição aqueles que não conseguiram concluir o ensino supletivo.

Já no futsal feminino catarinense, a conciliação entre o esporte e a escola surge como uma maneira de alcançar credenciais acadêmicas por parte das atletas, utilizando bolsas de estudo nas universidades apoiadoras dos projetos esportivos (COSTA, 2012). Essas bolsas de estudo são oferecidas como contrapartida em forma de “salário indireto” para que as atletas disputem os campeonatos por determinadas instituições de ensino, agregando valor ao seu salário, já que diminuiriam o “gasto” com sua formação acadêmica. Interessante notar aqui a valorização do capital físico dessas atletas sendo reconvertido em possibilidades de aquisição de melhores credenciais acadêmicas e de capital cultural institucionalizado.

Nesse cenário, temos por objetivo investigar as estratégias utilizadas pelos atletas convocados em 2013 para as Seleções Brasileiras de Basquetebol masculinas de base Sub 17 e Sub 19 anos, quanto às possíveis conciliações entre formação esportiva e escolar. Vale ressaltar que esses atletas, mesmo quando se utilizam de uma das estratégias comuns também a outras modalidades na busca de conciliar as formações,

apresentam o agravante de ficar longos períodos afastados das cidades onde residem e, conseqüentemente, de estratégias de conciliação locais pré-construídas, já que, a serviço da Seleção Nacional, precisam ficar concentrados por bom período em determinada cidade ou centro de treinamento. Buscamos, ainda, compreender a influência das convocações para as Seleções Nacionais nos índices de escolaridade desses atletas de elite, como abandono e repetência escolar, além de investigar como esses atletas, a partir do momento em que fazem parte da elite nacional de sua modalidade esportiva, em sua faixa etária, atribuem importância à escola e à aprendizagem escolar.

2.1 METODOLOGIA

Este estudo apresentará uma abordagem quali-quantitativa. Foram realizadas 31 entrevistas na busca de melhor compreender as estratégias de conciliação entre a formação esportiva e a escolar utilizadas pelos atores desta pesquisa. Assim, a amostra, por conveniência, constituiu-se por 31 atletas convocados e que se apresentaram para as Seleções Brasileira de Basquetebol masculina, 17 deles pertencentes à Sub 19 (S19)⁴² e 14 à Sub 17 (S17),⁴³ que atuam em clubes brasileiros e que se apresentaram em São Sebastião do Paraíso (MG) e em Campinas (SP) para a primeira fase de treinamentos visando à disputa do Campeonato Mundial da categoria, em julho, na República Tcheca (S19), e o Campeonato Sul-Americano no Uruguai (S17).

A pesquisa foi estruturada inicialmente tendo como eixos norteadores: a) formação esportiva: idade de início; rotina de treinamentos nas diferentes fases vividas nas categorias de base; lembranças positivas e negativas; b) escolarização: local; tipo de escola; turno de aulas; horário destinado aos estudos nas diferentes fases da vida; compatibilidade entre treinos, competições, lazer, escola e estudo; anos de escolarização; cursos paralelos; apoio e bolsas recebidas; c) história familiar: profissão e escolaridade dos pais, estado em que nasceu, tipo de moradia, etnia a partir da

⁴² Na Sub 19, dos 20 atletas convocados, três não estavam presentes quando da visita dos pesquisadores, por diferentes motivos: um deles havia retornado à sua cidade de origem para tratamento de uma contusão; o segundo disputava com a equipe principal de seu clube os Play Offs do Novo Basquete Brasil 12/13; e o terceiro representava o Brasil no *Nike Hoop Summit*, espécie de acampamento de basquetebol promovido anualmente pela empresa de materiais esportivos com jovens talentos de vários países, o que nos possibilitou 17 entrevistas com a seleção Sub 19 que, somadas as 14 realizadas com a Sub 17, totalizaram 31 entrevistas.

⁴³ Na Sub 17, quando da visita do pesquisador, os atletas Abner Setúbal Pinheiro dos Santos e Fernando Sanches Salsamendi haviam sido desligados do grupo no dia anterior. Já Leandro Nogueira pediu dispensa e nem se apresentou à seleção Sub 17.

autodeclaração; d) rotina da vida atual: trabalho, lazer, vida social, atividades de formação e autoformação como jogador profissional e outras atividades de formação ou lazer que pratica atualmente.

O formulário norteador das entrevistas foi adaptado do utilizado na pesquisa de Costa (2012). Sua ampliação foi elaborada a partir de novas problematizações, como os atendimentos por programas Bolsa Atleta ou histórico de convocações para a seleção na família.

A participação dos atletas foi previamente consentida pela Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB) e pelos próprios atletas, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. No caso de atletas menores de 18 anos, a participação foi possível mediante assinatura do Termo de Assentimento por parte do administrador-geral da Seleção Brasileira Sub 19 e da Seleção Brasileira Sub 17. A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) sob o Parecer nº 222.628, de 4 de março de 2013.

Os dados aferidos na pesquisa foram analisados por uma estatística descritiva com cálculo de prevalência a partir da ferramenta tabulação cruzada do SPSS v.17 (SPSS Inc., Chicago, USA).

2.2 CONTEXTUALIZANDO O ESTUDO

Entendemos que os anos deste pesquisador a serviço da Seleção Brasileira foram uma importante credencial para uma negociação até certo ponto tranquila com a Confederação Brasileira de Basquetebol para poder ter acesso aos jovens atletas das Seleções Brasileiras Sub 17 e Sub 19 que disputariam os campeonatos sul-americano e mundial, respectivamente. A solicitação foi recebida e deferida pelo senhor Vanderlei Mazzuchini, antigo companheiro de Seleções Brasileiras de base e adulta, hoje diretor de Seleções Brasileiras masculinas da CBB. Assim foi nossa programação de aplicação dos questionários.

Estes, para os atletas da Seleção Brasileira Sub 19, foram aplicados em São Sebastião do Paraíso, em abril de 2013, onde eles estavam concentrados.⁴⁴ A Seleção se

⁴⁴ Nessa cidade se situa a Arena Olímpica de São Sebastião do Paraíso, um complexo esportivo para treinamentos que, por meio de um convênio assinado entre a Confederação Brasileira de Basquetebol e a Prefeitura Municipal, foi assumido como Centro de Treinamento do Basquetebol Brasileiro. Essa arena é

preparava para o Campeonato Mundial da categoria que foi realizado na República Tcheca, no fim do mês de junho, início de julho/13.⁴⁵ Com relação à Seleção Sub 17, a aplicação do questionário aconteceu em Campinas (SP) e a equipe se preparava para o campeonato Sul-Americano da categoria, classificatório para a Copa América (Pré-Mundial). Não houve, por parte de nenhum atleta, recusa em colaborar no estudo.

Os atletas que se apresentaram para esse período de treinamento para a Seleção Brasileira Sub 19 foram: Arthur Pecos Fernandes da Silva, Felipe Ricci Maia, Lucas Henrique Moreira, Wilson Carneiro de Lima Júnior, Christian Panuzzio, Antônio Elpídio Ferreira Júnior, Guilherme Martins Verardo, Humberto Luis Silva, Guilherme Naleagaca Saad, Rodrigo Ítalo de Almeida Lima, Jônatas Júlio de Melo, Bruno Correa F. Caboclo, Eduardo Campos Sommer, Felipe Rech, Adriano Alves Júnior, Matheus Henrique Pereira e Lucas Marciel Rosa Faria, apresentados no quadro abaixo:

Quadro 1– Seleção Brasileira Sub 19 (Continua)

NOME DO ATLETA	EQUIPE	CATEGORIA	ANO DE NASCIMENTO
Wilson Carneiro de Lima Júnior	Minas Tênis Clube	Sub 19	1994
Lucas Henrique Moreira	Limeira	Sub 19	1994
Guilherme Naleagaca Saad	APABA Santo André	Sub 19	1995
Rodrigo Ítalo de Almeida Lima	APABA Santo André	Sub 19	1994
Jônatas Júlio de Mello	APABA Santo André	Sub 19	1994

composta por um ginásio com capacidade para 3.500 pessoas, refeitório, quartos para alojamento, sala de musculação, de fisioterapia, sala de vídeo, campo de futebol, pista de atletismo e lavanderia.

⁴⁵ A Comissão Técnica responsável por comandar essa seleção era liderada pelo Sr. Mariano Bicego (administrador responsável pela Seleção). O *Head coach* é Demétrius Ferraciu. Seus assistentes técnicos são os senhores Jefferson Louis Teixeira, Athos Calderaro e André Germano. Os preparadores físicos são João Henrique Gomes e Diego Falcão. O médico da delegação é Carlos Tadeu Moreno e o fisioterapeuta é Alexandre Jorge Leite. Em relação a Sub 17, o *head coach* era Pablo Costa e o supervisor Fernando Larralde. Os treinamentos foram ministrados no Clube Campineiro Regatas e Natação. Compunham ainda a Comissão Técnica os assistentes técnicos Fábio Pellanda e Antônio Clóvis Duarte, o preparador físico Fúlvio Martins Ventura, o médico Ricardo Guilherme Eid e o fisioterapeuta Bruno de Camargo Mendes.

Quadro 1– Seleção Brasileira Sub 19 (Conclusão)

NOME DO ATLETA	EQUIPE	CATEGORIA	ANO DE NASCIMENTO
Arthur Pecos F. da Silva	S E Palmeiras	Sub 19	1994
Luis Felipe Ricci Maia	Franca Basquete	Sub 19	1995
Bruno Correa Fernandes Caboclo	E C Pinheiros	Sub 19	1995
Christian Mendonça Gomes Panuzio	Minas Tênis Clube	Sub 19	1994
Eduardo Campos Sommer	Limeira	Sub 19	1994
Antônio E. Ferreira Júnior	Franca Basquete	Sub 19	1994
Humberto Luis Gomes da Silva	E C Pinheiros	Sub 19	1995
Guilherme Martins Verardo	Minas Tênis Clube	Sub 19	1995
Matheus Henrique Pereira	E C Pinheiros	Sub 19	1994
Felipe Rech	Limeira	Sub 19	1994
Adriano Alves Júnior	E C Pinheiros	Sub 19	1994
Lucas Marciel Faria	Franca Basquete	Sub 19	1994

Fonte: Do autor

Com referência à Seleção Brasileira Sub 17, estavam presentes, na ocasião de nossa visita, os atletas João Pedro Borrego Martins, Pablo Henrique Costa de Lima, Fernando Almeida Fortunato, Fernando Silva Buboltz, Felipe Soeiro Weisheimer, Túlio Henrique da Silva, Leonardo Jacon Oliveira, Lucas Teodoro Colimério, Lucas Rosniak, Wesley Alexandre da Silva, Paulo Alexandre Camilo Júnior e Rafael Cintra Ribeiro, Júnio Duval dos Santos e George Lucas Alves de Paula, apresentados a seguir:

Quadro 2– Seleção Brasileira Sub 17 (Continua)

NOME DO ATLETA	EQUIPE	CATEGORIA	ANO DE NASCIMENTO
Rafael Cintra Ribeiro	Minas Tênis Clube	Sub 17	1997
Túlio Henrique da Silva	Olympico Clube	Sub 17	1996
Wesley A Sena da Silva	S E Palmeiras	Sub 17	1996

Quadro 2 – Seleção Brasileira Sub 17 (Conclusão)

NOME DO ATLETA	EQUIPE	CATEGORIA	ANO DE NASCIMENTO
Fernando Almeida Fortunato	Círculo Militar de SP	Sub 17	1996
Pablo Henrique Costa de Lima	Franca/SESI	Sub 17	1996
Felipe Soeiro Weisheimer	G N União	Sub 17	1996
Leonardo Jacon Oliveira	Limeira	Sub 17	1996
Lucas Rosniak	Minas Tênis Clube	Sub 17	1996
João Pedro Borrego Martins	São José Basquete	Sub 17	1996
Paulo Alexandre Camilo Júnior	Limeira	Sub 17	1996
Lucas Teodoro Colimério	São José Basquete	Sub 17	1996
Fernando Silva Buboltz	Minas Tênis Clube	Sub 17	1996
Junio Duval dos Santos	Franca Basquete	Sub 17	1996
George Lucas Alves de Paula	E C Pinheiros	Sub 17	1996

Fonte: Do autor

2.3 MERCADO ESPORTIVO NO BASQUETEBOL

Gostaríamos de nos posicionar neste momento quanto ao mercado esportivo no basquetebol, o qual entendemos como importante influenciador na possibilidade de priorização e atenção destinada à formação esportiva e consequente idealização como carreira laboral. Tomamos de empréstimo o conceito de Proni (2000), considerando-o como um ambiente social ou virtual próprio para o compartilhamento de bens, serviços e performances atléticas, visando a transformá-los em produtos econômicos. Ele tem como característica o aproveitamento de atletas de alto rendimento profissional em um âmbito competitivo sistematizado, caracterizado por competições regulares cada vez mais próximas do capital econômico, tendo em vista transformar o esporte em um produto a ser consumido e ofertador de retorno financeiro para seus apoiadores,

patrocinadores e investidores por meio de exposição midiática, do *marketing* e da publicidade.

Em especial, o mercado esportivo ligado ao basquetebol é influenciado diretamente pela Liga Profissional Americana, chamada de *National Basketball Association* (NBA) e que mostra grande preocupação com a transformação de um jogo de basquetebol em um grande espetáculo de entretenimento, posição corroborada por Ferreira (2008, p. 45) ao escrever que:

A *NBA* conseguiu fazer do basquetebol um evento que vai além do jogo propriamente dito. As partidas disputadas nessas arenas multifuncionais são verdadeiros shows que contribuem para que o público tenha um entretenimento muito maior do que se estivesse apenas assistindo a uma partida de basquetebol. São inúmeras promoções envolvendo o público. A começar pelos cantores que estão em evidência e são convidados para cantar o Hino Nacional americano antes da partida. Ou o fã escolhido para anunciar os times e os jogadores que iniciarão a partida. Ou as dançarinas que se exibem durante os tempos pedidos pelas equipes. Ou as mascotes que ora enterram a bola na cesta com a ajuda de um trampolim, ora fazem acrobacias e interagem com o público. Ou as promoções no intervalo da partida. Ou os telões posicionados no centro da quadra que tanto podem mostrar as melhores jogadas quanto focalizar um fã que, assim, ganha seus quinze segundos de fama.

Existe forte interesse por parte da *NBA* de expandir sua marca para além das fronteiras estadunidenses. Em agosto de 1979, a equipe do Washington Wizards visitou a China e participou de dois jogos de exibição. A partir de 1987, um dos grandes parceiros econômicos da *NBA*, a rede de fast food *McDonalds*, começou a patrocinar um torneio chamado *McDonalds Open*, reunindo equipes internacionais e uma equipe da *NBA*. Nos anos 90, a *NBA* estabeleceu-se internacionalmente com a criação de escritórios internacionais, localizados na França, no Japão, na Tailândia, na China (dois escritórios, um em Pequim e outro em Xangai) e no México. No Brasil, foi realizada, em 2013, no Rio de Janeiro, a primeira partida de exibição entre duas equipes *NBA*, *Washington Wizards* (time do brasileiro Nenê Hilário) e *Chicago Bulls* em uma Arena HSBC totalmente lotada.

A Olimpíada de Barcelona em 1992 foi o marco principal dessa internacionalização, ocasião em que a primeira equipe de atletas profissionais americanos representou o País na competição e, a partir dessa data, estrelas da modalidade estão envolvidas nessas competições esportivas de grande repercussão mundial reforçando as expectativas e atenções para esses eventos.

Nesse perfil de internacionalização, atletas brasileiros já estiveram e estão inseridos na Liga Americana, podendo usufruir do prestígio de seu retorno financeiro. Para citar alguns exemplos, Ferreira (2008) aponta que, na temporada 2007, Marcus Vinícius, do New Orleans Hornets, recebeu 412,75 mil dólares; Anderson Varejão, do Cleveland Cavaliers, ganhou 945,6 mil dólares; Leandro Barbosa, do Phoenix Suns, faturou 1,7 milhão de dólares; Rafael Araújo, do Utah Jazz, recebeu 2,4 milhões de dólares e Nenê Hilário, do Denver Nuggets, chegou a 10 milhões de dólares. Atualmente, o Brasil é representado na Liga Profissional americana por Leandro Barbosa (Phoenix Suns), Nenê Hilário (Washington Wizards), Thiago Splitter (San Antônio Spurs), além de Lucas Nogueira (Boston Celtics) e Raul Neto (Utah Jazz), que foram escolhidos no Draft de 2013, mas emprestados a equipes europeias para continuarem se desenvolvendo.

Podemos citar ainda como perspectivas de profissionalização e de retorno financeiro na modalidade as ligas europeias (Itália e Espanha principalmente) nas quais brasileiros, muitas vezes utilizando a possibilidade de terem dupla nacionalidade, podem atuar como comunitários, facilitando, assim, dependendo de suas qualidades técnicas, sua contratação. A vantagem para a equipe europeia nesse sentido é que poderia contratar o atleta ítalo-brasileiro, por exemplo, sem comprometer uma vaga destinada à contratação de jogador estrangeiro ou não comunitário.

No Brasil, as possibilidades de profissionalização na modalidade são viáveis por meio de equipes que se preparam para a disputa dos campeonatos estaduais. O Campeonato Paulista é o maior e mais importante deles e, pela perspectiva de se disputar o Novo Basquete Brasil (NBB), campeonato organizado pela Liga Nacional de Basquetebol⁴⁶ e que concentra as principais equipes profissionais da modalidade no País. A edição 2014 do NBB é a de nº 5 e caminha para a finalização da fase de classificação e início da fase final. O campeonato este ano conta com 17 equipes representando os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Espírito Santo, Minas Gerais e Ceará, além de uma equipe do distrito federal.

Nossa preocupação em situar o mercado esportivo na modalidade basquetebol é que, por meio desses atrativos expostos e de suas possibilidades de profissionalização, talvez possamos analisar melhor como esses estudantes atletas de elite enxergam a modalidade. Correia (2014, p. 53) a respeito dessa possibilidade nos mostra que:

⁴⁶ Disponível em: <www.lnb.com.br>.

A análise e a compreensão do mercado esportivo de cada modalidade é importante, pois tais mercados são importantes elementos na composição do campo de possibilidades desses atletas. A existência de esportes com mercados mais consolidados e expandidos pode significar, aos olhos dos atletas, um campo de possibilidades mais alargado para a profissionalização e, conseqüentemente, um direcionamento maior para a prática esportiva em detrimento da escola.

Vale ressaltar que lidamos, neste estudo, com a “nata” da modalidade basquetebol na idade entre 17 e 19 anos, e que essas possibilidades de profissionalização na modalidade se apresentam muito próximas de suas realidades, devido às suas chances serem alargadas em virtude de estarem inseridos em uma Seleção Nacional e de toda a atenção que é destinada a ela por clubes, empresários e treinadores de universidades americanas.

2.4 PERFIL DAS SELEÇÕES

Voltando à apresentação de nossa amostra geral, 17 atletas pertencem à Seleção Sub 19 (S19) e 14 à Seleção Sub 17 (S17). Destes, 22 nasceram no Estado de São Paulo, 1 no Rio de Janeiro, 2 em Santa Catarina e Minas Gerais, 1 no Mato Grosso do Sul, 2 no Rio Grande do Sul e 1 no Maranhão. O fato de acontecer essa diferença importante no número de jogadores nascidos em São Paulo em relação aos outros Estados que cedem jogadores para as Seleções Brasileiras de base talvez possa ser explicado porque o Estado paulista é o detentor dos campeonatos estaduais com maior número de participantes, tanto em número de clubes como de atletas. São organizados inclusive em ligas regionais, campeonatos metropolitanos, do interior e estaduais propriamente ditos, o que viabiliza grande número de oportunidades para que jovens possam jogar basquete.

Se os nascidos em São Paulo são maioria nas Seleções Brasileiras de base, o Minas Tênis Clube de Minas Gerais, por sua vez, foi o clube que mais cedeu jogadores às Seleções Brasileiras, com seis jogadores. É seguido por Limeira, Pinheiros e Franca, com cinco atletas cada um. Santo André teve três atletas convocados para as seleções. Palmeiras e São José tiveram outros dois atletas cada um. Olímpico Clube, Grêmio Náutico União e Círculo Militar de São Paulo cederam um atleta cada um para as agremiações nacionais. É necessário ressaltar o trabalho formador em esportes olímpicos desenvolvido no tradicional clube mineiro. Com um número de associados

que ultrapassa os 70.000 membros, investe em categorias de base de várias modalidades contemplando cerca de mil atletas federados, novecentos só nas categorias de base, apresentando equipes de base e de referência em nove modalidades – basquete, futsal, ginástica artística, ginástica de trampolim, judô, natação, tênis, vôlei feminino e vôlei masculino, todas com a certificação ISO 9001.⁴⁷

Talvez uma das chaves desse sucesso nas categorias formadoras esteja no fato de o clube mineiro ter sido um dos primeiros clubes nacionais a se adequar para poder utilizar a Lei de Incentivo ao Esporte⁴⁸ e usar esse recurso desde 2007 para desenvolver seus trabalhos nas categorias de base. Em dezembro de 2011, foram aprovados dois projetos apoiados por 61 empresas, captando 5,5 milhões de reais para o clube.⁴⁹ O clube Pinheiros de São Paulo, responsável por ceder cinco atletas para as Seleções Brasileiras de base de basquetebol, é um outro pioneiro na utilização da Lei de Incentivo ao Esporte⁵⁰ e que vem colhendo frutos de sua organização.

Em novembro se iniciou a quinta edição do Novo Basquete Brasil (NBB), atual campeonato brasileiro de basquetebol adulto, campeonato este organizado pela Liga Nacional de Basquete.⁵¹ Tem sido creditado a essa instituição e ao NBB importante papel no fortalecimento do basquete nacional coroada pelo retorno da Seleção Brasileira adulta aos jogos olímpicos, depois de 16 anos de ausência. Pelo que percebemos, a organização da competição também tem influenciado de alguma maneira o desenvolvimento das categorias de base desses clubes, uma vez que, dos 31 atletas entrevistados, 25 defendem equipes que disputam o NBB e muitos deles já fazem parte efetiva dos elencos das equipes profissionais de seus clubes. Dois fatores parecem contribuir como determinantes nessa condição. O primeiro é a mão dupla de interesse existente entre clubes e jogadores envolvidos nesse contexto. Os jogadores, à medida que vão se aproximando da idade de definição quanto à concretização ou não de seus

⁴⁷ Disponível em: <<http://minastenisclub.com.br/institucional/sobre-o-minas/>>.

⁴⁸ Em 29 de dezembro de 2006, foi sancionada a Lei nº 11.438/06 e, em 3 de agosto de 2007, foi regulamentada, pelo Decreto nº 6.180/07, a Lei Federal de Incentivo ao Esporte, que possibilita a destinação, por parte de pessoas físicas e pessoas jurídicas, de um percentual do Imposto de Renda para o desenvolvimento e aprimoramento das atividades desportivas no Brasil, por meio de projetos esportivos e paradesportivos elaborados por entidades do setor e aprovados pelo Ministério do Esporte.

⁴⁹ Disponível em: <<http://minastenisclub.com.br/esportes/leis-de-incentivo/>> acesso em: 25 jan 2014.

⁵⁰ Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/secretaria-executiva/lei-de-incentivo-ao-esporte/premio-empresario-amigo-do-esporte/noticias/147-noticias-premio-empresario-amigo-do-esporte-2013/33979-lei-de-incentivo-impulsiona-projetos-do-esporte-clube-pinheiros-em-sao-paulo>>. Acesso em: 25 set 2013.

⁵¹ Disponível em: <www.lnb.com.br>. acesso em: 10 maio 2013.

projetos individuais (ROCHA, 2013), têm interesse em estar inseridos em clubes com maior visibilidade, com melhor estrutura para sua evolução técnica e física e também pelo fato de poderem treinar e conviver com atletas nacionais e estrangeiros, muitas vezes integrantes das seleções nacionais principais de seus países. Os clubes, por sua vez, têm interesse que estes atletas de nível de Seleção Brasileira de base os representem nos campeonatos estaduais de suas respectivas categorias e componham o grupo profissional que disputa campeonatos estaduais e o Novo Basquete Brasil. Essa condição possibilita aos clubes completar seus elencos profissionais com jogadores de base, *a priori*, com um salário menor (em relação a atletas já profissionais ou adultos), mas com grande qualidade técnica e física a um custo mais baixo.

Outra questão que os faria optar por esses clubes foi a criação da Liga de Desenvolvimento de Basquete (LDB) organizada pela Liga Nacional de Clubes e que contempla atletas até 22 anos. Essa liga vem se configurando como a melhor competição de base do basquete brasileiro, proporcionando aos atletas oportunidade para disputar, só na fase de classificação, 24 jogos com toda a estrutura que um jogo do Novo Basquete Brasil oferece.⁵²

2.4.1 Moradia, tipo de escola e turno de frequência escolar

Ao contrário de outros estudos (MELO, 2010; BARRETO, 2012), no futebol que apontaram situações em que os atletas moravam e estudavam no mesmo local, no caso dos atletas da Seleção Brasileira de Basquetebol de base, verificamos que, quando convidados para defender determinado clube longe de sua cidade natal lhes é oferecida a possibilidade de morar em uma casa ou apartamento alugado pelo clube. Essa condição pode ser para que ele more sozinho ou com outros atletas, dependendo do “estágio” de *status* da carreira em que o atleta se encontre. Todavia, esses locais são sempre fora das dependências do clube. Assim, nenhum atleta se insere na condição de treinar e estudar no próprio clube, ficando a questão de moradia e formação acadêmica para fora dos limites físicos da agremiação esportiva.

Nesse contexto, dos entrevistados, 18 moram em repúblicas de atletas e 13, na casa dos pais. Na S19, 9 jogadores, residem em moradia cedida pelo clube. Esse número chega a 64,2% na S17, chamando a atenção pelo fato de a porcentagem ser maior na seleção mais jovem. Esses dados mostram concordância com estudos de Damo (2005),

⁵² Disponível em <<http://lnb.com.br/campeonato/ldb/>>. Acesso em: 15 jul 2013.

Paoli (2007), Melo (2010) e Correia (2014), que apontam o fato de jovens em idade cada vez mais precoce iniciarem suas tentativas de profissionalização esportiva, afastando-se de seus convívios sociais e familiares e muitas vezes assumindo uma situação de albergamento, como moradia, condição esta oferecida pelos clubes.⁵³

Quanto ao turno de frequência escolar, os atletas estudados das Seleções Brasileiras de Basquetebol de base se aproximam das características encontradas na pesquisa de Romão, Costa e Soares (2012) e de Costa (2012). Nesses estudos, a respeito da escolarização de atletas do voleibol do Rio de Janeiro e de futsal feminino de Santa Catarina, verificamos o apontamento dos horários de treinamento em relação ao turno escolar adotado pelos atletas. Nas Seleções Brasileiras de base investigadas, 12 dos atletas que declararam estar estudando (18 no total) o fazem no turno matutino, exercendo suas funções esportivas nos períodos vespertino e noturno,⁵⁴ ratificando a posição de que os treinamentos vêm sendo apontados de acordo com o turno de frequência escolar. Esse ajuste acontece pois, mesmo quando a responsabilidade do processo de matrícula do atleta está sob coordenação do clube, seja ela em escolas particulares, seja em públicas, o próprio clube se encarrega de não confrontar o horário das aulas em relação ao de treinos. Mesmo os que declararam estudar de manhã e de tarde apontaram que essa situação acontece apenas uma vez por semana e é caracterizada como espécie de aula de reforço. Os atletas que estudam e já servem à equipe adulta ainda fizeram uma ressalva de que, em dias de jogo à noite, “[...] saímos um pouquinho mais cedo da aula de manhã para participar do treino de dia de jogo [...]”, apontando aí também um acordo implícito entre a escola e os clubes.

Sendo assim, nos parece que o “serviço” desses atletas às Seleções Brasileiras, fora do período de férias, característica presenciada no ciclo de treinamento da S19, pode se constituir em um obstáculo para as tentativas de conciliação entre as formações. Isso acontece já que, mesmo com estratégias de conciliação locais constituídas, quando

⁵³A diferença em relação ao albergamento no futebol é que, muitas vezes, esses atletas ligados à modalidade moram e estudam no próprio clube (MELO, 2010; BARRETO, 2012; CORREIA, 2014). No basquete, o clube se encarrega de alugar casas e apartamentos nos quais são oferecidas vagas para que os atletas de outras cidades e Estados morem enquanto estiverem jogando pelo clube.

⁵⁴ As pesquisas de Melo (2010) e Costa (2012) apontam as dificuldades que os atletas teriam em se dedicar ao ensino regular noturno, uma vez que sua rotina de treinamento os expõem a grandes gastos energéticos e mental, fazendo com que chegassem ao período de aulas muito cansados, podendo apresentar como resultado uma dificuldade de incorporação e aprendizagem dos conteúdos propostos. Correia (2014) encontra essa mesma situação com referência ao remo, só que em relação ao período vespertino, já que a modalidade tem seu primeiro horário de treinamento às cinco horas da manhã, fazendo com que os atletas precisem acordar muito cedo para a prática.

os atletas estão à serviço da seleção, as estratégias de conciliação não conseguem ser seguidas pelo fato de muitas vezes os treinos serem realizados distantes desse contexto.

Por outro lado, todos os 14 atletas entrevistados da S17 estão envolvidos com ensino regular, distribuídos assim: seis cursando o terceiro ano do ensino médio, quatro o segundo ano do ensino médio, três no primeiro ano do ensino médio e um no nono ano do ensino fundamental. Na S19, seis jogadores declararam estar estudando,⁵⁵ enquanto onze deles não estudam. Dos que não estudam, três não concluíram o ensino médio parando de estudar no segundo ano, apontando que não conseguiram achar uma maneira para que as demandas escolares fossem conciliadas à sua rotina de treinamento esportivo.

Em relação aos atletas que concluíram o ensino médio, mas que não seguiram adiante em sua formação, parece-nos que essa característica aponta o atendimento de uma certa “obrigação” imposta pela família, caracterizada como um acordo implícito entre o estudante atleta e os pais em relação à formação acadêmica. Esse acordo diria respeito à obrigatoriedade de finalização do ensino médio que, em coerência com a relação idade e série escolar, aconteceria aos 17 anos. Após a superação dessa etapa, seria criada uma espécie de “moratória social” (MARGULLIS; URRESTI, 1996) na qual esses atletas poderiam experimentar uma condição adulta sem que efetivamente estejam nela, oportunizando maior autonomia em relação às suas opções de profissionalização esportiva. A única diferença em relação à sugerida pelos autores é que em alguns casos, esse atleta de elite, dependendo de suas conquistas em anos anteriores a serviço da Seleção Brasileira, poderia, por meio de receitas obtidas com o seu salário ou com Bolsas Atletas, participar de algumas responsabilidades financeiras da casa. Parece-nos ainda que, assumindo uma condição de hipótese, após esse período, caso essa “profissionalização” não se efetive, a “pressão” por uma formação acadêmica retorne ao cenário domiciliar.

Ao analisarmos essas informações relativas à necessidade de esses atletas participarem do orçamento familiar por meio dos recursos obtidos pelo pertencimento a projetos de fomento do esporte de alto rendimento (Bolsa Atleta), entendendo sua

⁵⁵ Dois atletas da S19, embora tenham concluído o ensino médio e não tenham ingressado imediatamente na faculdade, consideraram “estar estudando”, uma vez que estão inseridos, um deles, em um curso de inglês preparatório para acesso a universidades norte-americanas e outro em um cursinho pré-vestibular, não sendo, embora citados, contabilizados na análise, nos apresentando-nos assim, um número de 18 atletas envolvidos com o ensino regular no total (14 S17 e 4 S19).

atividade esportiva como trabalho, vemos que a situação desses atletas, nessa faixa etária, é reproduzida por 27,1% dos jovens brasileiros da mesma idade, que interrompem os estudos para trabalhar e colaborar na renda familiar mensal. Dados do PNAD (2006) ainda apontam um sentido de concorrência entre a escola e o trabalho, à medida que a idade desses jovens avança.⁵⁶

O rígido regime de treinamento a que são submetidos esses atletas em seu cotidiano, mesmo quando não estão a serviço da Seleção Brasileira, por si só, já se constitui em um grande desafio para que as demandas entre as formações sejam conciliadas. No entanto, ao pesquisar os quatro atletas da S19, que permaneceram estudando em ensino regular universitário, mesmo depois de finalizar o ensino médio, em três deles encontramos situações que podem nos fazer entender melhor essa condição.

A primeira é que dois desses atletas pertencem à APABA Santo André, equipe que não está inserida em competições nacionais adultas e, conseqüentemente, não disputa o NBB. Assim, embora ainda possuam uma carga de treinamentos elevada, esta se concentra no período vespertino, ou seja, não existe treinamento em dois períodos, fato comum em equipes profissionais adultas às quais esses atletas passam a pertencer quando agregados ao elenco profissional. Nesse sentido, receberam bolsas de estudos para participar de competições universitárias, cumprindo seus compromissos acadêmicos no período noturno.

Interessante que muitas vezes, mesmo quando não existe um convênio direto entre a equipe esportiva desses atletas e uma instituição de ensino superior, ou uma relação de patrocínio da instituição acadêmica em relação ao clube, os contatos para a proposta e formalização desse convite e parceria atleta-universidade ainda são possíveis. Geralmente são feitos via treinador esportivo da faculdade interessada diretamente com o atleta. Essa condição viabiliza vantagens para todos os envolvidos, uma vez que o atleta recebe a oportunidade de ter a sua formação acadêmica viabilizada a baixo custo e a faculdade reforça suas equipes esportivas para as disputas universitárias.

⁵⁶ Aos 13 anos, 97% dos indivíduos está na escola, aos 17 anos, verifica-se que 74% deles estão na escola e aos 18, esse número cai para 53%. De maneira inversa, aos 13 anos, apenas 10% dos jovens trabalham. Já aos 17 anos esse número sobe para 37%, aumentando para 54% aos 18 anos.

Um terceiro atleta nos trouxe algumas possibilidades novas de discussão para que sejam atingidas condições de conciliação entre as demandas das formações. Desde o começo se mostrou bastante articulado e situado quanto às dificuldades de profissionalização esportiva e como uma formação acadêmica se constituiria fundamental em caso de insucesso esportivo. Assim, alguns fatores positivos reforçaram as condições para que ele unisse algumas situações que o tem favorecido nesta caminhada de conciliação entre as formações. O primeiro é o *background familiar*. Ao analisar a formação acadêmica dos pais, verificamos que a mãe possui mestrado e o pai curso superior completo, o que indica, *a priori*, atribuição de importância à valorização do ambiente e das credenciais acadêmicas no ambiente familiar. Somado a isso, o atleta defende uma equipe do interior paulista, que tem como copatrocinadora uma faculdade situada na própria cidade e que lhe oferece bolsa de estudos.

Embora as cargas de treinamentos sejam grandes e a equipe participe de campeonatos paulista e do NBB, o fato de o atleta jogar nessa cidade do interior paulista, favorece-o para que, após os treinos da tarde, tenha acesso rápido à faculdade, possibilitando que acompanhe as aulas quando está na cidade. Suas faltas são abonadas e as provas reaplicadas quando decorrentes de compromissos esportivos, mediante declarações de clube ou confederação. Mas o que se mostrou de novo nessa situação é que, quando o atleta se ausenta por períodos grandes, como no momento em que está a serviço da Seleção, independentemente de onde esteja, consegue acompanhar os conteúdos aplicados por meio do Ambiente Virtual do Acadêmico (AVA) de sua faculdade. O atleta cursa Engenharia de Produção e usa esse artifício para conseguir se manter atualizado em relação ao que está acontecendo em termos de conteúdo. Não conseguimos perceber se essa estratégia foi criada mediante uma relação atleta professor ou se é uma prática de acesso aos conteúdos ofertada pela faculdade, fato é que, neste caso, se encaixou perfeitamente em relação às necessidades desse atleta de elite.

Sabemos que a adoção dessa ferramenta é mais comum em ambientes universitários, mas que existe esse tipo de oferta em algumas escolas particulares de ensino médio. Também reconhecemos que a adoção dessa ferramenta em escolas públicas implicaria uma mobilização política grande, em treinamento de professores e explicações para os alunos, mas, até agora, entendemos ser a que se constituiu mais adequada ao atendimento desse tipo de necessidade relativa ao acompanhamento dos

conteúdos propostos durante as ausências desses atletas de elite. Também se justificaria pois abrangeria as suas particularidades, uma vez que, como visto, eles se encontram, apesar de idade muito próxima, em diferentes séries escolares.

O quarto atleta envolvido em ensino regular e que declarou estar estudando se enquadrou nas grandes dificuldades encontradas também em outras modalidades analisadas. Apesar de permanecer na escola, apresenta atraso escolar e já repetiu o ano três vezes, buscando, atualmente, maneiras de concluir o ensino médio. Está inserido na equipe profissional e disputa também o NBB. Treina em dois períodos e estuda à noite em uma escola estadual próxima de sua república. Mostra que a escola colabora em sua trajetória, abonando faltas e reaplicando provas perdidas quando declarações de seu clube ou da Confederação Brasileira são apresentadas, mas o acesso aos conteúdos precisa partir de sua iniciativa com colegas por meio de xerox ou empréstimos de cadernos. Notamos que essa condição não tem proporcionado ao atleta possibilidade de conciliar de maneira satisfatória ambas as formações, fazendo com que a formação escolar venha sendo sacrificada.

Embora não consideremos essa condição como uma situação regular de ensino, gostaríamos de pontuar, neste momento, uma situação encontrada em nossa pesquisa ligada a matrículas em cursos de preparação para ingresso em universidades americanas. Essa se torna uma possibilidade real para atletas de Seleção Brasileira de Basquetebol. Este é o caso de um atleta que se apresentou à Seleção mas que no momento não defendia nenhum clube, apenas treinando no Pinheiros para se manter em forma. Como não está inserido na equipe profissional nem na de sua categoria, pode frequentar as aulas quando não está a serviço da Seleção no período da manhã e treinar à tarde. O fato de estar apenas treinando e não jogando por seu clube se justifica por uma imposição da Liga Universitária Americana que exige que o atleta esteja parado há pelo menos seis meses para não configurar nenhum vínculo profissional quando de sua chegada.

Das quatro grandes ligas esportivas profissionais americanas, a saber, Basquetebol, Futebol Americano, Beisebol e Hóquei no Gelo, a que mais se aproxima de um *habitus* esportivo brasileiro é a *National Basketball Association* (NBA). A grande penetração midiática dessa liga e, por consequência, seus astros de renome mundial, além das cifras financeiras praticadas, conduzem esses atletas profissionais a uma

condição de celebridades mundiais.⁵⁷ A exposição midiática da modalidade, seus ídolos e o fato de que a NBA já conta com três brasileiros de maneira efetiva em suas equipes fazem com que esses jovens atletas de elite brasileiro considerem essa possibilidade dentro de seus projetos individuais. Essa condição é ainda reforçada por fazerem parte da elite da modalidade em suas faixas etárias.

A principal via de acesso à Liga Profissional Americana é o *Draft*, uma espécie de vestibular no qual as equipes profissionais escolhem os jogadores, vindos das competições universitárias ou de outros campeonatos ao redor do mundo, que integrarão suas equipes. O caminho mais comum rumo à profissionalização na NBA é o campeonato universitário americano e é nesse ponto que se cruzam os interesses acadêmicos e esportivos desses jovens atletas brasileiros da elite do basquetebol. O fato de fazerem parte das Seleções Brasileiras de base e suas capacidades atléticas os aproximam da possibilidade de ingressar em conceituados programas de basquete universitário, o que se constituiria em uma possibilidade real de profissionalização na modalidade. É por isso que, algumas vezes, eles escolhem se preparar para ingresso em universidades americanas, ao invés de continuar suas trajetórias acadêmicas em nosso país. Sua real intenção estaria, assim, não menosprezando a possibilidade de ganho de capital cultural incorporado e institucionalizado, em seguir tentando sua profissionalização esportiva, mas em um nível ainda mais elevado e de grande concorrência. Essa posição surgiu também no estudo de Alves e Pieranti (2007), que mostraram que, em alguns casos, é a qualidade do programa esportivo em certa modalidade que direciona o estudante atleta para determinada universidade.

Quanto ao tipo de escola que frequentam, a maioria dos atletas que estão estudando se encontram matriculados em instituições particulares. Dos 18 que dividem seu tempo entre essas demandas, 14 estão nesse tipo de escola e 12 deles declararam receber bolsa de estudos pelo fato de jogarem basquete, o que, de certa forma, se constitui como um fator que contribui na sua formação acadêmica.

Interessante é que, muitas vezes, o acesso à escola particular se dá em virtude da reconversão do capital físico desenvolvido pelo atleta, condição que, se fosse pensada a

⁵⁷ Na última edição de 2011 da Revista Forbes, foram listadas as 100 maiores celebridades mundiais. Destas, 19 eram atletas, estando, alguns deles, ligados às ligas profissionais americanas como a NBA. Disponível em: <http://www.forbes.com/lists/2010/53/celeb-100-10_The-Celebrity-100.html>. Acesso em: 12 mar. 2013

partir de um viés sócioeconômico, não seria possível. Suas qualidades esportivas proporcionam convites para que, além de suas responsabilidades clubísticas, o atleta também passe a representar a instituição de ensino em campeonatos escolares da modalidade. Visto por esse ângulo, a modalidade passaria a ser uma facilitadora do acesso desses atletas ao ensino em escolas particulares, muitas vezes de melhor qualidade, embora as ferramentas para que ele receba condições ideais de formação acadêmica ainda sejam deficientes. Essas ferramentas ou estratégias de conciliação muitas vezes se caracterizam pelo abono das ausências escolares e por remarcação das avaliações perdidas, o que será explorado na sessão a seguir.

2.4.2 Viagens e abono da ausência escolar

Os atletas apresentam grande dificuldade em quantificar o número de viagens efetivadas no ano. Eles estão envolvidos nos campeonatos estaduais pelos seus clubes, muitas vezes atuando também na categoria subsequente à sua. São, também, frequentemente convocados para as seleções estaduais, disputando campeonatos brasileiros, além de atender às demandas das equipes profissionais de seus clubes (na maior parte das vezes atletas do S19) e ainda as convocações para a Seleção Brasileira. Respostas como “Muitas”, “Inúmeras”, “Não sei... São muitas...” foram frequentes nesse sentido.

Dessa maneira surge o questionamento em relação à postura da escola em frente a essas demandas. Quanto ao abono das faltas, dos 18 atletas que estudam em programas regulares atualmente, 12 declararam ter suas ausências abonadas e seis disseram que a escola não os apoia nesse sentido. Em relação ao reagendamento de provas perdidas, 17 afirmaram ser possível essa estratégia, enquanto um informou que não tem essa possibilidade. Esses números apontam para a questão da reposição das ausências escolares e da remarcação, por parte das escolas, das avaliações perdidas, como uma estratégia de conciliação para que os atletas de elite tenham suas necessidades de promoção escolar facilitadas.

Quanto à reposição dos conteúdos perdidos, esses números são menores. Apenas 4 dos 18 atletas que estão estudando regularmente declararam ter essa possibilidade. Embora o questionário não nos permita uma opção de entendimento de como isso acontece, durante a aplicação desse instrumento, um atleta afirmou que existe uma espécie de “aulão de reforço” em sua escola, já que a instituição é parceira do clube em

várias modalidades esportivas e que essa situação é programada em virtude do grande número de atletas matriculados. Não nos ficou claro com certeza (parece que não) se essas aulas são apenas para atletas com dificuldade. Ao que tudo indica, são aulas extras oferecidas pela escola para todos os alunos (de 3º ano do ensino médio) para que sejam esclarecidas algumas dúvidas e para que conteúdos sejam fixados. Essa brecha acaba por favorecer as necessidades dos estudantes atletas que frequentemente se ausentam em virtude de suas demandas esportivas.

Parece-nos que o distanciamento existente entre os ambientes de formação esportiva e escolar no Brasil favorece, na maioria dos casos, uma relação conflituosa na conciliação. A fiscalização é modesta (realizada pelos Ministérios Públicos Estaduais) e não existe um órgão ou associação específica que seja responsável por discutir, alinhar e propor estratégias para que essas demandas sejam observadas e conciliadas, avançando no sentido de posteriormente fiscalizá-las. Também não percebemos uma cultura que valorize a formação escolar desses estudantes atletas de maneira determinante, com a influência de um *head coach* disposto a abrir mão de um atleta por um tempo em seus treinamentos e jogos, até que ele recupere suas notas escolares, por exemplo, como parece acontecer no desporto estadunidense. Muitas vezes existe um caminho inverso no Brasil ao praticado nos Estados Unidos, onde o esporte está na escola. Aqui, a escola teve que ir para os locais de práticas esportivas para atender à demanda de clubes, famílias e atletas, mas, ainda assim, no mesmo ambiente, a impressão é de que as duas formações continuam sem “conversar”, funcionando como uma justificativa social para clubes e famílias e para atender às solicitações do Ministério Público.

De igual modo, parece-nos também que, em países com práticas de formação esportiva acentuadas em ambientes escolares, as estratégias tentadas se tornam mais comuns e naturais, mesmo com algumas resistências e apropriações de alguns estudantes atletas (AGERGAAD; SORENSEN, 2009; CHRISTENSEN; SORENSEN; 2009; SINGER; MAY, 2011.)

Os Estados Unidos se utilizam dessa estrutura de formação esportiva desenvolvida na escola, o que significa dizer que, se o indivíduo deseja estar inserido em um projeto de formação esportiva, ele, necessariamente, precisa estar na escola. A *National Collegiate Athletics Association* (NCAA) é a mais conhecida das instituições responsáveis por gerenciar esta formação em níveis universitários, de conciliação entre

formação esportiva e acadêmica e tem como objetivo proporcionar ao atleta estudante condições de desenvolver ambas as formações, como citado na sua página oficial na internet: “*Founded more than one hundred years ago as a way to protect student-athletes, the NCAA continues to implement that principle with increased emphasis on both athletics and academic excellence*” (NCAA, 2013).⁵⁸ Também se apresenta naquele país a preocupação relativa à criação de “Conselhos de Esporte”, formados por membros das instituições acadêmicas, treinadores e famílias, com a finalidade de oferecer melhor orientação aos estudantes atletas em diversas áreas, utilizando-se de várias estratégias de formação⁵⁹ (LEE, 1983; GOLDBERG; CHANDLER, 1995; CARODINE; ALMOND; GRATTO, 2001).

Esses Conselhos, obrigatórios a partir de 1991, segundo determinação da própria NCAA para todas as instituições que dela fazem parte, devem agir nas questões de monitoramento das condições para que o estudante atleta pudesse atuar nos programas esportivos, participar na escolha das disciplinas, auxiliar nas dificuldades acadêmicas, oferecer serviços tutoriais e disponibilizar salas de estudos (CARODINE; ALMOND; GRATTO, 2001).

Essa condição de inserção da formação esportiva em um ambiente escolar traz a possibilidade para o aluno estadunidense de se aproximar de condições para que ambas as demandas sejam atendidas. De uma maneira ou de outra, estar na escola e com desempenho satisfatório se torna um condicionante para que seu projeto individual, que muitas vezes pode não ser a formação acadêmica em si, aconteça, transformando a formação acadêmica em uma condição que precisa ser conciliada para o alcance de seu projeto de profissionalização esportiva. Assim, parece-nos que não é suficiente o fato de se inserir o esporte na escola, mas sim, fundamental que, primeiro, sejam dadas condições temporais e estruturais de conciliação, e que o esporte esteja atrelado ao desempenho escolar, assumindo-se como integrante, e não concorrente à realização do projeto individual do estudante atleta.

⁵⁸ “Fundada há mais de cem anos como um modo de proteger estudantes atletas, a NCAA continua implementando este princípio com ênfase na excelência atlética e acadêmica” (Disponível em: <www.ncaa.com>. Acesso em: 12 mar. 2013.

⁵⁹ Os Conselhos Escolares trabalham buscando reunir instituições acadêmicas, treinadores, famílias e atletas, oferecendo um programa de suporte ao atleta e se embasando em capacitações extraquadra, tais como orientação financeira, suporte psicológico, aulas de reforço escolar e tutoria escolar.

Entendemos ser esta condição, a de se pensar maneiras para que a formação escolar seja integrante do projeto de formação esportiva do estudante atleta, o maior desafio daqueles que pesquisam esse tema. Nos estudos a que tivemos acesso parece-nos que Correia (2014) consegue apontar essa condição ao analisar a Escola do Vasco da Gama. Embora a escola seja carregada de ideologias de valorização da instituição esportiva Vasco da Gama, de contrariar algumas lógicas escolares e de ser assumidamente uma escola que se apresenta para auxiliar no surgimento de atletas, as estratégias por ela utilizadas em relação à conciliação e flexibilização das demandas escolares fazem com que seus estudantes atletas enxerguem nela a única possibilidade de permanecer em ambos os ambientes de formação. Questões ligadas à preocupação de dar significado aos conteúdos que estão sendo ensinados aos alunos, de ele ter acesso na maioria das vezes aos calendários anuais das confederações esportivas evitando a concorrência de datas relativas a competições e de provas escolares, uniforme parecido com os de treino, transporte para a escola daqueles que treinam em ambientes fora do clube fazem com que os alunos se sintam ambientados na escola e a reconheçam como um espaço importante em seus projetos individuais.

Voltando para o ambiente estadunidense, com relação à fiscalização dos desempenhos nas formações em níveis escolares ou de *High School* (correspondente ao nosso ensino médio), essa é feita em moldes parecidos com o encontrado na NCAA, mas geridos por ligas locais de escolas que organizam seus campeonatos esportivo-escolares.⁶⁰ Essas ligas são regionais ou adotam como critério o fato de as escolas serem particulares, por exemplo, mas a questão da vigilância ao desempenho acadêmico dos alunos está sempre presente. Parece-nos que essa condição de exigência de desempenho é uma questão cultural que aproxima os diretores escolares dessas fiscalizações. Este é capaz de, percebendo desempenho insatisfatório de um de seus alunos envolvidos em projetos esportivos, solicitar ao seu *head coach* que suspenda as atividades esportivas do estudante atleta até que ele recupere suas notas, não só por ser uma condição de regulamento da liga na qual a escola está inserida, mas também porque existe uma atenção cultural a essa condição.

Retomando nossas atenções para o Brasil, notamos que a questão do abono das faltas escolares e a reposição das provas perdidas passam também por uma relação de

⁶⁰ Uma dessas ligas pode ser conferida em <http://www.ohsaa.org/eligibility/eligibilityguide.pdf>

proximidade entre os alunos, famílias, professores e instituições de ensino em forma de reuniões, diálogo e explanações das necessidades do estudante atleta. Essa aproximação entre os envolvidos visa a proporcionar mínimas condições de promoção escolar aos atletas. São oportunidades para que pais possam alinhar com a escola a importância da manutenção de seus filhos em condição de alto rendimento esportivo, o que, em alguns casos, já lhes confere um bom retorno financeiro. Além disso, essa preocupação inicial, como citado, se apresenta na medida em que existe interesse que o atleta termine o ensino médio, ficando facultado a ele (moratória social), após esse período, se dedicar por pelo menos três anos (até os 20 anos) à tentativa de efetiva profissionalização esportiva. Em alguns casos, a própria dedicação ao esporte em níveis de rendimento pode ser o motivador de uma reconversão de seu capital físico em capital cultural institucionalizado e, nesses casos, ter concluído o ensino médio se torna indispensável para o ingresso em uma instituição universitária.

Notamos assim que, em alguns países da Europa e nos Estados Unidos, essas condições já estão mais bem definidas, seja por estratégias estatais de inserção do esporte no ambiente escolar, seja pela criação de ligas e associações que regulamentam e fiscalizam essa condição. No Brasil, embora se observe um aumento das discussões a esse respeito, talvez, em virtude do momento pré megaeventos esportivos, as iniciativas de promoção de estratégias de conciliação entre as formações ainda partem, na maioria dos casos, dos envolvidos diretamente nessa questão.

A reposição de conteúdo ainda está longe de condições que os colocariam em situação de receber uma formação geral ideal, ou em condições de igualdade com não atletas. Embora exista uma legislação⁶¹ que aborde a necessidade de se proporcionar a esses atletas oportunidades de desenvolvimento em ambas as demandas, percebemos que ela não é observada, distanciando essa condição do estabelecido para os atletas em formação, que seria, de acordo com a legislação vigente, 200 dias letivos e 800 horas por ano. Esse modelo de formação não é capaz de atender às necessidades desses jovens em virtude das demandas explicitadas. Assim, o envolvimento estatal, no sentido de se adequar certas condições para que esses atletas de elite tenham suas demandas escolares atendidas, constitui-se de grande relevância.

⁶¹ O art. 29 da Lei nº 9.615/98, citada na introdução deste estudo.

Avançando no estudo, ao analisarmos a expectativa de ensino dos atletas, questionados até onde “querem” estudar, percebemos que, mesmo diante da grande demanda exigida pelos treinos, jogos e viagens, 21 desejam concluir a faculdade. Outros 8 querem prosseguir até a pós-graduação e 2 seguirem ainda mais adiante. Todavia, se questionados até que nível “acham” que vão conseguir estudar, 2 atletas do Sub 19 admitem que, nas atuais circunstâncias de níveis de dedicação aos treinamentos, achavam que conseguiriam estudar até o ensino médio, embora quisessem prosseguir, no mínimo, até a graduação em uma faculdade.

Para que se caracterizem ainda melhor as dúvidas relativas às decisões que muitas vezes esses atletas precisam tomar quanto ao seu futuro, quando questionados a respeito do que fariam assim que terminassem o ensino médio, responderam: 15 deles pretendiam continuar estudando e jogando, 10 ainda não sabiam e 6 gostariam de seguir apenas jogando. Assim, a maioria desses atletas aparentemente reconhece que a difícil profissionalização no esporte e os riscos inerentes à profissão de esportista exigiria uma formação acadêmica para o caso de insucesso na opção esportiva, mesmo diante das dificuldades que vivenciam na convivência entre as duas demandas.

2.4.3 Índices de repetência, abandono e atraso escolar

Os níveis de reprovação e abandono escolar nas Seleções Brasileiras masculinas de base se apresentam da seguinte maneira: na S17, seis dos atletas nunca repetiram o ano. Na S19, esse número chega a nove atletas entrevistados. No total, ao levarmos em consideração a repetência escolar, 16 atletas (51,6% deles) já ficaram reprovados alguma vez ao longo de sua formação escolar. Esses números apresentam relevância, uma vez que a média nacional de reprovação escolar, de acordo com dados de 2010,⁶² é de 10,3% para alunos inseridos no ensino fundamental e de 12,5% para alunos do ensino médio.⁶³ Assim, a rotina de treinamentos desses atletas, as convocações para a Seleção Brasileira, o número de viagens que realizam por ano e o tempo que muitas vezes ficam afastados de suas cidades de origem e, por consequência, das instituições acadêmicas contribuem para que as dificuldades de conciliação entre as formações sejam aumentadas. Parece-nos também que, à medida que o atleta vai seguindo seu

⁶²Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=m101&t=aprovacao-reprovacao-e-ab..>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

⁶³Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=M12&t=aprovacao-reprovacao-abandono-ensino-medio-serie>> Acesso em: 13 mar. 2013.

curso de convocações para a Seleção Brasileira nas diversas categorias, a possibilidade de, em algum momento, se deparar com essa situação aumenta, já que as demandas de atendimento à Seleção Brasileira se tornam também mais duradouras. Outra questão é que frequentemente atletas da S19 já estão inseridos nas rotinas de suas equipes profissionais com dois períodos de treinamento e todas as outras responsabilidades de um atleta “profissional”, como viagens, atendimento a compromissos de patrocinadores e períodos de fisioterapia.

Quanto ao abandono escolar, dos 31 atletas entrevistados, seis declararam ter abandonado a escola uma vez ao longo dessa trajetória. Destes, cinco relataram o esporte como motivo desse abandono, uma vez que identificavam poucas chances de passar de ano, após atenderem à somatória das demandas esportivas de seus clubes e das convocações para a Seleção Brasileira. Os atletas referem o pouco apoio dado por parte das escolas em relação às suas necessidades, principalmente nas questões ligadas ao abono das faltas. Quando estão a serviço da Seleção e fora do período de férias, a Confederação Brasileira de Basquetebol se encarrega de fornecer declarações que serviriam como documento de solicitação de abono de faltas em determinado período letivo, já que eles estavam a serviço de seleções nacionais. Todavia, quando a serviço dos clubes, essa condição se aproxima de relação de proximidade e de conciliação clube-escola-estudante atleta-família, fato que nem sempre acontece. Rocha (2013) aponta as dificuldades encontradas por jovens jôqueis. Estes, além de uma rotina de treinamentos muito severa, com horários rígidos, têm suas competições marcadas para todas segundas e sextas-feiras, impossibilitando o acesso e frequência dos atletas à escola nesses dias. Assim, 40% de sua carga horária semanal (dois de cinco dias) escolar ficam comprometidas, ainda que em diferentes porcentagens em diferentes disciplinas.

Os índices de abandono escolar das Seleções Brasileiras masculinas de base (19,3%) são maiores do que as médias encontradas por Costa (2012) no futsal feminino catarinense e as médias nacionais no ensino médio⁶⁴ que se apresentam na casa de 10,3%, caracterizando ainda a difícil conciliação entre as demandas de ambas as formações. Entendemos pertinente salientar que 48,4% dos atletas entrevistados declararam ter sido convocados pela primeira vez na categoria Sub 15, o que demarca,

⁶⁴Disponível em:< <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=M12&t=aprovacao-reprovacao-abandono-ensino-medio-serie>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

para o grupo de entrevistados, no mínimo, dois anos para serem convocados (podendo chegar a quatro) para as representações nacionais.

Embora a maioria desses jovens (48,4%) declare querer conciliar as duas formações quando terminarem o ensino médio, nesse momento, assim como constataram Rocha et al. (2011), eles investem maior atenção na aquisição de capital físico por entenderem o esporte como uma porta de entrada para aqueles que pretendem apostar no sonho de rápida mobilidade econômica e social em um espaço que pouco depende da formação escolar. Posto isso, remetemo-nos a algumas questões: qual lugar que esse modelo de escola colocado ocupa na vida desses atletas? Qual seria o papel da escola e a expectativa do jovem em geral quanto a ela? Ou, ainda, o quanto as habilidades principais desses jovens atletas são valorizadas, dando assim significado para esses jovens? Procuraremos nos aprofundar nessas questões oportunamente em outra sessão deste estudo.

Fato é que, assim como no estudo de Barros (2001), em Portugal, que mostrou que o capital cultural institucionalizado não desempenha nenhum papel no mercado de trabalho esportivo e que os ganhos são impulsionados, principalmente, pelas qualidades do atleta, ou seja, seu capital físico, esses jovens em formação também são capazes de perceber que o sucesso na carreira esportiva independe do capital conquistado na escola. Ainda assim, de acordo com os resultados, não se percebe uma desvalorização de importância, por parte do atleta de elite, da aquisição do referido capital, mas, sim, evidenciam-se as dificuldades de conciliação entre as duas demandas e uma ausência de significado para aquilo que pretendem desenvolver como atividade laboral.

Quanto ao atraso escolar desses atletas de elite, verificamos que oito deles se encontram nessa situação. Consideramos atraso escolar a perda por reprovação ou abandono da escola de pelo menos dois anos no processo de formação escolar.⁶⁵ Esse dado representa 24,8% dos alunos nessa condição. Costa (2012) aponta a ausência de atraso escolar no futsal catarinense, explicando que, embora precisemos destacar a diferença das amostras e de como o esporte é valorizado nos diferentes ambientes pesquisados nos estudos, isso expressa que, de certo modo, as responsabilidades

⁶⁵ Não consideramos aqui, por lidarmos com atletas até 19 anos, atletas que terminaram o ensino médio em uma relação idade série regular, mas que não continuaram seus estudos ingressando imediatamente no ensino superior.

esportivas desses atletas que estão servindo a Seleção afetam uma regularidade na questão idade X ano escolar.

Aliado a isso, percebemos a ratificação dos achados em Melo (2010) e Barreto (2012) que apontam para influência da precocidade da inserção na formação esportiva de rendimento na defasagem escolar, caracterizada pela exposição à baixa qualidade de ensino ou pela interrupção da formação escolar.

2.4.4 Características familiares dos atletas

A relação de características sociais e intelectuais da família da qual o jovem faz parte, entendida como *background* familiar⁶⁶ (NÉRI, 2009), tem grande influência na maneira como serão consideradas as estratégias de conciliação entre as formações escolar e esportiva. O *background* familiar se torna responsável, sem desconsiderar a importância da jornada escolar por 80% da proficiência escolar do aluno.

Como exemplo, no futsal feminino em Santa Catarina (COSTA, 2012), apresenta-se por parte dos pais dos atletas envolvidos, uma média de formação acadêmica maior do que as médias nacionais em todos os níveis de ensino.⁶⁷ Essa característica exerce influência na importância atribuída aos estudos por seus filhos, resultando, para esses envolvidos com a modalidade de quadra, conviver melhor com a ideia de continuar seus estudos mesmo praticando esportes. Nas Seleções Brasileiras de Basquetebol Sub 17 e Sub 19, constatamos que 67,8% das mães possuem, no mínimo, ensino médio completo, considerando que foram encontradas mães com ensino superior incompleto e completo e com pós-graduação concluída. Quanto aos pais, esses números chegam a 64,6%, observando os mesmos critérios. Em relação ao estudo de Costa (2012), fazendo a ressalva de o estudo abranger uma modalidade feminina e com poucas oportunidades esportivas profissionais posteriores, os números são muito parecidos para a formação acadêmica das mães, que é de 59,8% com no mínimo ensino médio concluído.

Até aqui sempre observamos questões de *background* familiar nos estudos atreladas às experiências escolares das famílias envolvidas neste estudo. Porém, nesse

⁶⁶ Entendido como a relação de características sociais e intelectuais da família da qual o jovem faz parte e que se torna responsável por 80% da proficiência escolar do aluno.

⁶⁷ Disponível em: <<http://serieestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=PD323>>. Acesso em: 11 fev. 2013.

grupo de atletas de elite, essa condição familiar também pode se caracterizar pelo impacto de um pertencimento de algum parente a serviço de uma seleção esportiva estadual ou nacional. Nesse sentido, a construção de um *habitus* familiar e esportivo dentro da célula familiar, que possua em seu interior vivências esportivas de rendimento, pode se tornar um elemento influenciador para que a aposta na possibilidade de profissionalização esportiva não se apresente como algo inatingível. Assim, experiências esportivas familiares anteriores em níveis de seleção poderiam se constituir ainda como influenciadoras de uma possível priorização.

Queremos salientar que, da mesma maneira que famílias com nível de formação acadêmica elevada transmitem esse *habitus* escolar para os filhos por meio da valorização dos estudos, da escola, da educação e do capital institucionalizado como uma marca de distinção social (CORREIA, 2014), famílias com *habitus* esportivos de rendimento também podem ser influenciadoras dessa cultura no interior de seus ambientes de convívio. Esse *habitus* esportivo construído intracélula familiar pode realçar, para esses jovens atletas de elite, a visão do esporte como oportunidade de ascensão social, fazendo com que invista tempo, juventude e qualidades na busca da profissionalização esportiva.

Apesar dessas situações particulares, notamos que esse impacto é relativamente modesto nessas gerações, em que oito deles relataram o pertencimento de algum parente a uma seleção esportiva de rendimento. Outros 23 atletas declararam nunca ter tido parentes a serviço de seleções, iniciando suas atividades esportivas incentivados por outros estímulos, como projetos sociais, o professor de Educação Física, estatura, entre outros.

2.4.5 Salários e Bolsa Atleta

Dos atletas entrevistados, 22 afirmaram receber algum tipo de ajuda de custo.⁶⁸ Os níveis salariais se apresentaram da seguinte forma, lembrando que os valores foram informados pelos próprios atletas:

⁶⁸ Dos atletas entrevistados, seis disseram não receber ajuda de custo e três não responderam à questão no questionário.

Tabela 1– Quanto recebe do clube?

Atletas	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não recebem salário	6	19,4	19,4	19,4
até 500 reais	3	9,7	9,7	29,0
501 até 1000	7	22,6	22,6	51,6
1001 até 2000	7	22,6	22,6	74,2
2001 até 3000	4	12,9	12,9	87,1
Entre 1000 e 3000	1	3,2	3,2	90,3
Não informaram	3	9,7	9,7	100,0
Total	31	100,0	100,0	

Fonte: Do autor

Dos 31 atletas entrevistados, 11 deles são contemplados com Bolsa Atleta, nove em nível federal. Para que se exemplifique essa questão, a Bolsa Atleta Federal Internacional, que se adapta aos resultados obtidos por esses atletas que servem à Seleção Brasileira de base corresponde a um auxílio de R\$ 1.850,00 reais por mês totalizando R\$ 22.200,00 reais no ano que, segundo os atletas, foram depositados em parcela única.^{69, 70} A solicitação do auxílio financeiro deve partir do próprio atleta. Não é uma obrigação do clube solicitar esse benefício, porém notamos que equipes, como Minas, Franca e Pinheiros, devem orientar seus atletas nesse sentido já que são as equipes com maior números de beneficiados com valores na modalidade. Reiteramos que o acesso ao Bolsa Atleta se dá por meio de resultados obtidos na temporada anterior ao ano corrente, fazendo com que atletas convocados pela primeira vez para a Seleção Brasileira não se encaixem, por exemplo, no perfil do auxílio federal internacional.

Aqui, fica clara mais uma vez a dicotomia como é tratada a questão da conciliação entre as formações em nosso país. Não existe nenhuma relação entre ter acesso a esse auxílio relativo a seus resultados atléticos esportivos e o fato de se estar matriculado na escola (pelo menos até o fim do ensino médio), muito menos em relação ao desempenho escolar. Se, hoje, entende-se a escola como um espaço preparatório para

⁶⁹ Chamou-nos a atenção o fato de nem todos terem solicitado o Bolsa Atleta, muitas vezes por não se organizarem para requerer o auxílio. Outros ainda não o fizeram por ser a primeira convocação para a Seleção

⁷⁰ O Bolsa Atleta Federal Internacional é destinado a atletas com colocações de pódio em competições internacionais realizadas no ano anterior à solicitação.

o mercado de trabalho, principalmente em níveis de ensino médio (onde esses jovens estariam inseridos) e esse mercado aponta que quanto maiores forem as suas credenciais acadêmicas, maiores as chances de melhor remuneração, os atletas percebem que, por meio de suas habilidades atléticas, de maneira mais rápida, já conseguem acesso a remunerações que, somando salário e bolsa atleta, podem se aproximar de R\$ 4.000,00 a R\$ 5.000,00 reais, incentivando-os a optar e priorizar suas formações esportivas pelo retorno financeiro imediato.

Muitos desses atletas já sofrem com as dificuldades de conciliação entre as demandas, que se refletem em abandonos, repetência e atrasos escolares. Quando colocam em questão os prós e contras que cada formação tem lhes oferecido na atualidade, não fica difícil compreender por que muitas vezes optam pela formação esportiva. Assim, para esses atletas que conseguem ter como vencimento mensal o salário do clube e o auxílio federal, essa condição pode se caracterizar como um estímulo, em alguns casos, até por parte da própria família, para que eles continuem tentando a profissionalização esportiva, uma vez que, ainda em idade tênue, produzem um bom recurso financeiro, muitas vezes contribuindo na renda familiar mensal. Soma-se a isso o fato de a escola não se apresentar atraente para esses atletas de elite.

2.5 APONTAMENTOS QUANTO A ESSES ATLETAS DE ELITE

Ao analisarmos os dados acima, percebemos que as características dos estudantes atletas pertencentes às Seleções de Basquetebol estudadas se aproximam de achados nos estudos que pesquisaram modalidades de quadra, como voleibol e futsal. Nestas, assim como nas categorias de base do basquetebol estudadas, o apontamento dos horários de treinamento a partir dos horários de frequência escolar, um maior número de estudantes atletas matriculados em escolas particulares, situação muitas vezes proporcionada pelo seu capital físico, além de boa porcentagem de pais com bom nível de escolaridade (levamos em consideração aqueles que finalizaram o ensino médio) contribuem para que exista, em seus ambientes familiares, um *habitus* escolar valorizado. Parece-nos que, como citado, a finalização do ensino médio, por parte dos estudantes atletas envolvidos na pesquisa, faz parte de uma “obrigação” familiar, mesmo diante das dificuldades que eles encontram em seu cotidiano.

Apresentam também como característica, mesmo perante as dificuldades de conciliação encontradas, uma grande possibilidade de reconversão de capital físico em

capital cultural institucionalizado, em virtude de suas qualidades atléticas e capital social.

Os elevados índices de repetência, atraso e abandono escolar encontrados, apesar das relativizações necessárias, evidenciam a difícil conciliação entre as formações para esses atletas de elite. Todavia, parece-nos que as convocações para as Seleções Brasileiras e suas demandas não são responsáveis de maneira exclusiva para essa condição. Embora contribuam nesse sentido, percebemos que as atividades necessárias para que o atleta de elite se mantenha “em nível” de Seleção Brasileira se constituem em “ingredientes” suficientes para que se apresente este contexto. Essas demandas abarcaria treinos individuais, treinos coletivos, dupla jornada competitiva (uma vez que a qualidade técnica desses atletas os credenciam a treinar e jogar na categoria subsequente) e atendimento a convocações de seleções estaduais e às suas particularidades de treino e ausência escolar.

Somado a esses fatores, não podemos desconsiderar que são as habilidades atlético-esportivas desses atletas que os credenciam a se inserir em programas de incentivo ao esporte. Para que tenham acesso ao Bolsa Atleta, esses jovens precisam apresentar resultados esportivos expressivos. Esse é um dos critérios de continuidade mediados pelo seu desempenho nos locais de competição. Esse apoio financeiro representa muitas vezes a condição para esse jovem “ter seu próprio dinheiro” e poder investir muitas vezes em equipamentos para aumentar ainda mais seu desempenho esportivo e outras vezes, ainda, passaria a fazer parte de um orçamento familiar, condição que incentivaria os pais a permitirem aos atletas (principalmente após o fim do ensino médio) continuarem tentando a profissionalização esportiva de maneira exclusiva, neste período entre os 17 e os 20 anos, quando deixam de fazer parte das “categorias de base” do basquetebol.

Embora essa condição pudesse justificar uma valorização prioritária da formação esportiva em detrimento da escolar, notamos que existe também, por parte destes atletas de elite, uma preocupação quanto a uma formação acadêmica. Todos eles responderam ao desejo de estudar, no mínimo, até uma graduação universitária, embora nem todos indiquem que conseguirão. A valorização da necessidade de adquirir uma graduação acadêmica talvez possa ser compreendida por dois motivos: o primeiro seria a influência do bom nível de escolarização da maioria dos pais desses atletas de elite e o segundo

estaria vinculado ao fato de perceberem que, mesmo fazendo parte da “nata” da modalidade em suas categorias, a profissionalização esportiva ainda assim é incerta. Esse insucesso tanto poderia ser causado pela baixa porcentagem de atletas que conseguem êxito nesta aposta, como também pelos perigos de serem acometidos por contusões que limitariam suas habilidades esportivas em uma trajetória profissional.

Nesse contexto de decisões a serem tomadas em relação ao futuro, de busca de maneiras de se conciliar formação esportiva e escolar e de entender como cada uma delas poderia influenciar posteriormente sua condição social, surge, para esses atletas de elite uma outra questão: mesmo reconhecendo a importância da formação escolar, a escola não atrai esses jovens atletas de elite. É a partir dessa hipótese que procuraremos, a seguir, compreender melhor como a escola está sendo encarada na visão dos estudantes atletas de elite.

3 O ATLETA DE ELITE E A ESCOLA

3.1 INTRODUÇÃO

Ao longo deste estudo, buscamos compreender quais são e como acontecem as maneiras de conciliação entre as formações escolar/universitária e esportiva para atletas de elite pertencentes às convocações para as Seleções Brasileiras de Basquetebol de base. Nesta amostra, em específico, pesquisamos 31 jovens a partir de 17 anos que foram convocados e se apresentaram para as Seleções Sub 17 e Sub 19. Estes se caracterizam por situações peculiares para que sejam atendidas as demandas de treinamento, viagem e disputa efetiva de campeonatos estaduais e nacionais (a serviço de seus clubes) e internacionais (a serviço dos clubes e da Seleção Brasileira) que podem influenciar o cotidiano escolar desses jovens.

Essas seleções citadas acima disputariam, respectivamente, o Campeonato Sul Americano e mundial das categorias e, em uma caminhada regular de sua carreira escolar, estariam envolvidos com o 3º ano do ensino médio e com os anos iniciais de sua trajetória universitária.

Nessa caminhada investigativa, pudemos reconhecer alguns apontamentos de estudos anteriores ligados às dificuldades que se acentuam nesse tipo de conciliação, além de aspectos que podem interferir a favor de uma priorização de uma das formações. A grande demanda temporal solicitada por ambas as formações mais uma vez surgiu como empecilho para essa situação pretendida.

Fato é que, apesar de reconhecerem as dificuldades de se tornarem profissionais no meio esportivo, muitos estudantes atletas ainda assumem essa possibilidade como seu projeto individual (ROCHA, 2013; CORREIA, 2014), sujeitando-se aos rigores e sacrifícios exigidos por essa opção, de maneira especial, os ligados à carga de trabalho corporal, e mudança de hábitos sociais cotidianos (DAMO, 2005; RIAL, 2006; PAOLI, 2007; MELO, 2010; BARRETO, 2012; COSTA, 2012; ROCHA, 2013; CORREIA, 2014). Além desses fatores, a busca dessa condição, que vem acontecendo em momentos cada vez mais precoces, está inserida em um momento da vida em que deveria ser grande a destinação temporal atribuída por esses jovens para a formação escolar. Isso gera um ambiente de tensão que muitas vezes se reflete na diferença de notas entre estudantes atletas e não atletas (SACK; THIEL, 1979), no reconhecimento

da grande destinação temporal também exigida pelo esporte (PARKER, 2000) e no risco de contusões limitadoras a que esses jovens atletas estão expostos durante sua formação esportiva (HICKEY; KELLY, 2008), o que reafirmaria a condição de necessidade de uma estratégia que permitisse formações com qualidade satisfatória em ambos os casos.

Por sua vez, pesquisas anteriores também abordaram aspectos que poderiam influenciar a importância ou a hierarquização da formação escolar em detrimento da esportiva. A principal delas é a família na qual o jovem está inserido. Esse *background familiar* (NERI, 2009) é responsável por grande parte da afirmação de importância de determinada formação. Além do *habitus* familiar, a condição social e o nível de formação acadêmica dos pais surgem também como importantes indicativos em relação ao desenrolar desta concorrência entre as demandas das formações (ROMÃO; COSTA; SOARES, 2010; COSTA, 2012; ROCHA, 2013).

Outra condição influenciadora nesse aspecto é sinalizada por Costa (2012), apontando que diferentes níveis de tensão entre os dois campos são organizados ainda de acordo com a modalidade estudada, e o futebol, nesse sentido, é caracterizado por uma maior percepção relativa ao papel de campo profissionalizante:

O desejo de seguir no esporte e as exigências escolares levarão o atleta a elaborar, junto com sua família, estratégias de conciliação entre os dois campos. Nesse sentido, os valores atribuídos a cada mercado serão determinantes nessa escolha, aliados ao contexto familiar e de valorização da escola. Entretanto, as tensões entre esporte e escola são diferentes entre as modalidades estudadas (COSTA, 2012, p. 75).

Em nosso estudo, em especial, esses jovens atletas fazem parte de uma elite que representa a “nata” dos atletas envolvidos nessa faixa etária com a modalidade basquetebol.⁷¹ Além disso, estão a poucos passos de uma possível profissionalização esportiva e grande parte deles já recebe salários e/ou incentivos financeiros provenientes de programas federais de fomento ao esporte de rendimento. Assim, surge uma dúvida que se torna nosso objetivo de investigação neste capítulo: qual o entendimento desse grupo de jovens atletas de elite em relação à maneira como a formação escolar tem se apresentado para eles?

⁷¹ Outros atletas que serviram a Seleções Brasileiras de base de futebol e de futsal, respectivamente, foram encontrados nos estudos de Melo (2010) e Costa (2012), mas em um momento em que estavam a serviço de seus clubes.

Nossa dúvida se embasa no fato de, assim como apontado por Barros (2001), os atletas já serem capazes de perceber que a continuidade do sucesso que tem alcançado nas quadras independe dos saberes na maneira como eles são ofertados hoje pelas instituições escolares. Sabem também que seus ganhos financeiros neste momento são obtidos por meio de suas qualidades atléticas, qualidades estas que precisam ser constantemente aprimoradas mantendo-os assim “em nível” de seleção nacional. Esses fatores poderiam se tornar influenciadores em uma possível hierarquização em relação às formações esportiva e escolar.

Em estudos anteriores, essa possível hierarquização já foi pesquisada por um viés que privilegiava o entendimento dessa característica pela destinação de tempos para as formações (MELO, 2010), ou por uma livre associação de palavras a partir de palavras indutoras (treinar, estudar e ir à escola e competir), buscando atribuição de importâncias (COSTA, 2012) ou ainda pelo viés de se compreender, mesmo diante de tantos possíveis empecilhos, o projeto individual desses estudantes atletas (ROCHA, 2013). Aqui, procuraremos entender como a escola tem se apresentado nesse processo de conciliação para esse grupo de atletas de elite.

Assim buscamos em um primeiro momento nos “localizar” em referência a se e como esses estudantes reconheciam a transversalidade das formações ou, em outras palavras, de que maneira os saberes adquiridos em uma delas poderiam influenciar a outra de maneira positiva, para, posteriormente, analisarmos suas respostas quanto às palavras indutoras treinar, estudar, ir à escola e competir.

3.2 O RECONHECIMENTO DAS FORMAÇÕES

Chamou-nos a atenção a posição dos estudantes atletas, quando questionados se a formação escolar os ajudava a se tornarem melhores atletas. Dos 31 entrevistados, 17 deles afirmaram que sim, 9 não reconheceram esta condição e 5 responderam que a formação escolar talvez influenciasse. Para os que admitem a influência da formação escolar na formação esportiva, os principais motivos seriam ficar “com o raciocínio mais rápido” ou “entendo melhor as coisas”. Por outro lado, nenhum desses atletas associou qualquer ligação em relação ao conteúdo escolar representado pelas disciplinas que compõem o currículo formal e suas utilizações na carreira esportiva. Quando questionados quanto ao caminho inverso, ou se a formação esportiva os auxiliava na escolar, a maioria (25) afirmou que sim, três deles disseram que não e outros três

demonstraram dúvidas quanto à questão, respondendo talvez. Esses números nos mostram uma capacidade maior, por parte dos atletas, de apropriação das particularidades das formações no “trajeto” basquete e escola, tendo questões psicológicas e atitudinais como principais respostas, tais como “concentração”, “sinto menos pressão para as provas”, “convivência com os colegas” ou, ainda, “disciplina”, comportamentos valorizados no esporte de rendimento.

Como visto, para esses atletas de elite, é forte a ponte existente entre as qualidades salientadas pelos alunos na direção esporte de rendimento e escola. A convivência com a necessidade de “concentração”, com a “pressão” de um jogo ou competição e a “disciplina” para se alcançar objetivos esportivos é um fator para o sucesso nesse meio competitivo e que é incorporada pelos estudantes-atletas, preparando-os para novas situações que possam surgir e, a partir daí, serem utilizadas a favor deles (talvez o comportamento perante uma prova na escola seja o maior exemplo disso).

Com relação à resposta “convivência com os colegas”, condição também preponderante para um bom relacionamento em sua equipe, lembrando que tratamos de jovens a partir de 17 anos e que, em uma carreira escolar regular, estariam inseridos no estágio porção final do ensino médio, a resposta é comum em estudos que abordam a juventude e escola (SCHENEIDER; BUENO, 2005; SANTOS, 2012), ressaltando o papel de ambiente para socialização de maneira geral e indicando que as opiniões desses jovens atletas de elite, em relação ao interesse pela escola, não são diferentes do que pensa a faixa etária na qual estão inseridos.

Nesse sentido, Charlot (2001) mostra que esses jovens consideram um conjunto de saberes ligados à convivência com os colegas no ambiente escolar denominado pelo autor como saberes de natureza ético-moral. Esses saberes estariam caracterizados por uma boa conduta moral e pela relação com o coletivo. Assim, na escola, os jovens “aprenderiam” a não maltratar ninguém, respeitar o próximo, não roubar, não mentir, ouvir quem está falando e a ser amigo tornando-a também um “espaço de vida” (CHARLOT, 2000, p. 38).

Passado esse momento de diagnóstico quanto ao reconhecimento das formações, recorreremos às possibilidades de investigação oriundas da segunda metade do questionário utilizado como instrumento para adotar uma metodologia de livre

associação de termos direcionados a partir de quatro palavras indutoras (estruturas semânticas), a saber: “treinar”, “estudar”, “ir à escola” e “competir”. Essa associação livre é usualmente utilizada como suporte teórico/metodológico em pesquisas que investigam representação social (ACOSTA, 2005).

Nesse método de pesquisa, os entrevistados devem responder o que primeiro lhes vier a mente, sem buscar uma recordação específica e, assim, foram orientados a fazer. Nesse contexto as respostas nos permitiram perceber associações, sentimentos e/ou pensamentos presentes no ambiente de atletas de elite e sujeitos às demandas que envolvem conciliar a formação escolar e a esportiva.

Os diversos tipos de resposta compuseram um conjunto diferente de unidades semânticas, como nos mostra Bardin (1977), demandando um trabalho de classificação que nos permitisse entender e explicar melhor as análises descritivas e explicativas.

O critério para a escolha das palavras indutoras se deu mediante a rotina diária dos atletas, dos ambientes frequentados e da relação com a perspectiva de profissionalização esportiva. Assim, entendemos que o “treino” e a “escola” se constituem como locais provedores para aquisição das credenciais necessárias para posterior profissionalização, assim como denotamos a “estudar” e a “competir” serem atribuições cotidianas desses estudantes atletas, sendo o significado atribuído a essas palavras também um facilitador de análise dessas questões.

As respostas atribuídas às palavras indutoras (treinar, estudar, ir à escola e competir) foram categorizadas e agrupadas, observando-se a aproximação de seus significados. Ainda em tempo, apresentaremos os resultados levando em consideração o número total de atletas pesquisados (31 atletas pertencentes as Seleções Sub 17 e Sub 19).

a) Treinar

Quando desafiados a produzir uma resposta referente a “treinar”, a maior parte das palavras fez menção a questões de aprimoramento no esporte. Respostas utilizando as palavras “melhorar”, “aprimorar”, “evoluir”, “desenvolver” e “progredir” foram utilizadas por 55% dos atletas, número muito próximo do encontrado, por exemplo, por Costa (2012) em pesquisa com atletas do futsal feminino catarinense. O treinamento também foi associado a questões de “futuro/carreira”, “futuro/trabalho”, “esperança de

algo melhor” e “caminho para o sucesso”. Essas respostas corresponderam a 19,5% dos participantes do estudo.

Em uma outra ótica, treinar também está associado, para esses atletas de elite, a “prazer”, “fazer o que gosto” e “diversão”, que representam 16% das respostas. Em trabalho anterior, Romão, Costa e Soares (2010), pesquisando o vôlei feminino, obtiveram 23% das respostas nessa mesma direção, demonstrando uma conotação maior de lazer atribuída pelas atletas voleibolistas à formação esportiva. Talvez essa condição minoritária na Seleção de Basquete possa ser explicada pelo nível de cobrança e carga de treinamento a que esses atletas são submetidos, fazendo com que, como nos mostram as respostas da primeira opção, o treino se transforme em um tempo de aprimoramento das capacidades e habilidades necessárias para um desempenho cada vez melhor das credenciais necessárias para eles continuarem na Seleção Brasileira, consequência do destaque obtido em seus clubes. Assim, o treino assumiria um papel funcionalista, preparando-os para um destaque no mercado de trabalho independente do prazer que proporcione. Melo (2010), pesquisando o futebol, mostra que apenas 3% dos estudantes atletas entrevistados, que enxergam a modalidade com forte viés de profissionalização, citam aspectos ligados à “diversão” em suas respostas.

Assim, um bom número desses atletas de elite assume o esporte com forte olhar de profissionalização, referindo-se ao treino como um tempo de aprimoramento do capital físico. Essa condição estaria atrelada, em um primeiro momento, ao fato de buscarem condições para se manterem nas convocações para a seleção brasileira, conseqüentemente, ratificando a condição de serem candidatos aos incentivos financeiros ofertados por meio de leis de incentivo ao esporte e, posteriormente, criariam condições para continuar inseridos nesse contexto profissional em seus clubes, mesmo após excederem a idade-limite de pertencimento às categorias de base.

Todavia, embora desejem seguir trabalhando para o alcance de uma profissionalização esportiva efetiva, que aconteceria quando fosse ultrapassada a idade-limite para pertencimento às categorias de base, o tópico a seguir demonstra que reconhecem que poucos alcançarão esse propósito, já que as referências a “futuro” foram citadas por uma porcentagem maior de atletas quando induzidos pela palavra “estudar”.

b) Estudar

Para esta categoria, 35% dos atletas de elite ligados às Seleções Brasileiras identificam estudar ligado a questões de futuro. Parece que, mesmo em se tratando de atletas de elite, eles reconhecem que se aproxima um momento de decisão em suas vidas e que se, porventura não obtiverem sucesso na carreira esportiva, credenciais acadêmicas serão necessárias para o transcorrer de suas carreiras laborais. Respostas como “correr atrás”, “abrir portas para a vida”, “caminho, caso não consiga virar jogador”, “plantar” e “futuro melhor” foram as mais citadas. Ainda como forma de parâmetro de comparação, esse percentual encontrado é menor do que os citados por jogadores de vôlei estudados que atuam em níveis clubísticos. Para estes, segundo Romão, Costa e Soares (2011), os percentuais se apresentam em 50% (homens) e 54% (mulheres).

Entendemos que esta diferença percentual a favor dos atletas inseridos no voleibol pode ser vista por meio de alguns fatores. O primeiro está ligado ao fato de os sujeitos deste estudo, mesmo reconhecendo as dificuldades de profissionalização esportiva, estarem “quase lá”, já pertencendo Seleções Brasileiras e, estando muito próximos de uma efetiva profissionalização, priorizam nesse momento, a formação esportiva. Somado a isso, a prevalência dessa condição ligada ao voleibol reflete a pouca preocupação de profissionalização no esporte. Na modalidade, apenas 7% dos homens referiram treinar como opção para um possível futuro laboral e nenhuma das mulheres indicou essa condição, apontando, conseqüentemente, uma valorização do “estudar” como preocupação em favorecer uma futura carreira no mercado de trabalho formal.

Por outro lado, quase 10% desses atletas de elite do basquete assumem, em suas respostas, a secundarização da formação escolar, entendendo que as demandas da formação escolar neste momento os afastariam de seus objetivos profissionais. Essa posição é caracterizada por respostas como “no momento é perda de tempo”, “segundo plano hoje...” e “sem importância agora”. Esses números se aproximam dos encontrados por Melo (2010) para atletas de futebol estudados. Vale ressaltar que não percebemos esse tipo de postura nas respostas dos atletas de voleibol e futsal.

Costa (2012, p. 72), a respeito dessa particularidade, conclui:

Podemos afirmar que os atletas que se dedicam ao vôlei e ao futsal apresentam expectativas de formação esportiva que acompanham as particularidades que acompanham o mercado profissional de cada

modalidade, como também percebemos que estão inseridos em contextos sociais estruturados – tanto econômico como familiar.

No caso específico desse grupo de atletas de elite das Seleções Brasileiras de base, apesar de ser necessário considerar o pertencimento de classe social dos atletas envolvidos, o fato de estarem na Seleção Brasileira faz com que aqueles que já alcançaram uma condição real de inserção no mercado de trabalho em seus clubes, que conquistaram “espaço” em seus times profissionais, tendam a colocar a formação escolar em segundo lugar, entendendo a escola e suas demandas temporais como concorrentes para o alcance de seus planos.

Reforçando essa posição, 13% dos atletas entendem estudar como “chato”, expondo outra transversalidade dessa relação que é a maneira como a escola tem se apresentado atualmente para essa juventude. Nesse sentido, o pouco interesse em estar nos ambientes escolares não nos parece ser uma fala apenas dessa juventude esportiva. Dayrell (2003) expõe essa condição pesquisando outros grupos de jovens (aspirantes a *rappers* e funkeiros) que, necessariamente, não precisariam das credenciais escolares para continuar a exercer suas profissões. Fica claro, para o autor, que a escola não consegue envolver o jovem, tornando-se apenas uma obrigação necessária a qual ele apenas suporta, não se mostrando sensível à realidade vivenciada pelos alunos fora de seus muros. Essa ambiguidade, que caracteriza a escola por se constituir em um ambiente que se apresenta como uma forma de garantir um futuro melhor, ou um mínimo de credencial para posterior inserção no mercado de trabalho e, muitas vezes, a falta de sentido em frequentá-la, percebida por jovens que buscam afirmação em profissões que independem de títulos e diplomas por ela fornecidos, pode ser um dos motivos que contribuam para que a escola seja considerada “chata” por esses jovens.

No caso de nosso estudo, os atletas das Seleções Brasileiras de base não reconhecem na escola algo que vá auxiliá-los em seus afazeres e necessidades esportivas. Spósito (2004) escreve a respeito dessa condição de reconhecimento afirmando que, no momento de vida em que esses jovens se encontram, eles imprimem sentidos diversos a suas práticas, além de interagir com várias instituições que estabelecem contatos e significâncias simbólicas, como a família, a escola e o trabalho. Essas instituições reconhecidas como socializadoras devem estar atentas às suas relações com os jovens, pois são capazes de estabelecer em seu interior conflitos e solidariedade. Nesse caso, percebe-se que a escola não tem acompanhado os anseios

desses jovens atletas, posicionando-se de maneira conflitante na forma como tem se apresentado atualmente, em relação aos interesses laborais desses estudantes. Buscando compreender melhor essa condição, passaremos à análise da terceira palavra indutora, a saber, ir à escola.

c) Ir à escola

Entendemos a escola como um espaço institucional que se apresenta para permitir que os alunos tenham contato com diferentes tipos de conhecimento para, assim, desenvolver diversas capacidades consideradas importantes para o aprendizado e o desenvolvimento social (COSTA, 2012), além de cumprir também responsabilidades ligadas ao aprender a “estar junto” e ao “viver com” (SPÓSITO, 2004).

Quando avaliamos as respostas, notamos que elas reforçam as considerações feitas a respeito de “estudar”. Respostas como “chato”, “monótono”, “desânimo”, “cansativo”, “obrigação” e “sacrifício” representam 32% do que foi relatado. Quase 10% desses jovens atletas se referem a questões de socialização citando “amigos”, “professores e colegas”. Chamou-nos a atenção a resposta de um atleta da S19, citando “perturbar os professores” como a primeira coisa que vinha à sua cabeça quando ouvia ir à escola, denotando total desinteresse pela instituição. Aproveitando esta situação de insatisfação exposta, percebemos que as estratégias utilizadas na relação escola, professor e aluno muitas vezes não têm dado conta de também colaborar para a construção de um ambiente escolar de valor para esses jovens. Charlot (2001) aponta críticas de alunos quanto ao ambiente escolar relacionadas com diretoras extremamente rígidas, violência entre os alunos, formação de grupinhos e isolamento na sala de aula. Quanto aos professores, as críticas se aproximam do “modo” como eles se portam, utilizando muitas vezes xingamentos e transmitindo o conhecimento de maneira monótona, sem repetir a explicação caso seja necessário, levando os alunos a se sentirem como “máquinas de xerox”. Esses fatores podem contribuir para que respostas como as que encontramos sejam externadas, já que não se legitima uma relação de parceria entre escola, professor e aluno.

Apesar das considerações de insatisfação com o modelo adotado pelas escolas nos dias atuais, talvez por estar envolta por um valor socialmente disseminado e estabelecido, jovens atletas ainda a reconhecem como uma instituição indispensável em termos práticos para seus futuros. Assim, “Ir à escola” assume também um significado

de melhor possibilidade futura de emprego. Respostas como “aprender”, “necessidade”, “responsabilidade”, “comprometimento”, “preparar para mercado de trabalho”, “adquirir conhecimento”, “local de aprendizagem”, “futuro” e “faculdade” foram referidas por 48% dos atletas. Esse número é maior ainda do que o valor atribuído a “estudar” por esses mesmos atletas, próximo dos 42% encontrados por Costa (2012) no futsal feminino e bem acima dos percentuais encontrados no futebol, em que aspectos ligados a relacionamento foram os mais evidentes, chegando a 20 % das respostas.

Nessas respostas, percebemos mais uma vez a ambiguidade desempenhada pelo ambiente escolar na vida dos jovens ou, em outras palavras, apresenta-se como uma tarefa chata, desanimadora, mas que pode permitir um futuro melhor em relação às suas responsabilidades no mercado de trabalho.

Interessante assim é perceber que, mesmo inseridos na elite esportiva de sua modalidade, a uma curta distância de seus objetivos profissionais, esse jovem estudante atleta reconhece o papel social da escola, porém, assim como descoberto nos estudos citados, engrossa o coro quanto à maneira como ela se apresenta concorrente ao seu projeto individual.

d) Competir

A maior parte dos atletas (26%) relatou uma associação dessa palavra indutora a aspectos ligados a um sentimento de prazer. Palavras como “melhor coisa”, “gratificante”, “prazer”, “privilégio”, “paixão”, “legal” e “essencial” foram citadas. Sabemos que o sentimento de competição faz parte da rotina desses atletas. Competições internas nas equipes por espaço, tempo de quadra e condição de titularidade são comuns para esses atletas de elite, fazendo com que os que lidam melhor com essa situação se sobressaiam, o que pode explicar essa supremacia de respostas ligadas ao “prazer” em competir.

Outros 16% associaram competir a “ganhar”. Também entendemos essa condição como preponderante naquilo que esses atletas se propõem, uma vez que resultados positivos em suas partidas e campeonatos os aproximam de um maior sucesso na carreira. A mesma porcentagem associou competir a uma possibilidade de demonstrar evolução. As respostas neste quesito foram expressas utilizando “executar o

que treinou”, “colocar treino em prática”, “demonstrar competência”, “mostrar o que aprendeu” e “avaliar minha capacidade”.

Interessante notar que, mesmo buscando alcançar credenciais para se tornar profissionais no esporte, apenas 6% dos atletas relacionaram a palavra com trabalho. Essa condição ficou exposta nos usos de “exercer profissão” e “algo sério”. Entendemos que todas as respostas aqui encontradas se associam em algum momento ao que esses atletas representam hoje e ao que aspiram requer. Notamos que eles assumem também uma postura “profissional” do “competir”, entendendo-o como parte inerente àquilo que querem desempenhar.

3.3 A ESCOLA NA ÓTICA DOS ATLETAS DE ELITE

Percebemos que, ao focarmos as palavras indutoras ligadas ao ambiente escolar, a saber, “estudar” e “ir à escola”, surge diante de nós uma série de impressões por parte desses atletas de elite que buscaremos explorar melhor observando-as a partir de três pilares: o modelo de escola em que esses jovens (e os outros) estão inseridos, o significado da escola para eles e a valorização de suas qualidades no ambiente escolar.

Existe um valor socialmente disseminado quanto à importância da escola que, de certa maneira, faz com que esses atletas, pressionados pela posição social da instituição escola, continuem a considerá-la como parte de sua caminhada formativa. Todavia, as respostas obtidas indicam que esses jovens estudantes atletas a legitimam pela necessidade de obterem credenciais, no caso, representadas por títulos e diplomas, que só ela pode conferir. O modelo como a escola vem se apresentando nos dias atuais, assumindo uma posição de instituição preparatória para o mercado de trabalho, de certa maneira, é antagônico e concorrente àquilo que almejam como profissão. Eles a assumem, nesse sentido, como uma obrigação que precisam cumprir para a obtenção das credenciais que poderiam ser necessárias, caso, no futuro, não obtenham sucesso na carreira esportiva. Em outra perspectiva, ainda para aqueles que já estão inseridos nas equipes profissionais de seus clubes, a demanda temporal exigida pela escola se torna concorrente para que seu desempenho e atendimento das demandas esportivas sejam alcançados. O entendimento relativo ao “ir à escola”, como uma ação que poderia proporcionar um futuro melhor, caso não obtenham sucesso no esporte, foi adotado por 48% dos entrevistados.

Essa posição pragmática assumida por esses atletas em relação à escola se apresenta também na busca da identificação das transversalidades de conhecimentos entre a formação escolar e a esportiva. Percebemos que, em nenhum momento, as disciplinas ou conteúdos especificamente escolares foram assumidos como necessários para um sucesso esportivo futuro. Sua ligação com a escola tem se apresentado como uma questão “de futuro” ou “de diploma”.

Uma outra condição permeia esta situação de importância de finalização de etapas escolares. Nos caso desses atletas, suas habilidades esportivas diferenciadas podem oportunizá-los bolsas de estudo, sejam elas escolares, sejam universitárias. Todavia, esse benefício depende de que seus respectivos “compromissos” escolares anteriores estejam concretizados, reforçando para esses atletas de elite a necessidade de inserção e continuidade no ambiente escolar.

Parece-nos, assim, que se justifica o fato de 32% dos atletas se referirem a “ir à escola” como uma ação sacrificante, uma vez que eles não reconhecem nas disciplinas escolares conexão com o que “precisariam” para trabalhar. A escola se torna, então, sem sentido e “[...] talvez o pouco valor que os jovens conferem ao valor dos conteúdos curriculares não seja resultante do seu desinteresse, e sim da sua dificuldade de encontrar um sentido para aquilo que os professores ensinam” (CHARLOT, 2001, p. 47).

Correia (2014) aponta algumas estratégias utilizadas na Escola Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, que, de certa maneira, vieram de encontro a essa questão de dar sentido àquilo que o professor ensina. Existia na escola uma tentativa, por parte das professoras, de adequar suas aulas valorizando a característica da natureza incorporada pelos alunos da prática sobre a teoria, e do estímulo ao movimento constante. Assim, por exemplo, o estudo do corpo humano se dá mediante a análise do esforço de um atleta de futebol em um jogo, ou de um remador e uma competição. Se o conteúdo focalizasse História do Brasil, abordaria a compreensão dos primeiros esportes existentes no País. As aulas de Matemática e Física usavam, em seu conteúdos de força, atrito, ângulos e cálculos, as vivências esportivas cotidianas desses atletas. Além disso, eles tentavam se descolar do espaço tradicional da sala de aula para explanação dos conteúdos, caminhando pelo clube para tratar de questões de geografia em seus aspectos naturais e urbanos.

A falta de sentido atribuído pelo jovem à escola contribui para que ela seja considerada como um local de poucas referências positivas, a não ser quando, como dito, é encarada de maneira utilitária como caminho para obtenção de uma profissão. No caso desses atletas, existe ainda o fato de eles já notarem que sua valorização independe dos títulos obtidos na escola e do que a escola vem ensinando em seu currículo. São as suas aptidões atléticas para a inserção na modalidade o principal índice de avaliação de desempenho rumo à profissionalização esportiva.

Reforça-se, assim, para esses estudantes atletas de elite, a visão de escola como “[...] um universo de cultura escrita” (LAHIRE, 1997, p. 20), o que a distancia cada vez mais de valorizar aquilo que eles apresentam como melhor qualidade que são seus “saberes de domínio”⁷² (CHARLOT, 2000), entendidos nesse caso, como um domínio prático de uma atividade ou suas qualidades atléticas. No modo como se apresenta a escola, os saberes estão formalizados e objetivados em práticas de escrita (SCHNEIDER et al., 2009), fazendo com que mais uma vez, já que, como percebemos, esses atletas não a associam às suas necessidades para um futuro laboral, os estudantes não enxerguem nela significados para a sua prática. Essa somatória de fatores levaria o jovem a deixar de investir em um processo que o educaria “formalmente”, de maneira institucionalizada, fazendo com que não se “mobilize” para aprender e, conseqüentemente, valorize esse ambiente de aprendizagem, tornando-o, a não ser pela questão da obtenção de seus “certificados de conclusão de etapas escolares”, sem significado nesse momento de sua trajetória.

Essa falta de reconhecimento em relação ao uso do que se aprende na escola abre espaço para uma segunda utilização, enxergando-a como um espaço de socialização. Essa condição foi referida por 10% dos atletas de elite. Esse é o entendimento que justificaria, no caso desses atletas, esse caráter de pouca utilidade da escola, que se apresenta quando o aluno a associa a uma possibilidade de “[...] aprender a compreender o mundo, se compreender e a compreender os outros [...]” (CHARLOT, 2000), valorizando aspectos relacionais com os colegas e professores. Mas, como visto, essa visão, no caso desses estudantes-atletas de elite do basquete, apresenta-se em escala menor.

⁷² Entendidos como saberes em que se inscrevem no corpo por meio do domínio de uma atividade.

Fato é que, de certa maneira, esses atletas vivem uma realidade de antagonismo. De um lado, a pressão exercida pela sociedade (embora muitas vezes acordos familiares permitam essa opção) que computa o “ser alguém” de sucesso aos saberes inerentes dos currículos escolares; de outro, eles buscam “tornar-se alguém” por meio de diferentes aptidões, habilidades e possibilidades, o que poderia ser atenuado caso, como nos mostra Dayrell (2007), a escola e seus profissionais reconhecessem a necessidade de se perceber que os alunos que ali chegam trazem consigo experiências sociais, demandas e necessidades próprias, afastando-se, assim, de parâmetros consagrados de cultura escolar construídos em outros contextos.

Pode ser que tenhamos, a partir deste contexto de aquisição de saberes adquiridos extramuros escolares ou de muros ruídos, a oportunidade de compreendermos ainda melhor o contexto desses estudantes atletas de elite e suas relações com o ambiente escolar. É necessário ressaltar que eles chegam ao ambiente escolar com experiências sociais próprias, além de demandas e necessidades particulares. Suas aptidões atléticas e qualidades técnico-esportivas diferenciadas os sujeitam a frequentes viagens nacionais e internacionais para atendimento de suas demandas esportivo-profissionais. Assim, nessas oportunidades, eles estão constantemente expostos a possibilidades de aquisição de saberes (muitos deles propostos pelos currículos escolares), porém por uma maneira diferente de aquisição, que não circunscrita em seus muros.

Concordamos que muitas vezes as cargas de trabalho nessas oportunidades fazem com que sejam grandes as demandas temporais ligadas ao circuito treino-jogo-hotel, mas entendemos também que o fato de precisar deslocar-se em novas cidades proporciona, mesmo que pelo vidro das janelas dos ônibus, a esses atletas acesso a informações culturais de diferentes locais, muitas vezes expressas por monumentos, praças, avenidas etc. que, em outras situações, não seriam possíveis. Diante desse quadro, esses atletas se diferenciam dos alunos regulares por terem acesso a oportunidades de aquisição de saberes que não podem ser desconsideradas.

Parece-nos que assim eles estariam sujeitos a uma condição de avançar do estágio “aprender a respeito *de* algum lugar” para uma condição de “aprender a respeito de algum lugar *em* algum lugar”.

Podemos ser questionados quanto ao fato de que ter a oportunidade de aprender nessas situações, para esses atletas, não significa aprendizagem de fato para alguns que podem optar em permanecer distantes desse contexto de oportunidades, mas assim não estaríamos desconsiderando os que aproveitam estas oportunidades para aquisição de saberes?⁷³ Ou, ainda, será que estes que não se organizam na aquisição desses saberes, estariam engajados em adquiri-los via ambiente escolar?

Neste ponto ratificamos a condição de entendimento a respeito da necessidade de pensarmos diferentes abordagens e estratégias metodológicas que possam, no ambiente escolar, valorizar os saberes adquiridos fora da escola por esse grupo especial de jovens, tornando-a mais atraente, com significados e prazerosa. Afinal de contas, parece-nos que o modelo adotado atualmente, com suas formalidades curriculares presenciais, não estaria dando conta de motivar e mobilizar não só esse grupo de atletas de elite, como uma juventude que sonha em se utilizar de habilidades específicas para atingir o mercado de trabalho e que hoje não são observadas nem valorizadas no ambiente escolar. Muitas vezes, são até discriminadas e relevadas a dimensões menores de importância, já que não “caem no vestibular”.

Essas condições aproximariam a realidade de uma escola mais justa que, segundo Dubet (2004, p. 545), “[...] levasse em conta as desigualdades reais, e procurasse, em certa medida, compensá-las”. Ainda de acordo com o autor, uma lógica puramente igualitária não atende às necessidades de variados grupos sociais e as particularidade de seus pretendidos mercados de trabalho: “[...] A melhor maneira de resistir a esse fenômeno incompatível com uma lógica puramente igualitária é a introdução de mecanismos compensatórios eficazes e centrados nos alunos e em seu trabalho [...]” (DUBET, 2004, p. 545). Esses fatores reforçam a necessidade de uma descentralização da maneira como se apresenta a escola nos dias atuais e uma maior atenção às características das diferentes juventudes que a frequentam.

⁷³ Embora me esforce para me manter isento quanto às possibilidades deste estudo, mesmo já tendo feito parte desse contexto de estudantes atletas de elite, minhas vivências me proporcionaram acesso a valiosas informações presenciais em locais como as Cataratas do Niágara, na divisa entre os Estados Unidos e o Canadá, no Equador, onde pude “pisar” um pé em cada hemisfério da Terra ou ainda, ter acesso a informações da Cordilheira dos Andes no Chile, ou do Farol da Barra em Salvador, informações estas que se tornaram mais completas e com significados do que quando as reví em ambientes escolares (quando foram abordadas...). Nesse sentido, é possível afirmar que essas experiências me causaram maior impacto em termos de aquisição de saberes do que quando muitos deles apareceram via bancos escolares.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo estudante atleta surge como chave nos estudos estadunidenses, influenciado pelo fato de esse país apresentar um modelo de formação esportiva escolar, e por destinar grande importância às competições dessa natureza. O esporte universitário americano se constitui como a principal porta de entrada para as ligas profissionais, gerando nesses estudantes envolvidos sonhos de profissionalização esportiva, mesmo sabendo que os índices de aproveitamento estão próximos a 2%. Em alguns países europeus, o tema surge ligado principalmente a pressões da sociedade que reconhece e cobra a necessidade de estratégias de conciliação que permitam um desenvolvimento integral dos jovens envolvidos, mostrando o futebol como a modalidade com maior número de produções a respeito.

Por meio dos estudos selecionados neste artigo e também pelo acúmulo de leituras, Estados Unidos, Dinamarca e Brasil surgem como referências nesse assunto, com pesquisadores ligados à área da Educação Física. As publicações mais atuais em periódicos por meio dos descritores utilizados foram brasileiras. A produção brasileira também apresenta uma variedade maior de modalidades estudadas, como futebol, voleibol, turfe, futsal e, agora, basquetebol.

Em relação às estratégias de conciliação entre formação escolar e formação esportiva utilizadas pelos atletas que integram as Seleções Brasileiras masculinas de basquetebol Sub 17 e Sub 19, estas não se afastam das encontradas em outras modalidades estudadas anteriormente, apoiadas principalmente em um bom relacionamento com instituições escolares, diretores e professores que proporcionam a esses atletas o abono de suas ausências nos dias letivos, em virtude das demandas das equipes nacionais, e a reposição das avaliações perdidas. Nesse sentido, a harmonização entre as formações preconizadas na legislação nacional também não foi observada.

Uma boa surpresa foi a constatação da utilização do “Ambiente Virtual Acadêmico” de uma faculdade por um atleta da S19 que atendeu às suas necessidades de acompanhamento de conteúdos, necessidade esta de maior dificuldade em ser resolvida, enquanto estava afastado do ambiente acadêmico. Alguns atletas relataram ainda a possibilidade de assistir às “aulas de reforço” utilizando a estrutura que a escola oferece. Essa condição é ofertada a todos os alunos, mas acaba atendendo a uma necessidade dos atletas. Vale ressaltar que a mesma escola possui convênio com o

Minas Tênis Clube e tem, em seu quadro de alunos, vários estudantes atletas ligados ao clube mineiro. Ainda neste aspecto de estratégias de conciliação entre os envolvidos, notamos uma prevalência de acesso a escolas particulares por parte dos atletas envolvidos com as Seleções Brasileiras de Basquetebol de Base. Entendemos que, muitas vezes, no caso do basquetebol, é o capital físico do estudante atleta que o tem conduzido à possibilidade de estar inserido em uma escola privada e, ao analisarmos a questão sob um olhar da escola, percebemos essa parceria como também positiva para a instituição de ensino, que se torna capaz de utilizar o capital simbólico desse jovem atleta de elite para propagar o nome da sua escola, atrelando muitas vezes o sucesso em competições esportivas escolares a uma imagem de escola vencedora e competente também em outros aspectos mais formais. Mesmo diante dessas características e possibilidades, as estratégias utilizadas nos parecem apontar o foco de maneira prioritária para a contribuição quanto à promoção escolar dos envolvidos, sem uma preocupação com referência à aquisição dos conteúdos perdidos em virtude das demandas esportivas.

Constatamos que os índices de repetência e abandono escolar são maiores que as médias nacionais, entretanto, não nos fica claro serem os períodos a serviço das Seleções Brasileiras o principal motivo para esses índices. Esses atletas de elite estão expostos a grandes cargas horárias de treinamento em seus clubes o que, por si só, já justificaria uma considerada dificuldade na conciliação das demandas específicas.

Como percebemos também em outros estudos, outras transversalidades permeiam essa condição, como *background* familiar, situação socioeconômica e a pouca atratividade da escola nos modelos atuais. Ela se apresenta sem significado para esses jovens, uma vez que eles não reconhecem nela valorização de suas habilidades, conexão entre o que aprendem e o querem trabalhar e exige desse estudante atleta uma demanda temporal que se torna concorrente às suas responsabilidades esportivas, atividades estas que geram, para 25 destes estudantes atletas, recursos financeiros dependentes de suas habilidades atléticas. Possibilidades de adequação das maneiras de aquisição de conhecimento, de valorização dos saberes adquiridos por esses jovens atletas, quando inseridos em contextos esportivos, e adequação dos conteúdos à expectativa de jovens atletas, contribuiriam para eles não desanimassem de estar inseridos nesse contexto, mesmo em momento simultâneo ao de formação esportiva.

Correia (2014) aponta várias estratégias utilizadas na escola do Vasco da Gama que valorizam a natureza prática dos alunos em relação à teórica, as maneiras de flexibilização de horários e de estratégias de avaliação e a identidade esportiva da escola ao adotar como uniforme um modelo nos padrões esportivos. Todos esses fatores fizeram com que os alunos atletas daquela escola a valorizassem e encontrassem sentido nela.

Apesar de todos esses fatores, entendemos que, de alguma maneira, os pré-requisitos necessários para o atendimento das convocações, muitas vezes por anos seguidos, se constituem em agentes influenciadores nesses números, principalmente naquelas situações em que esses atletas estejam inseridos em instituições de ensino que, por exemplo, não abonem faltas obtidas durante o período de treinamento e de viagem de Seleção Estadual ou Nacional, e até mesmo com seus clubes.

Fato é que, devido ao distanciamento existente em nosso país entre os ambientes formativos, o acesso à escola ainda é tratado, por parte dos clubes, como uma viabilização do acesso à matrícula para esses atletas de elite com demandas tão específicas. Essa questão nos parece que é tratada como uma justificativa social, no intuito de atender a uma possível solicitação e/ou preocupação paternas quando do convite dos clubes para que os atletas ingressem em suas equipes. Não nos parece que exista um acompanhamento, por parte dos clubes, de desempenho ou de “rendimento”⁷⁴ escolar de seus atletas, fortalecendo uma condição de distanciamento entre as formações.

Em recente matéria jornalística,⁷⁵ uma ex-jogadora de vôlei do Brasil, medalhista olímpica, afirma estar passando por dificuldades financeiras e reclama do apoio de uma instituição de ensino superior privada para que ela possa se formar. A atleta entende que lhe deveria ser disponibilizada uma bolsa de estudos por ser uma medalhista olímpica. Não entrando no mérito da pertinência da solicitação, ou de como a atleta utilizou os

⁷⁴ Embora tenha sido constatado por Correia (2014) que, na escola do Vasco da Gama, os índices de reprovação eram similares aos encontrados no Rio de Janeiro, um mau desempenho escolar não afastava o estudante atleta de suas atividades esportivas como acontece, por exemplo, na NCAA. Leva-se ainda em consideração, nesse contexto, o fato de, segundo o Regimento da escola, ela existir para formar atletas.

⁷⁵ Disponível em: < <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/08/ex-jogadora-de-volei-diz-que-teve-pedido-de-bolsa-de-estudos-recusado.html> >. Acesso em: 15 out. 2013.

recursos financeiros que recebeu durante sua carreira esportiva, essa situação evidenciou a ausência de políticas públicas que possam vir a atender a essas demandas e expôs a situação revelando que mesmo atletas de sucesso em suas carreiras, caso da medalhista olímpica, em algum momento, podem necessitar de credenciais acadêmicas que não foram conquistadas em virtude de uma conciliação deficiente entre as formações. Ressaltamos ainda que esse exemplo poderia ser abordado nas próprias Seleções Brasileiras de base, que se encontram hoje nesse ambiente de conciliação de formações.

Talvez uma possibilidade, em esferas federais, seria a criação de um fundo de educação que permitisse a atletas envolvidos com Seleções Nacionais posterior apoio à sua formação acadêmica, após sua aposentadoria como atleta, se fosse esse o seu interesse. Essa condição se constituiria como importante ferramenta no sentido de apoiar ex-atletas de destaque nacional, com “serviços” esportivos prestados à nação e que podem ter tido sua formação acadêmica prejudicada também em virtude das demandas requisitadas por servir às Seleções Nacionais.

Outra sugestão, esta, em nosso modo de entender, mais simples e que também é adotada na Liga Profissional de Basquete Americana e pela *National College Athletics Association*, seria um ciclo de palestras para esses jovens atletas, quando a serviço das Seleções Nacionais, que abordassem, entre outros aspectos, a importância da graduação acadêmica no decorrer de suas vidas, plano de investimentos financeiros, índices de lesões limitadoras para a prática esportiva, entre outros temas relevantes. Esse projeto poderia ser liderado pela Confederação Brasileira de Basquetebol e poderia se estender posteriormente aos clubes brasileiros e ela filiados. A ideia seria uma efetiva aproximação entre atletas, treinadores, famílias e dirigentes, originando um conselho de suporte ao atleta.

Exemplos como o citado nesta seção denotam a necessidade de uma maior atenção ao tema, para que jovens atletas de elite, com grande potencial, não sejam “prejudicados” em virtude de suas qualidades atlético-esportivas e por, em algum momento, atenderem a convocações para representar o Brasil nas arenas esportivas ao redor do mundo.

Percebemos a necessidade de expandir a discussão para além dos atletas que, mesmo com grande dedicação de tempo à sua formação esportiva e consequente

comprometimento de sua formação acadêmica, não lograram sucesso nessa aposta esportiva. A questão da importância da formação acadêmica começa a surgir também para atletas que, ao contrário dos primeiros, obtiveram sucesso na carreira, ao alcançarem destaque em suas modalidades esportivas e que se apresentam hoje, por motivos variados, expostos à necessidade de graduação acadêmica para dar continuidade à sua vida laboral, foco de pesquisa que pode vir a ser desenvolvido em estudo posterior.

Ainda em tempo, frisamos que, no modelo atual, o atleta de elite percebe que, como se apresentam as possibilidades de conciliação, é a partir de seu capital físico que passa a ter acesso a outros tipos de capital cultural, entendendo que, por meio dele, pode, de maneira mais rápida, adquirir capital financeiro. Assim, em virtude de cifras que vêm sendo praticadas no mercado esportivo para aqueles que “vencem” nessa proposta de profissionalização, o “retorno financeiro” pode se apresentar mais rápido do que em uma eventual trajetória acadêmica tradicional.

Outra forma de capital, a simbólica, também seria favorecida, uma vez que sua representação social como atleta de Seleção Brasileira apresentaria, como consequência, ganhos em diferentes áreas nesse contexto. As bolsas de estudo em escolas particulares para que as represente em jogos escolares e para que possa ter sua imagem “explorada” seriam manifestações dessa aquisição que também refletiriam a possibilidade de aquisição de um capital cultural institucionalizado de melhor qualidade nesse tipo de escola, visto que os índices de presença escolar⁷⁶ e de jornada escolar⁷⁷ se apresentam melhores nas instituições privadas (NÉRI, 2009).

Para que entendamos melhor a complexidade deste tema, talvez fosse necessário um mergulho estudando até onde a adoção, por parte dos clubes, de um projeto de treinamento de longo prazo (TLP) influenciaria a questão das demandas temporais de treinamento, que incidem diretamente sobre as responsabilidades escolares. Questões sobre o que, quanto e quando ensinar, de maneira progressiva e pedagógica ao longo da formação esportiva, facilitariam que esses jovens estudantes atletas transitassem pelos ambientes de formação de maneira menos traumática em relação à destinação de tempo para cada uma delas. Aparenta-nos, pelo que encontramos na literatura, que esses

⁷⁶ Índice referente aos dias de aula aproveitados.

⁷⁷ Índice referente às horas diárias dedicadas ao estudo.

jovens, independentemente de seus graus de maturação, ficam expostos a “minitreinos profissionais”, dificultando assim o atendimento das demandas. Pode ser um caminho....

Não desconsideramos a carreira esportiva como meio laboral, mas, como percebemos, ela é muito seletiva e influenciada por vários fatores. Assim, sugerimos continuidade e ampliação dos estudos deste tema, inclusive para atletas inseridos em um momento pós-carreira esportiva profissional.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Sandra Ferreira. **Escola**: as imagens que as representações sociais revelam. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005
- ANDRÉ, M. A produção acadêmica sobre formação de professores: um estudo comparativo das dissertações e teses defendidas nos anos 1990 e 2000. **Formação Docente**: Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente, v. 1, n. 1, p. 41-56, ago./dez. 2009.
- ALVES, J. A. B. , PIERANTI, O. P. O Estado e a formulação de uma política nacional de esporte no Brasil. **RAE-eletrônica**, v. 6, n.1, jan./jun.2007 Disponível em <<http://www.rae.com.br/electronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=3843&Secao=ARTIGOS&Volume=6&Numero=1&Ano=2007>>. Acesso em: 11 nov. 2012.
- AGERGAAD S.; SØRENSEN, J.K. The dream of social mobility: ethnic minority players in Danish football clubs. **Soccer and Society**, v. 10, n. 6, p. 766-780, 2009.
- ARAÚJO, C. A. Bibliometria: evolução história e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006.
- ARAÚJO, H. E.; BARBOSA, F. O futuro da previdência e do trabalho. **GV Executivo**, v.7, n.4, p.23-27, 2008.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Paris: Universidade de France, 1977.
- BARRETO, P. H. G. Flexibilização escolar para atletas em formação alojados em centros de treinamento no futebol: um estudo na toca da raposa e na cidade do galo. 2012. 106 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.
- BARROS, C. P. Economic return on schooling for soccer players. **Journal of Sports Economics**, v. 2, n. 4, p. 369-378, 2001.
- BARTHOLO, T.L. *et al.* Formando jogadores de futebol: o impacto do tempo de treinamento na formação escolar de jovens espanhóis e brasileiros. In.: CONGRESSO - BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17., 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/paper/viewFile/3065/1557>. Acesso em: 18 maio 2012.
- BOURDIEU, P. **A escola conservadora**: as desigualdades frente a escola e a cultura. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BORDIEU, P. **Capital cultural, escuela y espacio social**. Mexico: Siglo Veinteuno, 1997.
- BOURKE, A. The dream of being a professional soccer player: insights on career development options of young irish players. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 27, n. 4, p. 399-419, 2003.

CARODINE, K; ALMOND, K. F; GRATTO, K. K. College Student Athlete success both in and out of the classroom. **New Directions for students athletes**, n. 93, p. 19-33, 2001

CATANI, D. B.; SOUSA, C. P. de. O catálogo da imprensa periódica educacional paulista (1890-1996): um instrumento de pesquisa. In: _____. (Org.). **Imprensa periódica educacional paulista (1890-1996)**: catálogo. São Paulo: Plêiade, 1999. p. 9-30.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Os jovens e o saber**: perspectivas mundiais. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHRISTENSEN, M. K.; SØRENSEN, J. K. Sport or school? Dreams and dilemmas for talented young Danish football players. **European Physical Education Review**, v. 15, n. 1, p. 115-137, 2009.

COLLINS, M. F.; BULLER, J. R. Social Exclusion from High-Performance Sport: Are all talented Young Sports People being given an Equal Opportunity of Reaching the Olympic Podium? **Journal of Sport and Social Issues**, v. 27, n. 4, p. 420-442, 2003

CORREIA, Carlus Augusto Jourand. **Entre a profissionalização e a escolarização**: projetos e campo de possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama. Rio de Janeiro, 2014. 240 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

COSTA, Felipe.Rodrigues da. **A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina**. 2012. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

DAMO, A. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir de formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 434 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAVIS, N. Z. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Edição especial. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2013.

DUBET, F. O que é uma escola justa? **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004.

GOLDBERG, A. D; CHANDLER, T. Sports Counseling: Enchancing the Development of the high school student-athlete. **Journal of Counseling and Development**, v. 74, n. 1, p. 39-44, 1995.

HAMILTON, M. F. H; SINA, J. A. How college affects Sudents Athletes. **New Directions for students athletes**, n. 93, p.35-45, 2001

HICKEY, C.;KELLY, P. Preparing to *not* be a footballer: higher education and professional sport. **Sport, Education and Society**, v. 13, n. 4, p. 477-494, 2008.

FERREIRA JÚNIOR, Rolando. **NBA, CBB e NLB: relações de poder no universo organizacional do basquetebol brasileiro**. Curitiba, 2008. 211 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

KAY, T. Sporting excellence: a family affair? **European Physical Education Review**, v. 6, n. 2, p. 151-169, 2000.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LEE, C.C; An Investigation of the Career Expectations of High School Students Athletes. **The Personnel and Guidance**, v. 61, n. 9, p. 544-547, 1983

LÉVY, Pierre. **O que é virtual ?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. **Juventud es más que una palabra: ensaios sobre cultura e juventud**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MATOS et al. A produção acadêmica sobre conteúdos de ensino na educação física escolar. **Revista Movimento**, v. 19, n. 2, p. 123-148, 2013

MCGILLIVRAY, D.; MCINTOSH, A. 'Football is my life': theorizing social practice in the Scottish professional football field. **Sport in Society**, v. 9, n. 3, p. 371-387, 2006.

MELO, Leonardo Bernardes Silva. **Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro**. 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, Rio De Janeiro, 2010.

METSÄ-TOKILA, T. Combining competitive sports and education: how top-level sport became part of the school system in the Soviet Union, Sweden and Finland. **European Physical Education Review**, v. 8, n. 3, p. 196-206, 2002.

MOROSINI, M. C. et al. **A produção científica sobre educação superior no Brasil: 1968–2000**. Porto Alegre: GT Política de Educação Superior/Anped, 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/faced/pos/universitas/>>. Acesso em: 5 jun. 2012.

MUGNAINI, R.; CARVALHO, T. de; CAMPANATTI-OSTIZ, H. Indicadores de produção científica: uma discussão conceitual. In: POBLACIÓN, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. da (Org.). **Comunicação e produção científica: contexto, indicadores, avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006.

NERI, M. **Tempo de permanência na escola**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, 2009.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 78, p. 15-35, 2002.

- PAOLI, P. B. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. 2007. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.
- PARKER, A. Training for “glory”, schooling for “failure”? English professional football, traineeship and educational provision. **Journal of Education and Work**, v. 13, n. 1, p. 61-76, 2000.
- PRONI, M. W. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Unicamp, 2000.
- RIAL, C. Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes porém... **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, v. 61, n. 2, p. 163-190, 2006.
- ROCHA, Hugo Paula Almeida da. et al. Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz**, v. 17, n. 2, p. 52-263, 2011.
- ROCHA, Hugo Paula Almeida da. **A escola dos jóqueis: a escolha de carreira do aluno atleta**. Rio de Janeiro, 2013. 242 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, v.19, n. 2, p. 37-50, set./dez. 2006.
- ROMÃO, M. G.; COSTA, F. R. da; SOARES, A. J. G. **Escolarização de equipes do voleibol no Rio De Janeiro**. Trabalho apresentado no XI Congresso Espírito-Santense de Educação Física, Vitória, 2010.
- SACK, A. College Sport and the Student-Athlete. **Journal of Sport and Social Issues**, p. 31-47, 1987
- SACK, A. L.; THIEL, R. College football and social mobility: a case study of Notre Dame football players. **Sociology of Education**, v. 52, n. 1, p. 60-66, 1979.
- SANTOS, Verônica Freitas dos. **Narrativas de escolarização: relação com os saberes compartilhados por alunos e alunas nas aulas de educação física**. Vitória, 2012. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.
- SCHNEIDER, O. **Educação physica: a arqueologia de um impresso**. Vitória: Editora da Ufes, 2010.
- SCHNEIDER, Omar; BUENO, José Geraldo Silveira. A relação dos alunos com os saberes compartilhados nas aulas de educação física. **Movimento**, v. 11, n. 1, p. 23-46, jan/abr 2005
- SCHWARTZMAN, Simom; COSSIO, Maurício Blanco. Juventude, educação e emprego no Brasil. **Cadernos Adenauer - Geração Futuro**, v. VII, n. 2, p. 51-65, 2007.
- SINGER, J. N; MAY, R. A. B. The career trajectory of a black male high school basketball player: A social reproduction perspective. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 46, n. 3, p. 299-314, 2011

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; ROCHA, Hugo Paula Almeida da; COSTA, Felipe Rodrigues da. **A escola dos jóqueis**: a aposta de carreira do aluno-atleta. Trabalho apresentado no XV Congresso Brasileiro de Sociologia, Curitiba, 2011

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves et al. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, n.33, m. 4, p. 905-921, dez. 2011.

SPOSITO, M.P.; GALVÃO, I. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-380, 2004.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

WATT, S. K; MOOREIII, J. L. Who are students athletes? **New Directions for Students Athletes**, n. 93, p. 7-18, 2001

APÊNDICES

APÊNDICE A -- Questionário aplicado

Modalidade: _____

Bairro onde mora: _____ CEP: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

1 – Você mora:

1 () Na casa de seus pais ou parentes 2 () Em quarto alugado, pensão ou hotel

3 () No alojamento do clube 4 () Outro: _____

2 – Com que idade você começou a treinar em um clube vinculado a Federação? (federado)

3 – Onde você nasceu?

Estado: _____ Cidade: _____ Bairro: _____

4– Em relação à cor de sua pele (IBGE), como você se CONSIDERA?

1 () Branco 2 () Negro 3 () Mulato/Pardo

4 () Amarela 5 () Indígena 6 () Não desejo declarar

7 () Outro _____

Data de Nasc: _____ Clube: _____

Sexo: _____

Categoria: _____

5 – Você estuda atualmente?

1 () Sim 2 () Não Obs.: _____

6 – Neste mês deixou de comparecer pelo menos um dia à escola?

1 () Sim 2 () Não

7 – Quantos dias deixou de comparecer à escola neste mês por causa do esporte?

_____.

8 – Em que série você está ou completou?

Primário (1ª a 5ª ano)	1 () 1º série/2º ano	2 () 2º série/3º ano
	3 () 3º série/4º ano	4 () 4º série/5º ano
Ginásio (6ª a 9ª ano)	5 () 5º série/6º ano	6 () 6º série/7º ano
	7 () 7º série/8º ano	8 () 8º série/9º ano
2º Grau (1ª a 3ª ano do ensino médio)	9 () 1º ano 10 () 2º ano 11 () 3º ano 12 () Completo	
Faculdade (Superior)	13 () Completo 14 () Incompleto	

9 – Quando você terminar o ensino médio, você pretende:

- 1 () Somente continuar estudando 2 () Somente trabalhar/esporte
 3 () Continuar estudando e trabalhar/esporte 4 () Ainda não sei

10 – Em que turno você estuda?

Manhã	Tarde	Noite	Manhã e Tarde
1 ()	2 ()	3 ()	4 ()

11 – Em qual modalidade estuda?

- 1 () Regular 2 () Supletivo/EJA/PEJA 3 () Outros

12 – Sua escola passa dever de casa?

- 1 () Sempre 2 () Quase sempre 3 () Às vezes 4 () Raramente 5 () Nunca

13 - Você faz o dever de casa?

1 () Sempre 2 () Quase sempre 3 () Às vezes 4 () Raramente 5 () Nunca

14 – Você faz o dever de casa\ estuda fora da escola?

1 () Sempre 2 () Quase sempre 3 () Às vezes 4 () Raramente 5 () Nunca

15 – Quantas horas por semana você gasta para estudar as matérias ou disciplinas da escola?

16 – Você viaja para competir?

1 () Sim 2 () Não

17 – Quantas vezes você viaja para competir por ano?

18 – Quando você falta aula para treinar, competir, ou qualquer outra atividade vinculada ao esporte, a escola ou os professores:

- Abonam faltas: 1 () Sim 2 () Não

- Remarcam provas: 1 () Sim 2 () Não

- Dão aulas extras: 1 () Sim 2 () Não

19 – Tomando por base sua escola comparando com outras que você conhece dê uma nota de 0 a 10

Organização da escola ____

Limpeza ____

Ensino ____

Espaço físico ____

Geral _____

20 – Como você avalia o ensino da sua escola?

1 () Muito puxado 2 () Puxado 3 () Normal 4 () Pouco puxado 5 () Fraco

21 – Você **deseja** estudar até que nível de ensino?

Até 9ª ano do ensino fundamental	1 ()
Até o ensino médio	2 ()
Até a faculdade (superior)	3 ()
Até a pós-graduação	4 ()
Outros: _____	5 ()

22 – Você **acha** que vai conseguir estudar até que nível de ensino?

Até 9ª ano do ensino fundamental	1 ()
Até o ensino médio	2 ()
Até a faculdade (superior)	3 ()
Até a pós-graduação	4 ()
Outros: _____	5 ()

23 – Qual é seu horário de entrada e de saída da escola e dos treinos:

Horário	2º feira	3º feira	4º feira	5º feira	6º feira	Sábado	Domingo
HORÁRIO DA ESCOLA							
HORÁRIO DO TREINO/JOGO							

24 – Você chega atrasado ou sai antes do término das aulas por causa dos treinamentos?

1 () Sempre 2 () Quase sempre 3 () Às vezes 4 () Raramente 5 () Nunca

25 - Em que TIPO de escola estuda?

1 () Federal 2 () Estadual 3 () Municipal 4 () Particular 5 () Outros

26 – Desde a quinta série, em que tipo de escola você estudou?

1 () Somente em escola pública 2 () Somente em escola particular 3 () Em escola pública e particular

27 – Em algum momento você precisou trocar de escola?

1 () Sim 2 () Não

28 – Qual motivo da troca de escola?

29 – Em algum momento você precisou trocar de turno?

1 () Sim 2 () Não

30 – Qual o motivo da troca de turno?

31 – Seu clube oferece escola?

1 () Sim 2 () Não

32 – Em caso positivo na questão anterior, você estuda na escola oferecida pelo clube?

1 () Sim 2 () Não

33 - Em caso negativo na questão anterior, por que não estuda na escola oferecida pelo clube?

34 – Possui bolsa de estudos derivada do basquetebol?

1 () Sim 2 () Não Desde quando? _____

35 – Recebe salário (ajuda de custo) de seu clube?

1 () Sim 2 () Não De quanto? _____

36 – Está incluído em alguma Bolsa Atleta em qualquer nível?

1 () Sim 2 () Não Em qual?_____. Quanto recebe?
_____.

37 – Nome da escola e bairro?

Escola_____

Bairro_____

Cidade_____

38 – Você já repetiu algum ano na escola?

0 () Nunca 1 () 1 vez 2 () 2 vezes 3 () 3 vezes 4 () 4 vezes () ____ vezes

39 – Você já abandonou a escola durante o período de aulas e ficou fora da escola o resto do ano?

0 () Nunca 1 () 1 vez 2 () 2 vezes 3 () 3 vezes 4 () 4 vezes () ____ vezes

40 – Caso positivo, em função de quê?

1 () Trabalho 2 () Esporte 3 () Outros

41 - Como você vai para a escola?

1 () Ônibus 2 () Trem 3 () A pé 4 () De bicicleta 5 () Carro 6 () Moto 7 () Barca 8 () Metrô

9 () Outro _____

42 – Como você vai para o treino?

1 () Ônibus 2 () Trem 3 () A pé 4 () De bicicleta 5 () Carro 6 () Moto 7 () Barca 8 () Metrô 9 () outro _____

43 – Você faz algum curso fora da escola?

1 () Curso de idiomas 2 () Teatro/ cinema / música 3 () Curso de informática

4 () Outro Qual? _____ 5 () Não faço nenhum curso

44 – Quantas horas você gasta com esses cursos por semana?

45 – Quem se preocupa mais com sua formação escolar?

1 () Pai 2 () Mãe 3 () Você

46 – Atribui alguma importância da formação escolar ao seu desempenho como atleta?

1 () Sim 2 () Não 3 () Talvez

Comentários: _____

47 – Atribui alguma importância do basquetebol em sua formação escolar?

1 () Sim 2 () Não 3 () Talvez

Comentários: _____

48 – Quem o incentivou a jogar basquete? Como começou a jogar basquete? Participou de alguma peneira?

1 () Pai 2 () Mãe 3 () Outros

Comentários: _____

49 – Algum outro parente já serviu a alguma Seleção Estadual ou Nacional?

1 () Sim 2 () Não. Quem: _____

50 – Quanto tempo você gasta nos deslocamentos em dias de treinamento?

Local de origem	Local de destino	Tempo gasto
Casa		

51 – Até que série sua mãe estudou?

1ª a 4ª série	1 () Incompleto 2 () Completo
5ª a 8ª série	3 () Incompleto 4 () Completo
Ensino médio	5 () Incompleto 6 () Completo
Faculdade	7 () Incompleto 8 () Completo
Pós-grad.	9 – ()
10 () Não frequentou a escola 11 () Não tenho pai ou responsável	
12 () Não sei	

52 – Até que série seu pai estudou?

1ª a 4ª série	1 () Incompleto	2 () Completo
5ª a 8ª série	3 () Incompleto	4 () Completo
Ensino médio	5 () Incompleto	6 () Completo
Faculdade	7 () Incompleto	8 () Completo
Pós. grad.	9 – ()	
10 () Não frequentou a escola		
11 () Não tenho pai ou responsável		
12 () Não sei		

53 – Assinale a frequência em que você realiza as seguintes atividades em seu tempo livre?

1 () Sempre 2 () Quase sempre 3 () As vezes 4 () Raramente 5 () Nunca

Usa o computador (MSN, Orkut, Facebook etc.)	
Vai ao cinema	
Assiste à TV	
Pratica esporte fora do clube	
Vai à boate, discoteca, <i>funk</i> , samba.	
Lê jornais e revistas	
Lê livros para a escola	
Lê livros por lazer	
Lê livros religiosos	
Vai à igreja ou alguma reunião religiosa	

54 – Você tem religião?

1 () Sim 2 () Não

55 – Qual? _____

56 – Você frequenta:

0 () Nunca 1 () 1 vez 2 () 2 vezes 3 () 3 vezes 4 () 4 vezes () ____ vezes

57 - O que significa ou vem a sua cabeça quando pensa nas palavras:

Treinar:

Estudar:

Ir à escola:

Competir

Dados socioeconômicos

1 – Como você se CONSIDERA?

1 () Branco 2 () Negro 3 () Mulato/Pardo

4 () Amarela 5 () Indígena 6 () Não desejo declarar

7 () Outro _____

2 – Na sua casa tem televisão em cores?

1 () Sim, uma. 2 () Sim, duas. 3 () Sim, três ou mais. 4 () Não tem.

3 – Na sua casa tem rádio?

1 () Sim, um. 2 () Sim, dois. 3 () Sim, três ou mais 4 () Não tem.

4 – Na sua casa tem geladeira?

1 () Sim, uma. 2 () Sim, duas ou mais 3 () Não tem.

5 – Na sua casa tem *freezer* separado da geladeira?

1 () Sim 2 () Não 3 () Não sei

6 – Na sua casa tem máquina de lavar roupas (não é tanquinho).

1 () Sim 2 () Não

7 – Na sua casa tem aspirador de pó?

1 () Sim 2 () Não

8 – Na sua casa tem carro?

1 () Sim, um. 2 () Sim, dois. 3 () Sim, três ou mais () Não tem.

Qual? _____.

9 – Na sua casa tem computador?

1 () Sim, com internet. 2 () Sim, sem internet. 3 () Não

10 – Na sua casa tem banheiro?

1 () Sim, um. 2 () Sim, dois. 3 () Sim, três ou mais () Não tem.

11 – Na sua casa trabalha alguma empregada doméstica?

1 () Sim, uma diarista, uma ou duas vezes por semana.

2 () Sim, uma todos os dias úteis

3 () Sim, duas ou mais todos os dias úteis.

4 () Não

12 – Na sua casa tem quartos para dormir?

1 () Sim, um. 2 () Sim, dois. 3 () Sim, três 4 () Sim, quatro ou mais 5 () Não tem.

13 – Quantas pessoas moram com você?

1 () Moro sozinho ou com mais uma pessoa.

2 () Moro com mais duas pessoas

3 () Moro com mais três pessoas

4 () moro com mais quatro ou cinco pessoas

5 () Moro com mais seis a oito pessoas

6 () Moro com mais de oito pessoas

14 – Você mora com sua mãe?

1 () Sim 2 () Não 3 () Moro com outra mulher responsável por mim.

15 – Até que série sua mãe ou a mulher responsável por você estudou?

1 () Nunca estudou ou não completou a 4º série

2 () Completou a 4º série, mas não completou a 8º série

3 () Completou a 8º série, mas não completou o ensino médio

4 () Completou o ensino médio, mas não completou a faculdade.

5 () Completou a faculdade

6 () Não sei

16 – Sua mãe ou mulher responsável por você sabe ler e escrever?

1 () Sim 2 () Não

17 – Você vê sua mãe ou mulher responsável por você lendo?

1 () Sim 2 () Não

18 – Você mora com seu pai?

1 () Sim 2 () Não 3 () Moro com outro homem responsável por mim.

19 – Até que série seu pai ou o homem responsável por você estudou?

1 () Nunca estudou ou não completou a 4º série

2 () Completou a 4º série, mas não completou a 8º série

3 () Completou a 8º série, mas não completou o ensino médio

4 () Completou o ensino médio, mas não completou a faculdade.

5 () Completou a faculdade

6 () Não sei

20 – Seu pai ou homem responsável por você sabe ler e escrever?

1 () Sim 2 () Não

21 – Você vê seu pai ou homem responsável por você lendo?

1 () Sim 2 () Não

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Universidade Federal do Espírito Santo

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física

Nome:	
Endereço:	
Telefone:	
E-mail:	
Identidade:	

Eu, acima identificado, fui convidado e aceitei participar voluntariamente do estudo intitulado “Conciliações entre formação esportiva e formação escolar: um estudo a respeito das seleções brasileiras de basquete masculinas de base.”, que será o trabalho de dissertação de Mestrado do aluno Márcio Faria de Azevedo, matriculado no Programa de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo sob orientação do Prof. Dr. Wagner dos Santos.

Estou ciente de que este estudo tem como objetivo investigar a relação entre a formação profissional nas categorias de base de basquetebol com a vida escolar, relacionando ainda o nível socioeconômico e familiar e o grau de instrução dos responsáveis pelos atletas, as expectativas educacionais e as estratégias adotadas para a concretização da formação profissional no esporte.

Para isso, estou ciente de que receberei a visita dos investigadores para responder a um questionário, e da possibilidade de fazer parte do grupo a ser entrevistado. A descrição dos procedimentos encontra-se abaixo:

Visita 1. Na primeira visita, com aproximadamente 45min de duração, haverá um esclarecimento geral sobre os procedimentos do estudo, assinatura do termo de consentimento e resposta a um questionário sobre os meus tempos dedicados ao treinamento do futebol e a escola.

Caso seja selecionado, na **Visita 2**, participarei de uma entrevista com duração aproximada de 40min.

Compreendo ainda que:

1. Em estudos dessa natureza, pode ocorrer algum tipo de desconforto pela duração dos encontros realizados.
2. Terei acesso a todos os dados referentes à minha participação neste estudo, incluindo o relatório final.

3. Todas as informações obtidas nos testes por mim realizados serão única e exclusivamente utilizadas para fins acadêmicos e científicos, incluindo publicação em literatura especializada, sendo respeitado o meu anonimato.
4. Tenho plena liberdade para afastar-me do estudo em questão, a qualquer momento que desejar, sem nenhuma obrigatoriedade de prestar quaisquer esclarecimentos e sem um único ônus à minha pessoa.
5. Estou ciente de que receberei ligações ou outra via de contato eletrônico dos organizadores do estudo a fim de detalhar os momentos de minha participação.
6. Declaro ter tido todas as minhas dúvidas esclarecidas e, se necessário, tenho toda a liberdade de solicitar novos esclarecimentos aos responsáveis pelo estudo.

Todos os dados obtidos serão repassados à minha pessoa. Havendo necessidade, será feito o ressarcimento de gastos que porventura eu possa ter com transporte e alimentação. Todos os custos de possíveis Intercorrências correrão por conta do pesquisador responsável.

Voluntário	Testemunha
Investigador Responsável	Testemunha

VITÓRIA, _____ de _____ de 2013.

Investigador Responsável

Prof. Dr. Wagner dos Santos
 Professor do PPGEF-UFES (ES)
 (27) 8827-1892/ wagnercefd@gmail.com
 Universidade Federal do Espírito Santo –
 Centro de Educação física e Desportos.
 Av. Fernando Ferrari S/N, – Goiabeiras–
 Vitória- ES – (27) 3335-7671

Coinvestigador

Márcio Faria de Azevedo
 Aluno do PPGEF-UFES (ES)
 (27) 99517 9578/ fariaazevedo@ig.com.br
 Universidade Federal do Espírito Santo
 Av. Fernando Ferrari 514 – Goiabeiras –
 Vitória – ES –
 (21) 3335-7671

Comitê de Ética em Pesquisa

CEP Goiabeiras

(27) 40097840 – email: cep.goiabeiras@gmail.com

APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Universidade federal do Espírito Santo

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física

Nome do menor:	
Endereço:	
Telefone:	
E-mail:	
Identidade:	
Responsável	

Eu, identificado como responsável pelo menor acima nomeado, autorizo-o a participar voluntariamente do estudo intitulado “Conciliações entre formação esportiva e formação escolar: um estudo a respeito das Seleções Brasileiras de Basquete masculinas de base”, que será o trabalho de dissertação de Mestrado do aluno Márcio Faria de Azevedo, matriculado no Programa de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação do Prof. Dr. Wagner dos Santos.

Estou ciente de que este estudo tem como objetivo investigar a relação entre a formação profissional nas categorias de base de basquetebol com a vida escolar, relacionando ainda o nível socioeconômico e familiar, e o grau de instrução dos responsáveis pelos atletas, às expectativas educacionais e as estratégias adotadas para a concretização da formação profissional no esporte.

Para isso, estou ciente de que o menor receberá a visita dos investigadores para responder à um questionário, e da possibilidade deste fazer parte do grupo a ser entrevistado. A descrição dos procedimentos encontra-se abaixo:

Visita 1. Na primeira visita com aproximadamente 45min de duração, haverá um esclarecimento geral sobre os procedimentos do estudo, assinatura do termo de assentimento, e resposta a um questionário sobre os meus tempos dedicados ao treinamento do futebol e a escola.

Caso seja selecionado, na **Visita 2**, participarei de uma entrevista com duração aproximada de 40min.

Compreendo ainda que:

7. Em estudos dessa natureza, pode ocorrer algum tipo de desconforto pela duração dos encontros realizados.
8. Terei acesso a todos os dados referentes à participação do menor neste estudo, incluindo o relatório final.

9. Todas as informações obtidas nos testes pelo menor realizados serão única e exclusivamente utilizadas para fins acadêmicos e científicos, incluindo publicação em literatura especializada, sendo respeitado o meu anonimato;
10. Tenho ciência de que o menor tem plena liberdade para afastar-se do estudo em questão, a qualquer momento que desejar, sem nenhuma obrigatoriedade de prestar quaisquer esclarecimentos e sem um único ônus à pessoa do mesmo.
11. Estou ciente de que o menor poderá receber ligações ou outra via de contato eletrônico dos organizadores do estudo a fim de detalhar os momentos de meu envolvimento.
12. Declaro ter tido todas as minhas dúvidas esclarecidas e se necessário, tenho toda a liberdade de solicitar novos esclarecimentos aos responsáveis pelo estudo.

Todos os dados obtidos serão repassados a minha pessoa. Havendo a necessidade, será feito o ressarcimento de gastos que porventura eu possa ter com transporte e alimentação. Todos os custos de possíveis Intercorrências correrão por conta do pesquisador responsável.

RESPONSÁVEL	Testemunha
Investigador Responsável	Testemunha

VITÓRIA, _____ de _____ de 2013.

Investigador Responsável

Prof. Dr. Wagner dos Santos
Professor do PPGEF-UFES (ES)
(27) 98827-1892/ wagnercefd@gmail.com
Universidade Federal do Espírito Santo –
Centro de Educação física e Desportos.
Av. Fernando Ferrari S/N, – Goiabeiras–
Vitória- ES – (27) 3335 7671

Coinvestigador

Márcio faria de Azevedo
Aluno do PPGEF-UFES (ES)
(27) 99517-9578 / fariaazevedo@ig.com.br
Universidade Federal do Espírito Santo
Av.Fernando Ferrari 514 –
Goiabeiras – Vitória – ES –(21) 3335 7671

Comitê de ética em Pesquisa

CEP Goiabeiras

(27) 4009-7840 – email: cep.goiabeiras@gmail.com

